

prefácio de philip yancey



Deus o ama do jeito que você é

Não do jeito que deveria ser,
pois você nunca será do jeito
que deveria ser

brennan manning
& john blase



BRENNAN MANNING
&
JOHN BLASE

DEUS O AMA DO JEITO QUE VOCÊ É

NÃO DO JEITO QUE DEVERIA SER, POIS VOCÊ
NUNCA SERÁ DO JEITO QUE DEVERIA SER

Tradução de A. G. MENDES



Copyright © 2011 por Brennan Manning
Publicado originalmente por David C. Cook, Colorado, EUA

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Diagramação: Sonia Peticov
Diagramação para e-book: Dual Pixel

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M246d

Manning, Brennan, 1934-

Deus o ama do jeito que você é [recurso eletrônico] : não do jeito que deveria ser, pois você nunca será do jeito que deveria ser / Brennan Manning ; tradução de A. G. Mendes. - São Paulo : Mundo Cristão, 2011. recurso digital

Tradução de: All is grace
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7325-743-4 (recurso eletrônico)

11-7499. CDD: 231.6
CDU: 27-14

Índices para catálogo sistemático:

1. Deus - Amor. 2. Deus - Adoração e amor. 3. Confiança em Deus. 4. Livros eletrônicos. I. Título.
Categoria: Biografia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: novembro de 2011

Para Roslyn

Sumário

Dedicatória
Prefácio
Testemunhos de leitores
Uma palavra inicial
Introdução
Parte 1 - Richard
Parte 2 - Brennan
Parte 3 - Eu
Uma palavra final
Galeria de Fotos
Cartas
Agradecimentos
Bibliografia



Prefácio

Conheci Brennan Manning na Inglaterra, durante o Festival Greenbelt, uma espécie de Woodstock cristão de artistas, músicos e palestrantes, que havia atraído vinte mil fãs, os quais acamparam em tendas e acomodações improvisadas, montadas no campo barrento de uma pista de cavalos de corrida. Brennan parecia deslumbrado com o espetáculo, e, como se fosse um comentarista esportivo, tentava explicar as sutilezas do evangelicalismo à sua esposa Roslyn, católica de berço e que não tinha a experiência dele com aquela subcultura.

Nos anos que se seguiram, não nos vimos muitas vezes, mas sempre que nossos caminhos se cruzaram, nossa amizade se aprofundou, não se contentando com a mera superficialidade. Quando ele ia para um monastério no Colorado participar de retiros espirituais, às vezes conseguia uma dispensa temporária do voto de silêncio e se encontrava comigo e com minha esposa numa sorveteria (um vício que Brennan não revela nestas páginas). Nossos antecedentes não poderiam ser mais diferentes — um fundamentalista do sul *versus* um católico do norte — e, ainda assim, por caminhos distintos, nós dois topamos com um poço natural de graça e dele temos nos servido desde então. Numa tarde gloriosa de outono em Aspen, caminhávamos por uma trilha atapetada de folhas douradas, à margem de um riacho que nos acompanhava pela montanha, enquanto Brennan contava algumas histórias de sua vida: a infância sem amor, a maratona em busca de Deus, o casamento e posterior divórcio, as mentiras e as coisas encobertas, a luta contínua contra o vício do álcool.

Ao ler estas memórias, talvez você se sinta tentado, como eu me senti, a pensar da seguinte forma: “Como teriam sido as coisas se Brennan não tivesse cedido à bebida”. Insisto com você para que pense diferente: “Como teriam sido as coisas se Brennan não tivesse descoberto a graça”. Mais de uma vez vi esse duende irlandês católico encantar milhares de pessoas com a maneira nova e pessoal de contar a história que todos queremos ouvir: o Criador de todas as coisas nos ama e nos perdoa. Brennan conhece muito bem esse amor e, sobretudo, o perdão. É possível que ele tenha descido do palco e se embebedado num quarto de hotel. Ele admite nas páginas que se seguem ter quebrado todos os dez mandamentos várias vezes (não matarás, Brennan?). E todas as vezes ele pediu perdão, arrependido diante de Deus e dos amigos, levantou-se e continuou a caminhar. Tal como Cristão, o personagem de *O peregrino*, ele seguiu em frente, nem sempre tomando as decisões certas, mas respondendo adequadamente às erradas. (Afinal de contas, o próprio John Bunyan deu o seguinte título à sua biografia espiritual: “Graça abundante ao principal dos pecadores” [*Grace Abounding to the Chief of Sinners*].) Em determinado momento, Brennan se compara a Sansão, aquele super-homem fracassado a quem Deus, de algum modo, encontrou uma maneira de usar até mesmo no dia de sua morte. Ao ler histórias assim no Antigo Testamento, criei um princípio simples para explicar como é possível que Deus use homens e mulheres tão imperfeitos: “Deus usa o conjunto de talentos disponível”. Vezes sem conta Brennan se colocou à disposição de Deus. Nestes últimos anos, quase cego, muitas vezes adoentado e tendo levado não poucos tombos, numa idade em que deveria estar desfrutando da aposentadoria numa praia da Flórida, ele continua a pegar o avião e a voar para toda parte, a fim de proclamar o evangelho em que crê de todo o coração, mas que nem sempre foi capaz de vivenciar.

Um milionário de Denver, depois de ouvir Brennan pregar poderosamente numa igreja local, convidou-o para que dirigisse um retiro de uma semana, no qual falaria a um grupo seletivo de oito amigos seus, entre os quais eu estava incluído. Quando Brennan disse que o retiro seria silencioso, o benfeitor não gostou: “Então eu o trago de longe até aqui para aprender com a sua experiência e ele quer que fiquemos em silêncio?”. Contudo, todos nós tivemos uma hora por dia de conversa pessoal com Brennan, um tempo resumido de

orientação espiritual, depois de meditar nos escritos e nas passagens bíblicas que ele nos preparava. Brennan dava duro o dia todo, enquanto nós, na maior parte do tempo, íamos para o campo ou permanecíamos em nossos quartos e meditávamos.

Como o acampamento onde estávamos não tinha instalações adequadas, íamos todas as noites ao restaurante mais próximo, um local encantador, com vista panorâmica. Na primeira noite, Brennan levou um aparelho de som portátil e fitas cassete com composições de Rich Mullins e John Michael Talbot e propôs que, durante o jantar, ouvíssemos música para meditação e prosseguíssemos com nosso tempo de silêncio. Não demorou muito, apareceu uma garçonne muito animada: “E aí, gente, tudo bem com vocês?”. Ninguém disse nada. Alguns balançaram a cabeça e sorriram discretamente. Uma pessoa que estava no restaurante reconheceu alguém do nosso grupo e se aproximou para conversar. Os clientes das mesas próximas à nossa olhavam com ar de censura para o aparelho de som, de onde saía uma melodia que conflitava com a música de fundo que tocava no restaurante. Brennan riu, ergueu as mãos em sinal de derrota e introduziu uma regra nova: silêncio suspenso durante o jantar.

Penso nessa cena cômica quando me lembro de Brennan. Mais do que ninguém eu sei, de verdade, que ele sempre buscou uma vida pura e santa, a ponto de morar numa caverna na Espanha durante meses, trabalhando lado a lado com os pobres, fazendo voto de castidade, pobreza e obediência. Todavia, seus ideais naufragaram. Outros ruídos — o tilintar das taças de vinho, as risadas vindas de um bar, a voz de uma mulher, a perturbação de outros, em suma, a desordem da vida — interferiam sempre em sua busca santa. Os demônios internos, que ninguém pode compreender a menos que já os tenha experimentado, se erguiam e assumiam o controle.

“Tudo é graça”, conclui Brennan ao olhar para trás, para uma vida rica, mas não sem máculas. Ele pôs sua confiança na verdade fundamental do universo, que ele tem proclamado com fidelidade e eloquência.

Sendo eu escritor, todos os dias me passa pela mente que é muito mais fácil editar um livro do que uma vida. Quando escrevo sobre o que creio e como devo viver, parece tudo muito bem, tudo muito certo. Quando tento viver tudo

isso, é como se o inferno em peso escancarasse suas portas. Ao ler as memórias de Brennan, observo justamente o contrário. Concentrando-se nas falhas, ele deixa de fora muitas vitórias. Eu gostaria que ele contasse as histórias que o enfocam sob uma ótica positiva, e são muitas. Ao optar por uma narrativa em que conta abertamente coisas que podem denegrir sua reputação, Brennan se apresenta como o apóstolo Paulo se apresentou um dia, como “vaso de barro”, um recipiente descartável feito de sujeira cozida. É preciso ler os outros livros de Brennan para que se tenha uma imagem completa do tesouro que há dentro desse vaso.

Um poema de Leonard Cohen retrata isso muito bem:

*Toquem os sinos que ainda podem ser tocados.
Esqueçam a oferta perfeita.
Em tudo há uma fenda.
Só assim a luz pode entrar.*[\[1\]](#)

Philip Yancey



Testemunhos de leitores

Você já se perguntou por que Deus não faz as coisas darem certo na sua vida, ou por que você não consegue fazer com que as coisas deem certo para você? Acho que lemos livros de memórias na esperança de que alguém tenha encontrado uma resposta na vida que possamos usar para compreender a nossa. As páginas que você está prestes a ler conduzem, de fato, a uma resposta, porém sua primeira reação a essas páginas talvez seja semelhante à minha. No início, fiquei confusa e me perguntava como o Brennan podia pregar uma mensagem tão poderosa a respeito da graça e ao mesmo tempo viver uma vida de derrotas, dominada pelo alcoolismo crônico. As histórias, inicialmente, me deixaram com muita raiva — raiva do Brennan por ser aquele maltrapilho encantador, que pregava sem descanso que “Deus nos ama incondicionalmente, assim como somos, e não como deveríamos ser” mas que, ao mesmo tempo, vivia como um maltrapilho bêbado cheirando a vômito, algo que ele, de modo algum, deveria ser. A promessa deste livro — *Deus o ama do jeito que você é* — me chocou a princípio, porque me pareceu puro escárnio o que fui encontrando em suas páginas: uma vida marcada pelo abuso, pela traição, por mágoas, vício e uma doença humilhante. O conteúdo com que deparei nestas páginas acabou comigo, mas depois uma coisa totalmente inesperada e imprevista aconteceu.

Comecei a louvar.

A confusão se transformou em gratidão no momento em que percebi que a jornada de Brennan ao inferno, em que ele dava dois passos para frente e três para trás, mantinha-o tão entrincheirado em sua condição de pródigo que por várias vezes pôde experimentar a graça extravagante do Pai, que sempre o

acolheu em casa. Eu também lutei contra o vício, e nisso a história do Brennan me ajudou a entender a minha; mas mesmo que você não tenha vício nenhum, sei que luta constantemente com alguma coisa. Na maior parte dos testemunhos, as boas novas ocupam apenas uma parte pequena da história, obscurecidas pelos nossos esforços e por nossa superação. Na história do Brennan, e na minha, as boas novas são a história toda, o que nos dispensa, graças a Deus, de provar ou de ocultar o que quer que seja.

Na hora em que permiti que a história deste livro calasse fundo dentro de mim junto com a minha, a raiva se transformou em confiança. Além disso, a humilhação trazida pela doença que acompanha Brennan no inverno de sua vida me constrange a contar também minha história, porque nela se revela a certeza da graça de Deus — como ele é bom, e não como eu sou ruim. Se confiamos na graça, não há por que nos escondermos uns dos outros. A história do Brennan fez que eu pensasse quanto me custaria contar a verdade da minha vida sem retoques. Ele não precisava ter falado nada sobre os detalhes sórdidos do alcoolismo, como não precisava também nos deixar uma imagem final de si mesmo cego, debilitado de corpo e mente, incapaz de se expressar com clareza ou de cuidar de si mesmo. Podia ter recorrido aos seus louros de autor de *best-sellers* e finalizar contando uma última história de alguém impactado por seu ministério. Se assim fosse, nós o teríamos adorado um pouco e aspiraríamos a fazer algo de admirável por Jesus.

Brennan conta sua história de um modo tal que nada sobra, a não ser Jesus. Já estive diante do Cristo antes e me senti envergonhada, ou irada, porém encontrá-lo no final desta história devastadora realmente me quebrantou. E ali, em meio às ruínas da minha história pessoal de sonhos e mágoas, álcool e sucesso, casamento, filhos e divórcio, igreja e ministério, traição e perdão, amor e perda, vi que é verdade, e adorei. *É verdade*. Tudo é graça.

Sharon A. Hersh, MA, LPC, palestrante e autora
de *The last addiction: why self-help is not enough* [O último vício: porque a
autoajuda não é suficiente]



Nestas páginas, Brennan descreve um momento decisivo em sua vida, um momento em que ele passou cerca de três horas perdido numa *terra incognita* arrebatadora, silenciosa e espiritual a que Mircea Eliade chamou certa vez de “Mundo Dourado”. Conheço Brennan há muitos anos, mas não sabia desse episódio.

Minha experiência pessoal desse Mundo Dourado começou quando, certa vez, ouvi Brennan falar por cerca de dez minutos. Eu havia chegado tarde, não sabia quem ele era, me acomodei no fundo vinte minutos antes do final, perplexo com uma história que ele havia contado. Passados tantos anos, posso ainda ouvi-lo dizer: “O Pai me quer muito bem, muito bem mesmo”. A experiência terminou três horas depois — eu continuava sem poder falar, as mãos de Brennan pousadas sobre meus ombros, ele me chamava pelo nome, embora nunca tivéssemos nos visto antes. Meu crachá estava no bolso. Assim como ele, jamais contei a ninguém o que ouvi em meu coração naquele dia, mas minha vida mudou radicalmente depois disso.

Aqui nestas páginas, constatei surpreso que temos muitas coisas em comum.

Nós dois somos fãs dos Yankees de Nova York e da culinária de Nova Orleans. Ambos descobrimos o poeta James Kavanaugh em seu apogeu e tropeçamos em Carlo Carretto antes que ele se tornasse um dos monges desconhecidos mais famosos do mundo. Tanto eu quanto Brennan nutríamos um respeito enorme por nossos avós simplesmente porque ambos foram inteligentes o bastante para se casarem com as avós que tanto adorávamos. Nós dois fomos considerados *simples* sonhadores na vida e pensamos num meio de pegar nosso amor pela linguagem e arrastá-lo para uma vida que só aos sonhadores é permitido viver. Passamos também boa parte da vida lutando com os mesmos demônios.

Espero que estas páginas possam abrir alguns canais de comunicação entre você e Brennan também.

Acho importante que você saiba que uma das razões pelas quais estou vivo hoje se deve ao fato de ter ouvido Brennan falar naquela tarde longínqua. Se estou vivo hoje, se vivo a vida como hoje a vivo, devo isso ao que aprendi com ele.

Aprendi a verdade do evangelho com ele, o mesmo evangelho que você

encontrará neste livro: no fim das contas, meu pecado jamais sobrepujará o amor de Deus. O pródigo não poderá jamais superar o Pai. O evangelho que me diz que não sou medido pelo bem que faço, mas pela graça que acolho em mim. Que estar perdido é pré-requisito para ser encontrado. Que não se vive a vida de fé na luz, que é nas trevas que ela se dá a conhecer. Que não ser santo aqui na terra não nos impede de estar entre aqueles que foram chamados.

Quando os que foram chamados se puserem a caminho, espero conseguir um lugar na fila ao lado do grupo de Nova Orleans, e encontrar ali um padre católico romano plenamente recuperado, bem como todas aquelas pessoas dóceis demais para viver entre os lobos, que se encaminham para Sião principalmente porque tiveram a grande sorte de topar com Brennan no momento em que a Palavra estava pronta para nos ser comunicada por um daqueles que pertencem a Deus.

Agradeço a Deus pela vida do Brennan, pela verdade que ele viveu, e também por estas páginas que nos deu.

Robert Benson

Festa de Santa Maria Madalena, 2011

*Para fazer a grande viagem,
O homem deve ser livre
Da necessidade pessoal.*

Patrick Kavanagh,
The self-slaved [O autoescravizado]



Uma palavra inicial

Escrevi Deus o ama do jeito que você é numa ocasião em que andava num estado de espírito que eu poderia classificar de maltrapilho.

Portanto,

Este livro foi escrito por alguém que imaginava
estar muito longe agora, mas não está.
Foi escrito por um preso que prometeu
à comissão da condicional que se
comportaria, mas não se comportou.
Foi escrito por um míope que
mostrou o caminho
a outros, mas vivia se perdendo.
Foi escrito por um bêbado para quem
um pouco de vinho, se era bom
para o estômago,
muito vinho, então, era bom demais.
Foi escrito por um mentiroso,
vagabundo e ladrão
também conhecido como padre,
preletor e autor.
Foi escrito pelo discípulo que
de tanto ver o recheio do seu biscoito escorrer

pelas beiradas,
decidiu mandar tudo às favas.
Foi escrito por alguém jovem de coração,
mas velho no esqueleto, e que hoje
é levado para onde preferiria não ir.

Contudo,

Este livro também foi escrito para os mansos
que passaram a vida em meio a lobos.
Foi escrito para aqueles que arrebataram a coleira que os prendia
e se entregaram apaixonadamente
às coisas do amor,
que se casaram e se divorciaram.
Ele foi escrito para os que choram,
cujo pranto os tem acompanhado quase
que a vida toda,
mas que se apegaram àquele “**serão consolados**”.
Ele foi escrito para os que sonhavam
em acolher anjos,
mas em vez disso encontraram uns
poucos amigos de grande valor.
Foi escrito para os pródigos, velhos ou jovens,
que tantas e tantas vezes caíram em si.
Foi escrito com o pensamento naqueles
cujos esforços de piedade
não têm mais sentido,
porque já foram consumidos pela Misericórdia.
Este livro é para mim mesmo,
e também para os que já passaram por
tanta coisa por aí,
e a tal ponto, que agora podemos espalhar
sem receio a notícia que nós, maltrapilhos, temos para dar: tudo é

graça.



Introdução

Já faz algum tempo que vocês não têm notícias minhas. Houve até quem imaginasse se eu ainda estaria vivo. Pois estou. Esses últimos anos da minha vida foram difíceis, difíceis no sentido de que as coisas não saíram conforme eu havia planejado. Na verdade, nada está como eu planejei. Fui desenraizado e transplantado para solo familiar, porém estranho. Digo isso tanto no sentido literal quanto metafórico. Estou vivo, mas tem sido difícil. Assinei o contrato para escrever minha biografia já faz cinco anos. Se tivesse sentado para me dedicar a ela na época, este seria outro livro. Mas não foi o que fiz.

Há muitas razões pelas quais demorei a escrever, e uma delas foi que não conseguia entender por que alguém haveria de querer ler um livro sobre minha vida. Fiz recentemente essa pergunta ao meu amigo John (coautor deste livro). Sua resposta foi: “Porque você acredita, Brennan, que a migalha da graça não deixará de cair”. Ri porque esse texto está num dos meus livros favoritos, *Diário de um pároco de aldeia*.^[2] Depois de caminhar por esta terra durante mais de setenta anos, quarenta dos quais dedicados ao evangelismo itinerante, posso realmente dizer que sim, é nisto que creio. Mais do que possuir essa crença, é essa crença que me possui.

São Paulo escreveu aos filipenses recomendando-lhes que “[esquecessem] as coisas que ficaram para trás”. Seguir ao pé da letra a exortação do apóstolo faria das memórias, no máximo, mera abstração. Não creio que tenha sido essa a intenção de Paulo. Minha experiência me mostrou que eu, com frequência, tenho a tendência de negar o que ficou para trás, mas, ainda segundo eu creio, o que se nega não pode ser curado.

Como escreveu certa vez Joan Didion, quero que estas memórias confirmem “uma linha narrativa sobre imagens discrepantes”. Tentei desenvolver minha história conforme ela foi se desenrolando no tempo, de modo que o leitor tenha como se situar nesta longa jornada. Há memórias que são triviais, isto é, fazem justiça ao significado literal da expressão “em linha reta”. Minha história, porém, é menos linear. Ela é mais uma peregrinação tortuosa, em que não faltam idas e vindas, lapsos, regozijos e pesares.

Minha história é um rosário cujas contas são as pessoas e as experiências que fizeram de mim o que sou. Tentei passar de uma conta para outra, mas meus dedos estão debilitados e minha vista está cansada. Por isso, me perdoem pelas lacunas e pelas interrupções na cronologia que vão deixá-los curiosos para saber mais. A verdade é que não conto tudo neste livro. Às vezes, preferi não entrar em detalhes; outras vezes, simplesmente não me lembrava mais. É isso. Mas, com a ajuda de Deus e de John, a história que conto aqui é a mais fiel possível à minha lembrança.

Já escrevi sobre algumas experiências que tive com a graça “bruta” de Deus, em que as ondas de sua fúria afetuosa me fustigavam sem cessar. Também já provei igualmente muitos momentos, talvez mais vezes, em que o amor do Aba era mediado — a graça através da nuvem de testemunhas, cujas sombras pousavam sobre minha vida maculada, sofrida e exaurida. Procurei honrar essas vidas neste livro. Seja, porém, como for, está tudo bem, graça é graça.

Todo maltrapilho tem uma oração característica: “Deus, tem misericórdia de mim, pecador”. Qualquer tentativa de floreio para deixar esse clamor mais palatável traz consigo o fermento dos fariseus. Adianto que o meu clamor sempre esteve longe de ser objetivo. Ele mais parece um caminho tortuoso, cheio de espinhos, onde não faltam corvos e vodca. Você está disposto a vir comigo? Muito bem. Fui padre, e então ex-padre. Marido, e então ex-marido. Encantei multidões à noite e menti para os amigos no dia seguinte. Bêbado durante anos, sóbrio durante algum tempo, e então bêbado outra vez. Fui João, o apóstolo amado; Pedro, o covarde; e Tomé, o que duvidou, e tudo isso antes de a garçonete trazer a conta. Quebrei todos os dez mandamentos seis vezes na terça-feira. E se você está pensando que essa última frase foi só para dar um efeito dramático à narrativa, saiba que não foi.

Buechner disse muito bem:

Estou propenso a acreditar que Deus nos deu a memória sobretudo para que pudéssemos voltar no tempo, de modo que se não desempenhamos bem nosso papel da primeira vez, possamos desempenhá-lo bem agora. [...]

Em outras palavras, talvez possamos dizer que a memória nos permite abençoar o passado, até mesmo aquelas lembranças que parecem nos amaldiçoar, bem como ser abençoados por ele. [...] É disso que trata o perdão dos pecados.^[3]

Em seu ensaio “Voltando para casa”, E. B. White lembra uma coluna escrita por Bernard DeVoto para a *Harper's*. O colunista se queixava de uma viagem recente que fizera à costa do Maine. Ele dizia que a estrada até o local era “repleta de *drive-ins*, lanchonetes, lojas de suvenires, parques de diversão mambembes e restaurantes baratos”. White percorrera pouco tempo antes a mesma rota por onde DeVoto passara, porém sua experiência havia sido muito diferente. Sim, havia numerosos hotéis com fachada de mau gosto próximos a pitorescas casas de tábuas contíguas a celeiros, e quem quisesse aprender a soletrar “mocassim” enquanto dirigia teria inúmeras oportunidades para isso. No entanto, havia algo mais. Havia árvores floridas e pinheiros, cervos elegantes e raposas de porte perfeito, tudo bem ali, de graça. Algo, porém, teve um papel fundamental nessa percepção.

White concluiu:

Provavelmente o destino de um homem colore a estrada, amplia ou reduz seus defeitos. Deslizando sobre o asfalto, eu me dirigia para casa. DeVoto, ao percorrer o mesmo trajeto, ia em direção ao que ele descrevia cautelosamente como “compromissos profissionais”. Com isso, talvez ele quisesse dizer que estava a caminho de algum lugar onde daria uma palestra ou receberia um diploma. Conduzir um carro a caminho de casa é uma experiência muito diferente de conduzi-lo a um

palco, e se nossas experiências são diferentes, isto não se deve a alguma diferença significativa em nosso poder de observação, e sim ao fato de que nos dirigíamos para destinos emocionais distintos.[\[4\]](#)

No asfalto da minha vida, quase sempre segui na direção do que poderia classificar como “compromissos profissionais”. Pelo menos eu pensava assim. Agora tudo isso passou. Vivo hoje numa direção emocional diferente. Sigo para casa, embora não seja um grande exemplo de coisa alguma, com exceção, é claro, da graça. Mas o que é exatamente a graça? Nas páginas que se seguem, dou minha palavra final sobre o assunto. Graça é tudo. Sou Brennan, a testemunha.

Tout est Grâce,
Brennan

Parte 1



RICHARD



1

Nem sempre recebemos o que pedimos. Imagino que toda criança já deve ter ouvido isso de uma forma ou de outra. É uma lição difícil de aprender, mas é fundamental para o amadurecimento. Quando eu ouvia minha mãe, Amy Manning, dizer essa frase, sabia que ela não estava se referindo a alguma coisa trivial como uma luva de beisebol ou uma boneca. Ela falava de algo muito mais profundo.

Minha mãe havia rezado por uma menina, mas o que ela recebeu no dia 27 de abril de 1934 foi um menino, eu, Richard Manning. Meu nome nem sempre foi Brennan.

Era a época da Grande Depressão, e nós morávamos no Brooklyn, em Nova York. Meu irmão, Robert, havia nascido quinze meses antes de mim. Durante anos, ouvi muitas mães sorrirem e se referirem ao segundo filho nascido pouco tempo depois do primeiro como “minha surpresinha”. Minha mãe não pensava assim; não naquela época. Para ela, fui mais uma decepção, mais uma prece não atendida.

Minha mãe nasceu em Montreal, no Canadá. Quando ela estava com 3 anos, seus pais morreram num intervalo de seis dias um do outro, vítimas de uma epidemia de gripe que varreu a cidade, matando milhares de canadenses. Naquela época, quando se recitava na oração antes de dormir “se eu morrer sem acordar”, tal possibilidade era muito real. Não havia ninguém que pudesse acolher minha mãe, por isso ela foi mandada para um orfanato onde ficou durante dez anos. Só Deus sabe o que ela passou naquele tempo. Fico imaginando, às vezes, se havia alguém por perto para ajudar uma garotinha

enlutada de 3 anos. Será que alguém se lembrou de comemorar o aniversário dela? Será que sabiam o dia em que ela fazia aniversário? E no Natal, será que ela ganhava algum presente? Quem eram as mulheres por trás das paredes daquele orfanato, e que imagem materna passaram para ela, se é que passaram alguma? E os homens? Será que ela sofreu abusos? Foi estuprada? Tudo isso e muito mais pode ter acontecido à minha mãe naqueles dez anos de vida sofrida. No entanto, não há respostas para minhas perguntas, porque o que aconteceu naquele tempo ficou para trás. Mas é bem possível que ela respondesse às minhas perguntas do mesmo jeito que respondia a muitas outras: “Nem sempre recebemos o que pedimos”.

Quando tinha 13 anos, minha mãe foi adotada por um homem conhecido como Black George McDonald. Por que ele a adotou, ou que detalhes cercaram a adoção, eu não sei; só sei que o nome dele parece ter saído diretamente de um romance. O que me disseram foi que ele havia encontrado certa quantidade de ouro e que esteve envolvido na construção da cidade de Alexandria, entre Montreal e Toronto. Portanto, Black George tinha, evidentemente, boas condições financeiras, mas desconheço quais teriam sido suas intenções. É possível, contudo, que fosse movido por algum grau de bondade, já que minha mãe queria ser enfermeira e ele pagou os estudos dela. Foi um presente que a levou ao Brooklyn, onde ela completou o curso de enfermagem, conheceu meu pai, casou-se com ele, deu à luz o meu irmão, rezou por uma menina e ganhou a mim. Embora seja fácil deduzir que para mim foi doloroso saber da decepção da minha mãe quando eu nasci, decidi que nestas páginas eu expressaria minha gratidão. Portanto, nesse espírito, digo: “Obrigado, Black George McDonald. Não sei bem pelo que agradeço, mas sei que a boa vontade que você demonstrou em relação à minha mãe acabou resultando no meu nascimento, desejado ou não. Então, obrigado”.

O curso de enfermagem que minha mãe fez era baseado nos métodos então em vigor dos anos 1920. “Paternidade” e “maternidade”, acredite ou não, são termos que só se tornaram comuns no fim dos anos 1950; antes disso, só se falava em “educar filhos”. A regra previa disciplina, controle, rigor e um mínimo de afeto. Os primeiros behavioristas, como J. B. Watson, influenciaram o pensamento e a abordagem da época. Reproduzo a seguir uma citação que

deixa muito claro o espírito de então: “O amor materno é um instrumento perigoso que pode arruinar a chance de felicidade futura da criança”. Watson defendia um rápido aperto de mãos todas as manhãs entre pais e filhos, nada mais. Por mais estranho que isso soe agora, foi nesse mundo que meu irmão e eu nascemos. Sob muitos aspectos, era também o mundo em que minha mãe cresceu.

Uma vez que procuro compreender os mistérios da minha vida, não posso deixar de considerar as vozes e as experiências que moldaram minha mãe. Sua odisséia de órfã à enfermeira profissional e jovem mãe torna sua sobrevivência nada menos que heroica, mas os heróis nem sempre são os melhores pais.



Junte a essa história um homem chamado Emmet Manning, meu pai. Minha mãe e ele, de muitos modos, formavam uma dupla cheia de contrastes. Diferentemente dela, ele não ficou órfão. Na verdade, desde que meus pais se casaram, meus avós foram morar conosco. Black George, que fez as vezes de pai da minha mãe, era um benfeitor discreto, mas o pai do meu pai era um alcoólatra inveterado. Não tenho a menor ideia do que minha mãe deve ter passado quando criança, mas pude vislumbrar as explosões de ira que meu pai deve ter suportado na infância. Aprendi então que as crianças não estão sujeitas a um tipo de orfandade apenas.

Se, por um lado, minha mãe havia concluído o curso de enfermagem, meu pai, por outro lado, tinha apenas um mero diploma do ensino fundamental. O diploma de enfermeira de minha mãe fazia dela uma profissional disputada, mesmo durante a Grande Depressão. Ela trabalhava em dois empregos: atendia oito horas por dia no St. Mary's Hospital e cuidava depois de outros casos em particular. O trabalho do meu pai, isto é, quando havia algum, era sempre esporádico ou de meio período.

Esporádicas e parciais eram também as conversas que me lembro de ter com ele. As palavras que trocávamos tinham como foco a correção, isto é, a *minha* correção especificamente. Na verdade, dizer que eram *conversas* é um exagero. Pareciam-se mais com monólogos, cuja conclusão era sempre dolorosa. Ele me

mandava para o quarto, eu abaixava as calças e ele me batia com um cinto de couro. Essas demonstrações de masculinidade talvez dessem ao meu pai uma sensação de poder, mas eu sabia que até mesmo essa sua função de agente da disciplina era um traço que minha mãe, a matriarca, fazia questão que ele tivesse.

Dia após dia, meu pai calçava seus sapatos de couro e saía a pé de casa em busca de trabalho. É impossível não pensar que ele não estivesse também atrás de outras coisas, algo que não conseguia expressar com palavras, mas de que precisava diariamente. Talvez estivesse em busca de si mesmo e soubesse que seu pai, que deixara em casa, não poderia ajudá-lo. Talvez estivesse em busca de dignidade, na esperança de que alguém se orgulhasse dele. Minha mãe, porém, lhe recusava esse tipo de respeito. Não sei direito o que ele procurava, sei apenas que todos os dias ele saía.

Nem sempre recebemos o que pedimos; recebemos o que temos de receber. Amy era uma sobrevivente. Emmet era alguém que buscava. Juntos, os dois eram as árvores mais altas da minha floresta: mãe e pai.

Sem nada dizer, ele pergunta:

Como reagir ao que ficou para trás?

Robert Frost, “The Oven Bird” [O João-de-Barro]



O mais belo bebê do Brooklyn



2

Este sou eu aos 3 anos. Bonitinho, não é? Minha mãe inscreveu a foto num concurso — “o mais belo bebê do Brooklyn” — ou coisa parecida. Na época, eu tinha bochechas gordinhas, covinhas no rosto, grandes olhos azuis e cabelo loiro cacheado. Tudo leva a crer que minha mãe se orgulhava um pouco de mim, do contrário não teria inscrito minha foto. Acabei vencendo o concurso, mas isso não parece ter afetado a dinâmica que havia entre mim e ela.

Por exemplo, muitas vezes minha mãe voltava para casa à tarde entre um serviço e outro. Eu corria em sua direção e a abraçava, mas ela me empurrava. “Você é muito chato! Vá se sentar ali no canto e cale a boca!” Portanto, num certo sentido, a câmera não mentia: eu era bonitinho. Por outro lado, sim, ela mentia, pois no quadro seguinte eu era um incômodo.

Aquela foto acabou personificando a sensação de conflito entre mim e minha mãe. Quando eu estava no ensino médio, ela fazia questão de mostrar a foto às minhas namoradas, de modo que elas não tivessem dúvidas de como eu era bonitinho quando bebê. No entanto, o orgulho que ela sentia daquela foto não parecia jamais se traduzir em realidade. Os filhos, mesmo os que já têm 18 anos completos, não estão imunes ao sentimento de vergonha, e era isso o que eu sentia sempre que ela exibia aquela foto. Eu odiava.

Outra lembrança muito viva que tenho é de quando tinha 6 anos, poucos dias antes do Natal. Meu pai voltara para casa depois de mais um dia procurando emprego e ouviu novamente uma pergunta que já ouvira centenas de vezes:

— Encontrou alguma coisa, Emmet?

Ele respondeu como respondia sempre:

— Não, Amy. Como estão os meninos?

Foi então que minha mãe apontou na direção do meu irmão Rob e disse que ele tinha um gênio dos infernos, que era o diabo em pessoa.

— Emmet, quero que você o leve para cadeia já. Conte tudo o que ele faz à polícia e deixe-o lá.

Acontece que meu irmão tinha apenas 7 anos na época, portanto dificilmente poderia ser aquele diabo todo. Ainda assim, meu pai ajudou Rob a vestir seu casaquinho de marinheiro, foi com ele até a porta da frente e dali ganharam a rua, imaginei eu, rumo à delegacia de polícia. Fiquei apavorado. Eu me arrastei até a janela, sentei no peitoril, coleí o nariz na vidraça congelada na esperança de que meu pai e Rob fizessem meia-volta e voltassem para casa. Parecia que eu estava ali há meia hora esperando, me esforçando para enxergar alguma coisa entre as lágrimas e a neve que caía. Tudo se passou em 15 minutos, talvez, mas para uma criança, o terror não se mede em minutos, e sim a cada respiração. Pouco depois, o pânico que eu sentia ficou ainda maior ao ver que meu pai voltava para casa sozinho. Naquele momento, tive certeza absoluta de que da próxima vez que eu não obedecesse, seria mandado para a cadeia e ali ficaria pelo resto dos meus dias, assim como o Rob. Depois, vi que meu irmão vinha pouco atrás do meu pai, chutando a neve. Suponho que ele deve ter levado o Rob até a cadeia, talvez tenha até entrado com ele para assustá-lo, deu-lhe uma bronca e depois disse: “Agora, vamos para casa”.

Desci do peitoril achando que aquela situação era normal para Rob, meu pai, e para praticamente todos os meninos que eu conhecia — fiquei firme, porque “meninos não choram”. Mas aquela lembrança me assombrou por mais de quarenta anos de choro reprimido. Até hoje não sei se verti lágrimas comparáveis ao terror que senti naquele dia. É claro que tive medo porque estava pensando em mim mesmo, mas também não sei o que faria sem o Rob.

O que é meu coração para você,

Para que você o quebre a todo instante...

Escolha outra coisa para maltratar.^[5]

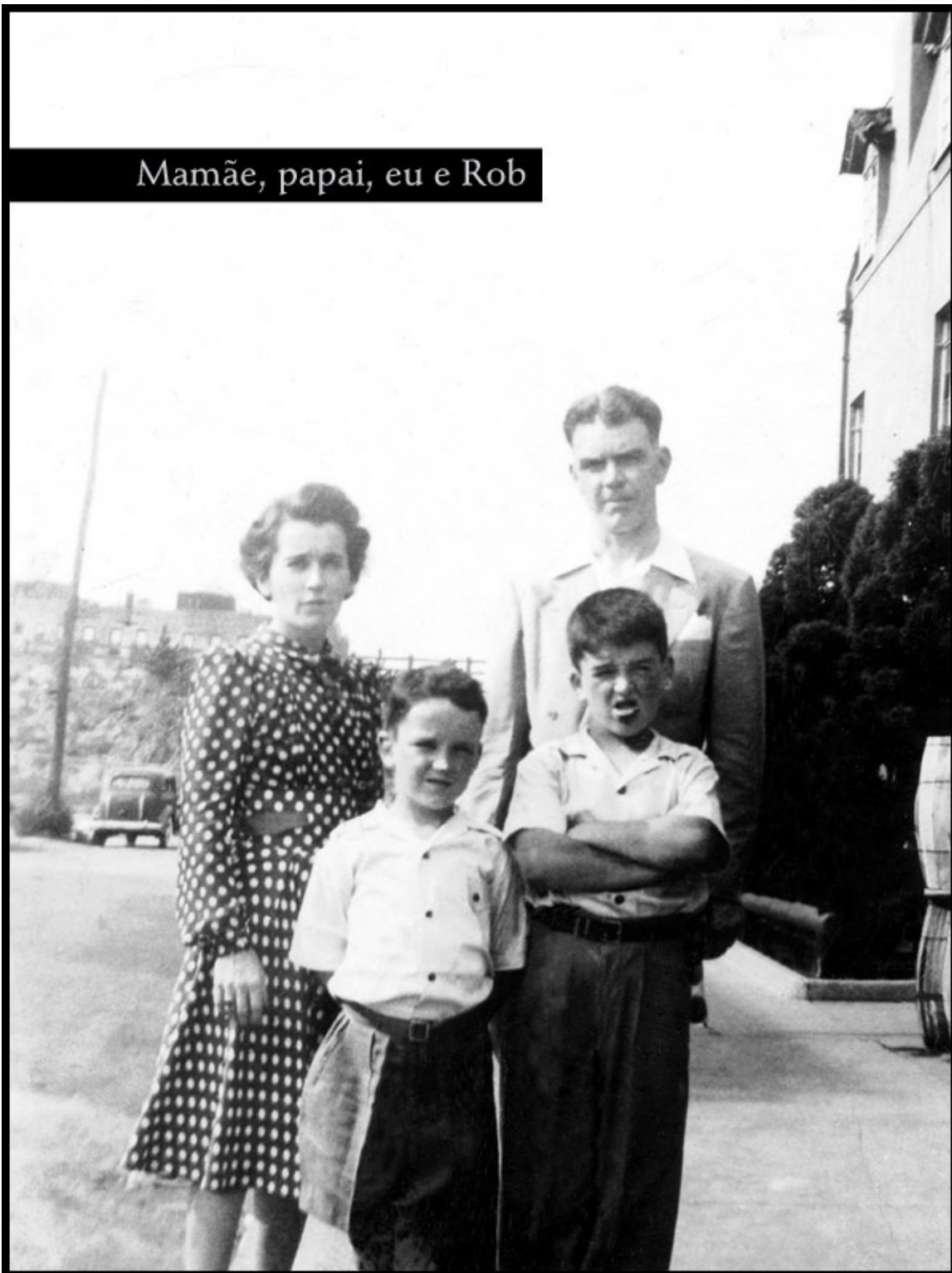
Louise Gluck, “Matins” [Prece da manhã]



Rob era pouco mais velho do que eu e, teoricamente, poderia ter sido um aliado nas brigas com meus pais. Imagino que ele também poderia tomar o partido deles contra mim. Meu irmão decidiu não escolher ninguém. Escolheu a si mesmo. Ele se importava apenas com uma única pessoa — Rob. Não creio que fosse por egoísmo, acho que era mais por autopreservação. Contudo, ainda éramos irmãos, ambos em perigo e tentando descobrir um meio de sobreviver ao que um poeta chamou “ira crônica daquela casa”.

Se eu tivesse de usar uma palavra apenas para descrever meu irmão, diria que ele era *durão*, mas não creio que usasse essa palavra porque Rob era mais do que isso. Para mim, ele era uma pedra. Ainda me lembro de ouvi-lo despejar sua raiva contra pessoas e coisas. Não que ele fosse um sujeito irritadiço; era mais uma demonstração de força e de limites, assim como faz um urso quando urra e bate a pata no chão. Ele era muito controlado, era o líder da turma de meninos do bairro, gostava de brigar e não parecia precisar de nenhuma gota de afeto da minha mãe. Uma pedra. Como é comum ao irmão caçula, eu o amava e o odiava ao mesmo tempo.

Mamãe, papai, eu e Rob



Rob e eu costumávamos brincar de relógio com os garotos da vizinhança. Hoje seria considerado um jogo bobo, possivelmente estúpido. Mas aquela era

outra época. A brincadeira era assim: um grupo de crianças, cinco ou seis, sentava-se em um banco ou na varanda de uma casa, e o líder do jogo, que sempre tinha um relógio, perguntava: “Que horas são?”. O objetivo era adivinhar a hora exata. Quem errasse era eliminado. Finalmente, alguém adivinhava as horas, o que dava a essa pessoa o direito de assumir a liderança na rodada seguinte. Não sei como era possível, mas nós jogávamos esse mesmo jogo várias vezes diariamente.

Um dia, estávamos brincando de relógio e eu era o líder. Mais cedo, naquele mesmo dia, Rob havia me tratado mal. Ele me perseguira com um facão em torno da mesa de jantar fingindo que era um bandido ou coisa parecida. Sei que ele só queria me assustar, e havia feito isso bem até demais naquela manhã. Decidi então me vingar. Ele podia ser uma pedra, mas eu era esperto.

Mais tarde, fomos então brincar de relógio na porta da frente de casa. Normalmente ela ficava trancada, mas naquele dia me certifiquei de que estivesse destrancada. Eu ia passando pelas crianças perguntando-lhes as horas, até que chegou a vez de Rob. Ele errou. Dei-lhe então um soco no rosto com toda a força e saí correndo em direção à porta, entrei e tranquei-a atrás de mim. Ele ficou batendo na porta, gritando que ia me matar! Imagino a perplexidade que deve ter tomado conta das outras crianças.

É claro que Rob não me matou. E assim como o tempo passou no relógio de verdade, a ira do meu irmão também se foi. Daquele dia em diante, passei a ser visto com mais respeito pelos meus colegas. Meu irmão era o menino mais temido do bairro, e ninguém jamais havia ousado bater nele. Eu bati e vivi para contar a história. Nunca perguntei nada ao Rob, mas acho que ele ficou orgulhoso de mim naquele dia. Foi isso o que quis dizer quando afirmei que não saberia o que fazer se meu irmão tivesse ficado na cadeia naquele dia. Nossa relação fraterna era muitas vezes antagônica, mas ele era testemunha de que eu tinha algum grão de coragem. Eu precisava daquela presença porque, às vezes, achava que eu podia desaparecer.



3

São poucas as lembranças que tenho do meu avô. Eu o evitava o máximo que podia. Ele tinha uma lesão de trabalho que não lhe permitia ter um emprego regular. O álcool consumia boa parte do seu tempo. Não tenho lembranças de que ele me maltratasse, me ofendesse ou coisa parecida. Lembro-me de que ele tentava, enfurecido, maltratar minha avó ou meu pai, mas a essa altura ele já era um tubarão sem dentes. Creio que não era assim quando meu pai era criança.

O que eu mais gostava no meu avô era o fato de ele ser casado com minha avó. Anna Sexton era o estereótipo da irlandesa, exceto pelo gênio. Eu a amava. Ela era bonita. Tinha talvez 1,60m de altura, mas o que lhe faltava em estatura sobrava em generosidade no rosto corado por cabelos brancos como a neve. A célebre psicóloga Alice Miller propôs certa vez o conceito de “testemunha iluminada” — alguém capaz e disposto a tomar a defesa da criança e protegê-la de perigos e abusos. Minha avó foi minha testemunha iluminada. Com ela em casa, sentia-me seguro. Eu sentia amor e aceitação também, mas principalmente segurança. Não me lembro jamais de tê-la ouvido dizer alguma coisa indelicada à minha mãe ou a respeito dela. Ela parecia compreender e respeitar a frágil constituição do nosso lar. Contudo, nem por isso ficava apática e quieta quando eu era maltratado. Ela era exímia na arte de desarmar os outros — e sabia usar com muita habilidade uma palavra ou um tom de voz para atenuar a ira de minha mãe. Sempre achei que ela tivesse aprendido essa arte da convivência com o marido alcoólatra, atenta ao que devia e ao que não devia dizer, quando falar ou não. Mas também é possível que esse dom fosse

natural; talvez Deus soubesse que ela iria precisar desse talento na vida, por isso agraciou-a abundantemente com ele. De qualquer modo, fico feliz que tenha sido assim.

De todos os meus livros, *The Boy Who Cried Abba*^[6] [O garoto que clamava Aba] é um dos meus favoritos. Ele conta a história de Willie Juan, um personagem meio autobiográfico. Um dos principais personagens é Sereno Poente, avó de Willie Juan. Ela havia levado uma vida muito diferente na juventude; passava o tempo em busca do amor e da felicidade nos lugares errados. Foi então que aconteceu uma grande mudança, e ela rompeu com os velhos hábitos de vida e mudou o nome para Sereno Poente. Ela descreve da seguinte forma o carinho que sente pelo neto que acabara de ser vítima de maus tratos: “Meu querido Willie Juan, o jeito que você foi tratado hoje não é novidade [...] As pessoas sempre acham [...] que podem maltratá-lo porque ninguém vai se dispor a protegê-lo”. Contudo, Sereno Poente se dispôs a proteger Willie Juan, tal como minha avó — que serviu de inspiração para aquele personagem — me protegia. Minha mãe tinha razão: nem sempre recebemos o que pedimos. Desde o início me perguntei se ela não estaria apenas em parte com a razão. De certo modo, eu acreditava que, às vezes, era possível receber muito mais.



Nos dias mais negros da Grande Depressão, as pessoas falavam do “grande lobo mau”. Diziam também que “o lobo está sempre à porta”. Essa imagem refletia bem o medo generalizado que todos sentíamos naqueles tempos difíceis. De fato, a canção “Quem tem medo do lobo mau?” tornou-se um hino daquela época, uma tentativa de encorajar todo mundo a manter a cabeça erguida. Havia, porém, outra imagem para mim na ocasião que era mais forte do que a do lobo. Trata-se do que sempre ouvi descrito como “o dragão invisível”. Esse monstro não estava à porta; não era grande nem mau; ele estava do lado de dentro, era sutil e devorador. Vergonha.

Quando me lembro da minha infância, a palavra *vergonha* tem a abrangência de um guarda-chuva. É a sensação de ser totalmente insuficiente como pessoa;

é um sentimento torturante de que, por algum motivo, você é imperfeito e indigno. Era assim que eu me sentia o tempo todo. E assim como existe apenas uma palavra para descrever esse estado, existe apenas uma experiência na minha memória com uma abrangência assim tão vasta, um momento no tempo que deu forma a todo o meu mundo. Fiz alusão a essa minha experiência em meu livro *O impostor que vive em mim*, mas quero me aprofundar um pouco mais aqui. Por quê? Bem, agora já não tenho tanto medo de dragões.

A lembrança me voltou à mente num dia em que eu participava de um longo retiro nas Montanhas Rochosas do Colorado, um momento muito necessário de cura e solidão. Passava as manhãs sob os cuidados atenciosos de um psicólogo, que me ajudou a revisitar as lembranças da minha infância. Numa manhã fresca em que conversávamos, fiquei surpreso ao me dar conta de que havia um absoluto vácuo de sentimento na minha vida. Era como se eu não pudesse ter acesso às minhas emoções. Percebi que há muito tempo não sentia nada, desde que tinha cerca de 8 anos. Nas sessões com o psicólogo, lembrei-me de algo que aconteceu naquela época, uma coisa sinistra que obscureceu irreparavelmente minha vida.

Minha mãe passara em casa certa tarde antes de seguir para outro turno de trabalho. Por algum motivo eu a recebi com uma indagação agressiva:

— Você gosta mais do Robert do que de mim, não é? Você sempre gostou mais dele! Eu odeio você!

Minha mãe parecia perplexa, mas eu insisti. Continuei a acusá-la.

— A verdade é que Robert sempre foi seu favorito. Você sempre foi carinhosa com ele e ruim comigo.

Ela ficou brava.

— Pare com isso! Não diga mais nada. Pare imediatamente!

Minha mãe avançou então na minha direção e começou a me bater sem parar até que eu caí. Ela me pôs sentado no chão e continuou a me bater enquanto gritava:

— Cale a boca! Cale a boca!

Minha avó entrou então na sala e com sua voz suave acalmou a situação.

— Amy, é melhor você parar. Você vai machucá-lo.

Era isso o que eu queria dizer com desarmar: ela não chegou gritando com

minha mãe, como talvez alguém pudesse imaginar. Ela estava calma e, de algum modo, sabia que seu jeito sereno de lidar com as coisas faria com que minha mãe parasse.

Não sei se foi de uma vez só ou aos poucos, não me lembro, só sei que a agressão cessou. Houve momentos antes daquela ocasião em que questionei meu valor como pessoa, mas aquela experiência dos meus 8 anos confirmou que eu era uma pessoa indigna. Senti como se fosse desaparecer num monte de cinzas.

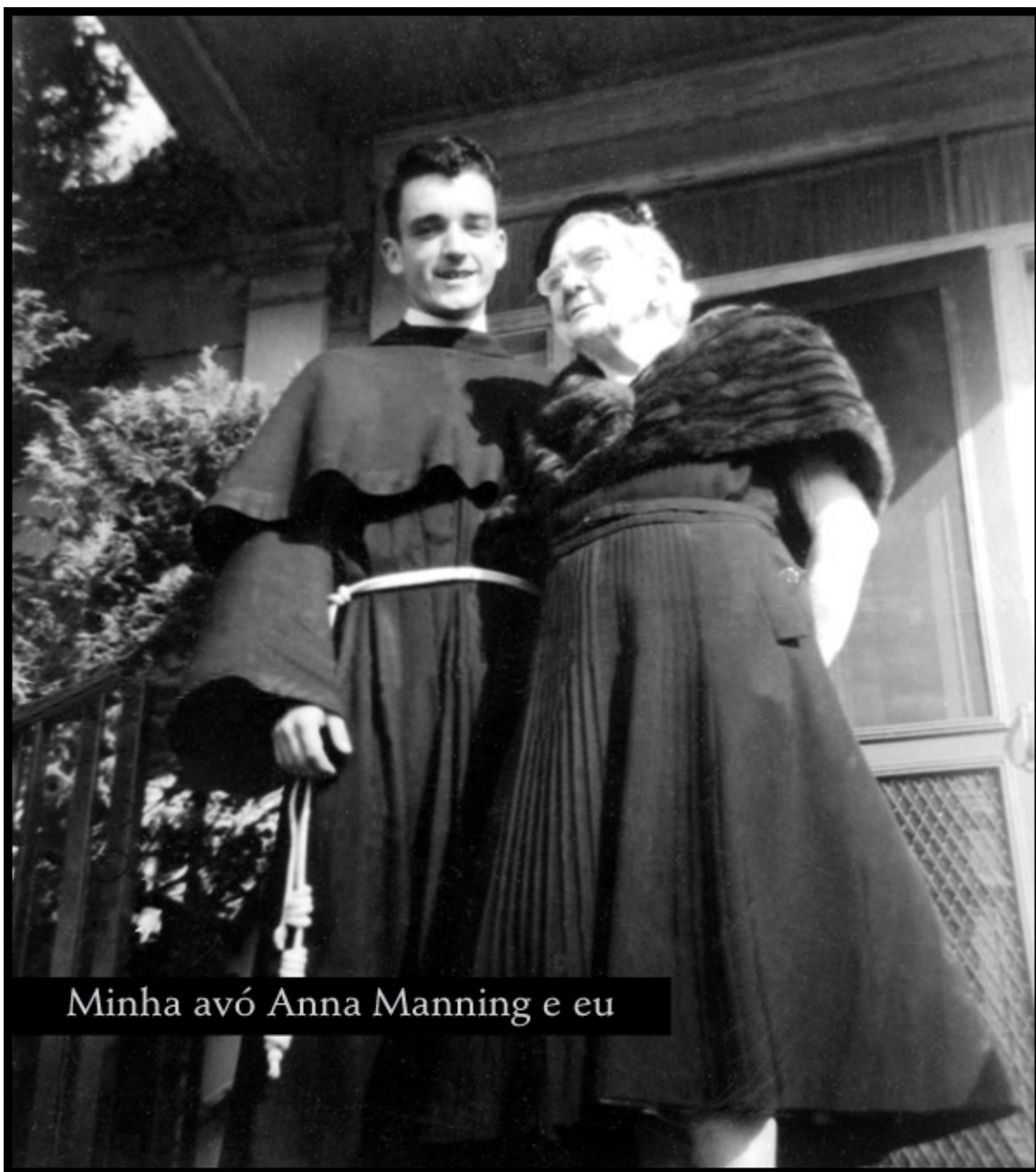
Vergonha — era o que acontecia quando minha mãe, o dragão, bufava e babava e me reduzia a nada.

As sessões com o psicólogo me mostraram que depois daquele evento eu havia posto uma espécie de focinheira emocional no meu eu. Eu não tinha sentimento. Nada. Jurei que não sentiria mais coisa nenhuma.

Durante vários dias, minha mente se ocupou daquela lembrança vinda à tona em meio à bela paisagem do Colorado. Eu me esforçava para experimentá-la novamente e sentir o máximo possível aquela dor. Depois de algum tempo processando essa recordação, meu terapeuta me incentivou a dar um passo adiante e libertar minha mãe da imagem do “dragão”. O esforço que fiz na ocasião revelou uma família subjugada à vergonha, um grupo de pessoas comprimidas num espaço pequeno e que se sentiam terrivelmente sós, um elenco de personagens leal a um modelo que cultivava segredos e inibia relacionamentos íntimos. Tive uma infância em que fui rejeitado e castigado reiteradas vezes ou, quando não, havia sempre a ameaça de que isso pudesse acontecer.

Tudo me leva a crer que a infância dos meus pais e a dos pais deles foram iguais à minha. Como diz meu amigo Richard Rohr, “quem não aprende a transformar a dor, acaba passando-a adiante”. Percebi que minha mãe não era o dragão; ela era outra vítima dele. O dragão, porém, não morre facilmente, portanto a vergonha vai passando de uma geração para outra. Receio tê-la passado adiante também.





Voto. Eis aí uma palavra antiquada que só se costuma ouvir em cerimônias de casamento, embora mesmo em tais ocasiões não seja mais muito comum. Fiz um voto para mim mesmo depois daquela crueldade cometida pela minha mãe: seria um bom menino. As seguintes palavras de Alice Miller explicam bem a situação:

As crianças que realizam os desejos conscientes ou inconscientes dos

pais são “boas”, mas as que se recusam a fazê-lo, ou expressam desejos que contrariam os desejos dos pais, são egoístas e indiferentes. [...] Uma criança criada dessa forma e que não queira perder o amor dos pais (que criança quer correr esse risco?) terá de aprender muito cedo a repartir, a doar, a fazer sacrifícios e estar disposta a “dar sem ter”.[\[7\]](#)

Por isso, do alto dos meus 8 anos, decidi me acomodar, a fazer o que fosse preciso para ser aprovado, principalmente pela minha mãe. Eu não responderia, não faria perguntas; seria visto, mas não ouvido.

O que era impossível eu entender na época é que há uma linha tênue entre o voto e o acordo, e que os acordos podem ser traiçoeiros, podem escamotear coisas. O acordo que eu fizera comigo mesmo para ser um “bom menino” custou-me, no mínimo, minha voz, minha percepção do maravilhoso e minha autoestima no decorrer de boa parte da minha vida adulta. O dragão invisível rugia, eu me encolhia, e assim nascia o que chamei de “impostor”, uma sombra sobre os meus 8 anos. O impostor é uma falsa versão de nós mesmos, e foi exatamente assim que comecei a viver. Fingia ser feliz quando estava triste, fingia ter êxito quando estava decepcionado, fingia até mesmo ser gentil quando, por dentro, o sentimento era de raiva. Eu continuava a parecer comigo mesmo, e a falar como eu, mas aquele não era eu. Eu era uma farsa. Vivia como um impostor de mim mesmo. Viver assim, entretanto, só machuca. Fiz uma lista mostrando como o impostor se comporta. São itens letais todos eles:

- O impostor vive no medo.
- O impostor vive consumido pela necessidade de aceitação e aprovação.
- O impostor depende dos outros, isto é, ele perdeu contato com seus próprios sentimentos.
- A vida do impostor é um vaivém de euforia e depressão. O impostor é aquilo que faz.
- O impostor quer ser notado.

- O impostor não consegue experimentar intimidade em nenhum relacionamento.
- Por fim, mas não menos importante, o impostor é um mentiroso.



Shakespeare descreveu o amor como um “marco eterno”. Numa família sadia, o amor é definido, é claro, tem limites e não é inatingível. Infelizmente, numa família marcada pela vergonha, o amor é um alvo móvel, um dia é uma coisa, outro dia é outra, e justamente quando você acha que entendeu tudo, descobre que não entendeu nada.

Uma vez, no Natal, eu devia ter uns 10 anos, passei um bom tempo percorrendo o barulhento piso de madeira da Woolworth’s, uma cadeia de lojas de preços populares, atrás de um presente para minha mãe. Achei então uma pequena caderneta, do tipo que as pessoas deixam ao lado do telefone. Ela era colorida, com tons claros de rosa, verde e azul. Nunca tinha visto nada igual. Achei que era uma coisa linda, sem dúvida minha mãe ficaria entusiasmada. A manhã de Natal chegou, estávamos todos reunidos — meus pais e avós, meu irmão e minha irmã. Quando minha mãe começou a desembulhar meu presente, eu mal podia me conter. Ela rasgou o papel da embalagem e ficou olhando para a caderneta. “Meu Deus do céu, o que vou fazer com isso? Que desperdício de dinheiro!” Depois de um momento que pareceu uma eternidade, e em que todos olhavam para mim, minha mãe jogou a caderneta na minha direção e os Manning se concentraram no presente seguinte. Eu achava que tinha comprado para ela a joia mais linda do mundo, mas não foi suficiente. Não entendi nada. Fiquei arrasado.



4

Mencionei há pouco minha irmã, Geraldine, mas não a apresentei. Como eu disse anteriormente, minha mãe rezava para ter uma menina. Nunca a ouvi dizer isso em voz alta nem nada parecido, mas acredite em mim, eu sabia. Suas preces foram finalmente respondidas em 1943, com o nascimento de minha irmã. Eu tinha 9 anos e me lembro de que a chegada de Gerry mudou nossa vida familiar. As coisas ficaram mais tranquilas. Não sei dizer exatamente em que sentido, só sei que ficaram. Por exemplo, me lembro de minha mãe arrumando o cabelo de Gerry à noite, gastando nisso, por vezes, meia hora para deixá-lo bem arrumado.

Olhando agora em retrospectiva, acho que não foi tanto minha mãe ou meu pai que ficaram mais amáveis. Talvez a doçura inata de Gerry tenha transbordado para o resto da família.

Depois que minha irmã nasceu, minha mãe continuou a trabalhar durante o dia, enquanto meu pai continuava a procurar trabalho e meu irmão saía para perambular sozinho. Dessa forma, tornei-me o guardião da minha irmã.

Foram muitas as manhãs em que levei Gerry pela mão até o parque McKinley, no Brooklyn. Ficávamos lá brincando até que meu pai ou minha mãe voltassem para casa à tarde. Eu preparava sanduíches de pasta de amendoim e geleia e levava junto uma Coca-cola. Adorávamos balançar, escorregar no escorregador e brincar na gangorra, mas nosso local predileto era o cercado de areia. Não sei o que Gerry achava, mas para mim o cercado de areia era pura diversão e inocência. Havia limites definidos, mas dentro daquelas fronteiras eu era livre para construir, cavar, e simplesmente ser. A parte do “ser” era algo que

eu havia perdido; nunca era permitido em casa. Gostaria que tivesse sido, mas não era. Portanto, as excursões ao parque com minha irmã não eram uma obrigação para mim, um garoto de 12 anos. Eram, isto sim, um santuário.

Betty Smith publicou *A Tree Grows in Brooklyn* [Uma árvore floresce no Brooklyn] em 1943, ano em que minha irmã nasceu. O livro conta a história de Francie Nolan, uma garotinha sonhadora, e de seu querido irmão mais jovem, Neeley. As crianças eram amparadas por Katie, a mãe que dava duro para levar o pão para dentro de casa, e Johnny, o pai alcoólatra desempregado. Parece familiar, não é verdade? Embora minha irmã e eu sejamos muito diferentes, creio que nós dois compartilhávamos as esperanças de Francie:

Quero ser alguma coisa a cada minuto de cada hora da minha vida. Quero ser alegre; quero ser triste; indiferente, e depois acolhedora. Sentir fome [...] e ter muito o que comer. Quero andar em andrajos, ou muito bem vestida. Quero ser sincera e insincera. Quero falar a verdade, e depois mentir. Quero ser irrepreensível, e também pecadora. Quero apenas ser alguma coisa a cada minuto bendito. Ao dormir, quero sonhar o tempo todo, para que nenhum pedacinho de vida se perca.^[8]



Minha irmã Geraldine e eu

A “árvore” no romance recebe o nome de *Ailanthus altissima*, isto é, Árvore do Céu. Trata-se de uma metáfora essencial que representa a capacidade de

prosperar num cenário adverso. Eis a descrição de Smith:

Existe uma árvore que cresce no Brooklyn. Alguns a chamam de Árvore do Céu. Não importa onde caiam suas sementes, ela sempre tenta chegar ao céu. Ela cresce em terrenos cercados de tábuas por todos os lados, mas também nos montes de lixo abandonados. Cresce nas frestas do porão. É a única árvore que brota no cimento. Ela avança exuberante para o alto, mas só nas casas do bairro.[\[9\]](#)

É estranho porque ali estava eu — na minha opinião, um ser inútil aos olhos da minha mãe — incumbido da responsabilidade de olhar minha irmã: “Você vai tomar conta dela”, minha mãe me disse. Senti-me como uma daquelas Árvores do Céu, crescendo em ambiente hostil e avançando em meio a dificuldades. Gosto de pensar que meus galhos davam sombra para Gerry naqueles dias. Eu era alguém para quem ela podia olhar e com quem podia sentir-se segura. Acho que, na época, ela me amava, assim como acredito que ela me ame hoje. Não diria que crescemos e nos tornamos seres “exuberantes”, mas o fato é que crescemos.



Certa vez, me lembro de minha mãe conversando com meu pai a meu respeito. Ela disse: “O Richard é um sonhador, Emmet. Por isso nunca será grande coisa”.

De certa forma, ela estava com a razão. Eu era um sonhador, e ainda sou. Há pessoas que têm pesadelos constantes, e eles as perseguem durante muito tempo, talvez até por toda a vida. Quando eu era criança, tinha um devaneio recorrente, não era nada assustador; pelo contrário, era de esperança. No sonho, um garoto da minha idade se aproximava de mim e dizia: “Gosto de você. Podemos brincar juntos?”.

Brincar, fosse com minha irmã ou com os meninos do bairro, era um grande escape para mim. Já mencionei que os garotos do bairro e eu costumávamos brincar de relógio. Era um jogo divertido, mas à medida que fomos crescendo, não é difícil imaginar, a vibração diminuiu. O *stickball*[\[10\]](#) era para meninos

mais velhos de, no mínimo, 12 anos. *Ringolevio*, entretanto, era um jogo que permitia a participação de crianças de qualquer idade. Consistia basicamente em uma combinação de pique e esconde-esconde. Havia duas equipes, os perseguidos e os perseguidores. Os meninos de uma equipe se escondiam e os da outra tinham de encontrá-los. Se um dos perseguidores encontrasse um perseguido, este era levado para a “prisão”, que costumava ser os degraus de acesso à porta da casa de alguém, onde o prisioneiro permanecia sentado. Um dia, quando brincávamos, aconteceu uma coisa que jamais esqueci.

Achei que tinha encontrado um esconderijo fantástico, um lugar onde ninguém me acharia. De repente, porém, o Joey apareceu. Só de digitar esse nome — Joey — sinto um aperto no peito. A experiência que tive então mudou minha vida.

Joey Keegan morava no fim da rua. Ele tinha cabelos loiros com tons castanhos e olhos azuis irlandeses. Eu já o vira antes, mas não creio que já tivéssemos conversado. Naquele dia, porém, Joey me achou, e em vez de me levar preso, ele disse: “Gosto de você. Vamos brincar juntos”. Sim, isso mesmo, as mesmas palavras do meu sonho.

É difícil explicar como foi emocionante ouvir aquelas palavras. Elas eram lisonjeiras, e em nossa família os elogios diretos eram raros. Presumia-se que eles contribuíssem para o pecado do orgulho, que é o tipo de pecado que normalmente precede uma grande queda.

Depois de brincarmos naquele dia, me peguei repetindo para mim mesmo as palavras de Joey, tentando me convencer de que eu não as havia inventado. No entanto, nos dias e nas semanas que se seguiram, Joey as repetiria para mim, em viva voz, enquanto brincávamos: “Gosto de brincar com você”. Joey Keegan tornara-se meu primeiro melhor amigo, e tenho bons motivos para acreditar que também fui seu primeiro melhor amigo.

Éramos dois meninos comuns. Um dia, por exemplo, perguntei ao Joey se ele pudesse mudar de nome, se pudesse adotar outro nome qualquer, que nome seria. Ele disse:

— Ludwig Niemanschnifter.

Achei tão engraçado que rimos até não poder mais. Quando lhe perguntei de onde havia tirado aquele nome, Joey disse apenas:

— Gosto do som dele.

Como era de esperar, Joey me fez a mesma pergunta. Até hoje não sei de onde tirei isso, mas respondi na hora sem pensar:

— Otsio Motsio Zine Ferein.

Mais uma vez, morremos de rir. Minha amizade com Joey — ou “Ludwig”, conforme passei a chamá-lo daquele dia em diante — era um sonho que se realizava. Infelizmente, porém, esse sonho não durou muito.

Que eu me lembre, nunca passou pela minha cabeça que Joey pudesse estar doente. Não me lembro de ter ouvido nada dos pais dele ou dos meus a esse respeito. Talvez eu estivesse tão arrebatado pelo sonho que deixei passar despercebido algo que teria sido óbvio para qualquer pessoa. Não sei. O que sei é que um dia a ambulância parou na frente da casa dele, e Joey foi levado para o hospital. No dia seguinte, me aprontei para ir correndo à casa dele brincar de pega-pega ou quem sabe jogar bola. Meu pai estava em casa naquele dia. Ele me deteve e disse:

— Richard, você não pode mais ir à casa de Joey Keegan.

Fiz então aquela pergunta que toda criança faz:

— Por quê?

Meu pai respirou fundo e disse:

— Porque ele morreu ontem à noite.

Fiquei sabendo depois que Joey tinha um tumor no cérebro, embora não entendesse o que aquilo significava.

Esse foi meu primeiro contato com a morte. Já havia visto passarinhos mortos, e até um gato morto, mas jamais uma pessoa próxima. Todo mundo que eu conhecia era saudável, ninguém tinha tumor no cérebro. Meus pais não conheciam muito bem a família de Joey, mas em sinal de respeito fomos ao funeral. Na hora em que nos aproximamos do caixão, lembro-me de que me senti terrivelmente perdido novamente. Sem o Joey, não haveria ninguém à minha procura.

Meu irmão Rob andava sempre com uma turma, mas eu nunca vi graça nisso. Queria apenas um amigo, alguém como Joey. Tive, é claro, depois disso, alguns poucos amigos com quem sempre andava, mas sempre um de cada vez: Bill Hennison, Frankie Farley e Harry Wiley. Na verdade, Harry e eu assistimos

juntos ao sexto jogo da Série Mundial de 1947 entre os Yankees e os Dodgers. Levantamos à uma da manhã e esperamos até que abrissem os portões às 10 horas. Fomos uns dos últimos a comprar os ingressos antes que se esgotassem. Foi um jogo e tanto. Ficou na memória. Apesar disso, nunca houve ninguém igual ao Joey. Ele foi o único a dizer as palavras com que eu havia sonhado: “Gosto de você. Podemos brincar juntos?”. Ele manifestou o profundo desejo que eu nutria, uma coisa que eu havia pedido. Contudo, como dizia minha mãe, nem sempre recebemos o que pedimos. Ou, talvez, quando recebemos, não dura muito.

A morte de Joey ocorreu na mesma época em que minha mãe vinha discutindo com nosso senhorio. Ele ia aumentar o aluguel, e minha mãe estava furiosa, pois achava que era ilegal. Então, ela começou a planejar nossa mudança. Não falamos muito sobre a morte de Joey, é verdade, mas o assunto passou bem depressa para segundo plano em casa diante do pânico gerado pelo aumento do aluguel. Passei então ao mesmo tempo pela experiência da morte de um amigo e pelo desenraizamento que a mudança de casa provocaria. Nós nos mudamos rapidamente para uma nova vizinhança, uma nova escola, novos meninos, a algumas quadras de distância.

A morte de Joey me pegou de surpresa e me obrigou a crescer depressa. Percebi que minha casa não era o único lugar frágil, onde qualquer coisa podia acontecer. A casa dos outros meninos também não estava imune. Outra experiência com a morte me mostrou que o mundo inteiro era um lugar perigoso.

Lembro-me perfeitamente daquele dia de dezembro de 1941 em que meu pai me chamou na sala. Tínhamos um daqueles rádios enormes. Ele disse: “Fique quieto e escute”.

Ouvi então a voz do presidente Franklin Delano Roosevelt: “Ontem, 7 de dezembro de 1941, uma data que ficará marcada pela infâmia...”. Havia uma gravidade impressionante em sua voz enquanto relatava o que acontecera em Pearl Harbor. Fiquei triste por todos aqueles que haviam morrido um dia antes. Não sabia o nome de nenhum deles, mas o presidente deu a notícia de uma maneira tão pessoal. Contudo, enquanto a morte de Joey fora marcada por tristeza apenas, aquele dia ficou marcado também pelo orgulho. O presidente

desafiou a nós, o povo, para que fizéssemos um sacrifício, para que tirássemos algo de bom de uma coisa ruim. Esse tipo de esperança esteve ausente por ocasião da morte de Joey. Era apenas uma espécie de ferida. No entanto, por mais estranho que possa parecer, o dia 7 de dezembro de 1941 foi uma ferida cheia de esperança. Foi nesse dia que eu senti que havia me tornado homem.



5

Pode-se dizer muita coisa dos meus pais, mas há duas em especial que são inegáveis: ambos eram irlandeses e católicos. Eles queriam que os filhos dessem continuação a essa herança, por isso as escolas de ensino fundamental que frequentei tinham nomes como Santo Anselmo e Nossa Senhora dos Anjos. A educação que recebi era praticamente a mesma de outras escolas. No entanto, a Nossa Senhora dos Anjos era considerada a principal escola primária do Brooklyn. O fato de minha mãe ter feito questão de que eu estudasse em uma escola de prestígio parece contradizer meus sentimentos de que eu era uma pessoa indigna. Não é bem assim. Para a família constrangida pela vergonha, aparência é tudo, e minha mãe se esforçava para que, externamente, parecêsemos respeitáveis, como se estivéssemos em harmonia com os católicos irlandeses à nossa volta.

O cerne da pedagogia daquelas escolas era de que a repetição *est mater studiorum* — “a repetição é a mãe dos estudos”. Os dez mandamentos ficaram para sempre gravados em minha mente, bem como “trinta dias têm setembro, abril, junho e novembro” e as tabuadas de multiplicação e de divisão. A instrução em sala de aula vinha das freiras, também conhecidas por irmãs. Não me lembro de nenhuma que se parecesse um pouco com Julie Andrews.^[11] Havia, porém, algumas que possuíam um outro tipo de beleza.

Era o caso da irmã Thomasina. Aposto que outros alunos achavam que eram eles o favorito dela, mas para mim o favorito era eu. Pelo menos era isso que ela me transmitia diariamente. Ela era uma dessas mulheres que pareciam nunca ter um dia ruim. Tenho certeza de que tinha, mas acho que nesses dias eu

faltava à escola. Ela era maternal comigo, uma figura feminina acolhedora em contraste com a frieza da minha mãe. O dom da irmã Thomasina era incentivar os outros, e com frequência ela me dizia que eu era muito inteligente e que estava me saindo bem na escola. O encorajamento era verbal, mas também era transmitido pelo meu corpo quando ela pousava a mão no meu ombro e abria seu sorriso radiante. Obviamente eu me apaixonei por aquela professora.

Comecei a gostar de ler e escrever — isso aconteceu naturalmente, e os dois hábitos viraram casos de amor que cultivei fielmente durante a vida toda. Acho que o primeiro sinal que tive de que talvez me tornasse escritor foi quando precisei fazer uma tarefa passada pela minha professora de inglês, a irmã Mary Frances. A tarefa era muito simples: redigir um parágrafo sobre algo que havia acontecido em casa no dia anterior. O parágrafo se estendeu por seis páginas. A ideia central da história girava em torno de um episódio em que eu havia decidido correr, mas tropecei e caí. Escrevi: “De repente, percebi que havia caído no cimento fresco e não conseguia me mover”. Meu irmão Rob estava brincando por perto, ouviu meu grito de socorro e me ajudou a sair.

No restante da história, eu chegava em casa já com o cimento nas calças começando a secar. Minha mãe ficava furiosa porque teria de comprar calças novas para mim. Minha segurança vinha em segundo lugar. Eu sabia que, se minha mãe visse sua ira publicada, mandaria meu pai me castigar. É bom lembrar: aparência era tudo. Aquela foi uma das primeiras ocasiões em que meu editor interno entrou em ação: terminei a história sendo resgatado pelo meu irmão. A irmã Mary Frances me devolveu a redação com um A na parte superior do texto. Ela fez apenas uma correção: trocou “de repente” por “subitamente”. A maneira gentil como ela me corrigiu me deixou surpreso. Era muito diferente do que eu vivenciava em casa. De repente, senti que alguém acreditava em mim — ou talvez eu devesse dizer “subitamente”.

Eu gostava muito de ler e escrever, mas não de religião. Na minha infância, Deus era um vitral colorido no teto, uma divindade distante, remota e cruel. Há uma descrição que eu usava para me referir à ideia que tinha inicialmente de Deus tirada do conto “The Turkey” [“O peru”], de Flannery O’Connor: Deus era a “Coisa Terrível”. Flannery escreveu a respeito do seu protagonista, Manley:

Ele corria cada vez mais depressa, e no momento em que fez a curva na estrada em direção à sua casa, o ritmo acelerado do coração era o mesmo das pernas, e ele tinha certeza de que a Coisa Terrível estava em seu encalço, com seus braços esticados e os dedos prontos para agarrá-lo.[\[12\]](#)

Era assim que me sentia em relação a Deus naqueles anos em que estudei num colégio católico. Não havia nunca qualquer referência a um Deus amoroso e pessoal. A ênfase consistia em obedecer aos dez mandamentos para evitar a punição.

Nesse sentido, o aspecto religioso da escola era semelhante ao da minha casa. Além de achar que Deus era uma “coisa terrível”, eu também sentia que ele estava “distante” de mim. Uma boa maneira de tentar explicar o que eu sentia é descrever a experiência do confessionário. De um lado, o padre; do outro, eu. Não dava para vê-lo, mas na hora certa eu podia ouvi-lo. De vez em quando, ele era gentil. Nossa conversa se desenrolava mais ou menos assim:

Eu: — Perdoe-me, padre, porque pequei. Faz uma semana desde que me confessei pela última vez. Bati no meu irmão. Cuspi nele. Desobedeci meus pais.

O padre: — Sua confissão foi muito boa. Você a preparou bem. Tem minha bênção [...] Como penitência reze três “Pai Nosso” e três “Ave Maria”.

Na maior parte das vezes, porém, eu poderia jurar que o padre parecia zangado. Ele praticamente gritava coisas do tipo:

Padre: — Você não tem respeito algum por seus pais? Como ousa desobedecê-los! Diga-me exatamente o que você fez, e não omita nenhum detalhe!

Eu: — Meu irmão me mandou ao supermercado comprar meio quilo de bacon magro, e eu esqueci, e comprei meio quilo de bacon gordo.

Minha mãe ficou brava porque eu fui desobediente.

Através da voz daqueles padres zangados eu ouvia um Deus terrível e irado, distante de mim e da minha vida. E assim, conforme o voto que já fizera em casa, jurei que faria o que me pedissem para não ser castigado. Eu me esforcei ao máximo para ser um bom menino católico. Cheguei até a juntar coragem e tentei ser coroinha durante um ano, mas, por alguma razão, eu não conseguia decorar o latim. Sabia que tinha decepcionado o padre (ele deixou isso claro), e isso significava, é claro, que eu havia decepcionado Deus (por que Deus haveria de discordar do padre?), o que reforçava as palavras de minha mãe a meu respeito (ditas mais de uma vez): *ele nunca será grande coisa*.

Por mais maravilhoso que fosse o incentivo de pessoas como a irmã Thomasina e a irmã Mary Frances, tudo empalidecia diante do tom de desdém da voz da minha mãe na minha cabeça — eu era *apenas um sonhador*. Não gosto da palavra “apenas”.

Há uma cena no filme *Em busca da Terra do Nunca* em que o jovem Peter Davies descreve Porthos, o cão de J. M. Barrie.

Peter: — Isso é um absurdo. Ele é apenas um cão.

Barrie: — Apenas um cão? Apenas?

[Dirigindo-se a Porthos]: — Porthos, não escute.

[Voltando-se para Peter]: — Porthos sonha em ser urso. Você quer destruir seu sonho dizendo que ele é apenas um cão? Que palavra mais frustrante. É como dizer: “Ele não pode subir aquela montanha. É apenas um homem”, ou: “Isso não é um diamante; é só uma pedra”.[\[13\]](#)

Assim, para agradar a Deus, aos padres e aos meus pais, passei a ir à missa aos domingos. Se acontecia alguma vez de eu rezar, guardava para mim mesmo. Não queria ser um urso, queria somente ser eu mesmo, embora não soubesse muito bem quem eu era.

Gostaria de poder compartilhar outras lembranças desse tipo, de quando era bem pequeno, mas não posso. Gostaria de me lembrar de outras palavras e expressões ditas pelos meus pais, amigos e professores, mas não me lembro.

Como eu disse, a decisão de me tornar um bom garoto me podou pela raiz, e isso provavelmente atrofiou também minha memória. Acho que posso resumir minha vida dos 6 aos 16 anos da seguinte forma: foi uma década em que fiz o que pude para ser um menino bom e obediente. Não me orgulho muito dessa síntese, mas foi assim que tudo se passou. Contudo, as coisas iriam mudar.



6

Aos 16 anos, as manhãs de domingo continuavam iguais. Eu ia à missa, experimentava o mesmo Deus distante. As noites de sábado, porém, aos poucos iam ficando diferentes. Comecei a beber.

Se alguém tivesse me mostrado um “genograma” cheio de círculos e quadrados indicando a seiva do álcool na árvore genealógica da minha família, talvez eu tivesse como prever o que me aguardava. Meu pai teve de lidar com esse problema, o pai dele também, e quem sabe o que se passou com os homens que vieram antes deles. Mas não havia esse tipo de gráfico na época. Meu pai e meu avô não tocavam no assunto, e mesmo que tocassem, tenho certeza de que eu não estaria disposto a ouvi-los aos 16 anos. Eu era jovem e terrivelmente inseguro, disposto a tentar qualquer coisa para não me sentir daquele jeito. Acho importante deixar claro que, daqui para frente, tudo o que eu disser em relação ao álcool passa a ser suspeito. Isso não significa que eu não pretenda dizer a verdade, e sim que tudo quanto eu disser sobre o assunto será apenas um arranhão na superfície do problema.

Conforme já disse, eu tinha 16 anos. Fazia entregas para um supermercado local e recebia aos sábados. E toda noite de sábado eu seguia uma rotina que perduraria anos a fio: recebia o pagamento e gastava com chope — um atrás do outro. Não me lembro quando foi que bebi pela primeira vez nem nada parecido; não foi um momento assim tão especial. Até queria me lembrar, quem sabe assim eu pudesse dividir essa culpa com alguém ou com alguma coisa. Mas posso me lembrar perfeitamente do resultado — o prazer. Quando bebia, eu me sentia tomado de um arroubo de confiança, e, para um garoto perseguido por

sentimentos decorrentes de uma autoestima muito fragilizada, esse prazer era um alívio bem-vindo. O que eu não podia imaginar na época era que eu estava dando um tiro na minha própria cabeça, numa estranha dobradura do tempo em que a bala leva muitos anos para chegar finalmente ao seu alvo.

Aos 18 anos, perdi pela primeira vez a consciência por causa do álcool graças a Seagram.^[14] O profundo terror decorrente da perda de consciência deveria fazer qualquer um mudar de vida. Como disse certa vez um bêbado: “As penas no seu queixo significam que você comeu o periquito”. Mas eu segui em frente. Aos 20 anos meu apelido era Funil, sem dúvida porque eu bebia dez cervejas ou mais cinco noites por semana, uma dose de uísque dia sim, dia não, e muitas vezes um litro de saquê uma vez por semana. Era um tempo de tanque cheio. Minha resistência era tanta que eu amargava as ressacas e ainda funcionava bem em muitas situações, ou conforme me disse certa vez uma pessoa querida: “Você pode cair na farra e ainda recebe elogios”.

Não me lembro de ter sido pego pelos meus pais. Se eu tinha 16 anos, significa que minha irmã tinha 7, e a preocupação da minha mãe era toda com Gerry, como deveria ser. Aposto que minha mãe fazia ideia do que se passava, porque via como meu pai lutava com o álcool também. Mas talvez, naquela idade, ela achasse que eu estava fazendo o que se espera que todo jovem faça. Com relação ao meu pai, acho que ele sabia também, mas é possível que sentisse que tinha esperado muito tempo para tocar no assunto comigo. Há coisas que se não forem ditas antes que o jovem saia de casa, depois, provavelmente, será tarde demais. Bem que eu queria que meu pai tivesse tentado dizer alguma coisa, qualquer coisa. Mas não creio que ele tenha tido esse tipo de conversa com o pai dele, e como dizia minha mãe, “ninguém dá o que não tem”.



7

Minha decisão de ir para a faculdade se deveu principalmente aos incentivos que recebi ao longo dos anos pelas coisas que escrevia. Matriculei-me na St. John's University, em Queens, pensando em ser jornalista esportivo. Lembro-me de duas coisas do primeiro ano em St. John's: eu tinha um dom e eu gostava de beber.

Descobri meu dom na aula de oratória que eu frequentava. Não me lembro sobre o que falei naquele dia, mas a reação da turma foi positiva. Meu professor pediu que eu permanecesse alguns minutos depois da aula. Ele não se estendeu muito. Disse simplesmente: “Richard, você tem um dom magnífico. Use-o bem”. Foi a primeira vez que alguém disse alguma coisa sobre meu talento para falar, provavelmente porque aquela foi uma das primeiras vezes que falei em público. Não sei se poderia dizer que as palavras do meu professor mudaram tudo, mas mudaram alguma coisa, isto é, alguma coisa na maneira como eu me via. Às vezes, uma frase pode desafiar os anos a fio ouvindo “Ele nunca será grande coisa”. Fiquei emocionado ao saber que meu professor acreditava em mim, mas fiquei também um pouco intimidado. Alguém havia me dado um “dom magnífico”, o que significava que alguém além dos meus professores acreditava em mim, talvez alguém importante.

Outra lembrança que tenho dos tempos de calouro é tão vívida quanto a que acabei de relatar, mas nem de longe tão marcante quanto aquela. Por um milagre qualquer, eu era um aluno que só tirava B. Não me lembro de estudar. Lembro-me bem de que bebia. Larry Chaffee e eu íamos para o Dodger Café depois das aulas, por volta das 14h30, e bebíamos até o anoitecer. Às vezes eu

faltava à escola, mas não deixava de ir ao Dodger Café. Todo mundo lá sabia meu nome.

Foi no segundo ano da faculdade que três dos meus amigos — Joe Mulligan, Tom Fitzgerald e Charlie Peterson — decidiram se alistar no corpo dos fuzileiros navais. Eles me convidaram para que eu os acompanhasse e eu disse: “Claro, por que não?”. Não creio que tenha me alistado por pressão dos colegas, foi mais por causa da aura de poder que aquilo me proporcionava. Lembro-me de ter pensado que poderia continuar os estudos ou me alistar, talvez pudesse até ganhar uma Estrela de Prata, quem sabe abocanhar um Coração Púrpura, ou até mesmo uma Estrela de Bronze.^[15] Voltaria então para casa, onde é provável que eu fosse recebido como herói, aí então seria finalmente aprovado e reconhecido pelos mais próximos. E assim, tomado pelo ímpeto do momento, como é de praxe entre os segundanistas, abandonei a faculdade em outubro de 1952 e, aos 18 anos, alistei-me no corpo dos fuzileiros navais.

Mais cedo do que esperava, tinha me mudado para Parrish Island, na Carolina do Sul, para o treinamento básico. No meu primeiro dia, cerca de quarenta recrutas de banho tomado exerciam o *esprit de corps* [ou espírito de equipe] enquanto raspavam nossas cabeças.

Os instrutores militares são famosos pela capacidade de identificar sonhadores e gente esperançosa como eu, e o sargento James Whistler me marcou desde o início. Certo dia pela manhã ele se aproximou de mim e perguntou: “Você se barbeou hoje cedo, garoto?”. Menti descaradamente e disse que sim. Na época, o máximo que eu tinha era uma penugem, mas o sargento queria nosso rosto limpo e liso. Ele se retirou subitamente e voltou com uma lâmina de barbear seca e a ordem: “Faça a barba! Agora!”. Eu estava tentando ser um bom fuzileiro, por isso entrei em formação e me barbeei. Se tivesse creme e loção de barbear seria ótimo, mas me contentaria facilmente naquela situação com um pouco de água. Acontece que eu não tinha nem uma coisa nem outra, só a lâmina. Foram tantos os cortes no rosto que eu não achei a menor graça. A lâmina ficou recoberta de sangue. Aquela foi uma bela introdução à crença radical dos fuzileiros na cadeia de comando e no engajamento que deveria se seguir.

Transcorridas as primeiras semanas de treinamento, meu amigo Joe

Mulligan e eu fomos designados para a Escola de Munição e Demolição de Quantico, na Virgínia. Trabalhávamos com as várias armas que a corporação tinha na época. Ali aprendíamos os detalhes complexos de todo tipo de arma, desde rifles até canhões. Estávamos todos convencidos de que a ação na Coreia não era mais uma coisa remota, e sim uma questão de tempo, o que deixava a atmosfera tensa. Nas noites de sábado, os recrutas iam para a cervejaria tentando espairecer um pouco. Eu não tinha problemas com isso. Num desses sábados, era mais ou menos meia-noite, estávamos ali reunidos tomando cerveja, quando eu me ofereci para pegar a última garrafa. Um certo Ray Brennan, que havia se juntado a nós poucos minutos antes, disse:

— Para mim, não, obrigado.

Eu não podia acreditar.

— Como? Por que não?



Atrás, Tom Fitzgerald e Charlie Peterson; na frente, eu e Joe Mulligan

Ray Brennan virou-se para mim e disse:
— Amanhã é dia de entrar nos eixos.

Ray Brennan queria dizer que ia comungar. A regra na igreja católica era não comer nem beber nada depois da meia-noite se o fiel pretendia receber a sagrada comunhão na manhã seguinte. Aconteceu então uma coisa estranha. Entendi perfeitamente quando ele disse “Amanhã é dia de entrar nos eixos”, mas ouvi também naquelas palavras outra coisa bem diferente: “Gostaria de ser seu amigo”. Não me pergunte como foi que ouvi aquilo, só sei que ouvi. Pode ter sido alguma coisa na expressão do rosto dele ou no seu tom de voz. Peguei então mais uma cerveja, enquanto Ray aguardava ali sem tomar nada. Nos dias que se seguiram, surgiu entre nós uma amizade que extrapolou o tempo em que fomos fuzileiros.

Recebemos uma licença de dez dias antes de ir para a Coreia. Convidei Ray para me acompanhar ao Brooklyn. Ele concordou, desde que parássemos também em Chicago para ver os pais dele. Achei que era uma ótima ideia. Ray me apresentou à sua família como “meu melhor amigo”.

Conheci então Frances Brennan, mãe de Ray. Nós nos demos muito bem, e a partir daí, aquela senhora passou a me mimar como se eu fosse seu filho. E, de certa forma, depois daquele dia, foi de fato o que aconteceu. Fomos para o Brooklyn e eu apresentei Ray à minha família da mesma forma: “meu melhor amigo”. Minha família foi gentil com ele, mas havia um grande receio no ar. Poucos dias depois fomos levados para o aeroporto de LaGuardia com destino à Coreia. Meu irmão embarcara cerca de um ano antes, e agora havia chegado a minha vez, a vez do outro filho enfrentar o perigo. Era uma situação estranha, já que aquela poderia ser a última vez que veria minha família. Acho que nenhum de nós sabia bem como se sentir. Minha família, porém, sabia bem o que fazer. Todos foram ao aeroporto se despedir de nós. Numa atitude que me pegou um pouco de surpresa, meu pai se aproximou de mim, apertou minha mão e disse: “Boa sorte, filho. Volte em segurança”. Senti-me mais próximo do meu pai naquele dia do que jamais me sentira em anos, talvez nunca. Ray e eu partimos para a Coreia, onde chegamos em junho de 1953. Um mês depois era assinado o armistício, e a guerra chegava ao fim. Todos os sonhos que eu tinha de voltar para casa como herói se dissolveram. *Ninguém dá o que não tem.*

O que sobrou foi um compromisso de três anos aos poucos e orgulhosos especialistas em munição e demolição. Não me lembro em detalhes do que

aconteceu a seguir, mas nossa divisão foi enviada ao Japão, onde permaneceu por dezoito meses. Foi nessa época que decidi usar o tempo que tinha à minha disposição para fazer uma coisa de que gostava: escrever. Eu admirava o cronista esportivo Red Smith. Li e estudei todas as colunas que ele escreveu. Foi ele o primeiro autor de quem tentei copiar o estilo. A divisão dos fuzileiros a que eu pertencia editava um jornal semanal. Comecei então a escrever comentários sobre alguns artigos, principalmente sobre os que tratavam de esportes. Alguém deve ter notado porque, subitamente, minha categoria militar mudou de especialista em munição e demolição para correspondente de guerra. Fui transferido para o escritório de um jornal onde tinha de escrever artigos, alguns deles relacionados à cobertura de eventos esportivos. Minha um tanto estranha decepção com o fim da guerra foi logo eclipsada pela oportunidade de fazer algo de que gostava, e ainda por cima receber elogios pelo meu trabalho. George Wilson, um sargento da área técnica encarregado do jornal, me disse mais de uma vez: “Você é um bom escritor”.



8

Como membro das Forças Armadas, eu podia me candidatar a uma ajuda financeira se quisesse fazer um curso superior. Depois de muita burocracia, consegui liberação antecipada em 1955 e, no segundo semestre, fui estudar na Universidade Missouri, determinado a realizar o sonho que tinha de me tornar escritor. Na época, a Universidade Missouri tinha um dos melhores cursos de jornalismo. Mal sabia eu que estava prestes a embarcar em um sonho dentro de outro. Já contei essa experiência em meus livros e nas palestras que fiz ao longo dos anos, mas vou repeti-la aqui porque ela teve um impacto muito profundo na minha vida.

Acordei um dia depois de um sonho assustador. Nele, eu havia realizado todas as aspirações que tinha na vida. É o que se poderia chamar de “sonho perfeito”: uma esposa muito linda, uma casa muito cara, um carro muito bonito, muito dinheiro e muitos prêmios literários, inclusive um prêmio Nobel. Acordei aterrorizado e disse: “Meu Deus, deve existir algo mais do que isso!”. Para um jovem de 21 anos, na iminência de tomar um caminho em que tudo era “muito”, aquele sonho era preocupante. Eu achava que havia finalmente encontrado alguma direção e propósito, um caminho a trilhar. Mas aquele sonho me fez parar com tudo, porque senti que possuir todas aquelas coisas não seria suficiente. Não sabemos muita coisa aos 20 anos, mas eu tinha certeza na época de que não queria viver o resto da minha vida como um “triste hóspede sobre a terra sombria”, conforme disse Goethe.

Naquele tempo, eu não me considerava de jeito nenhum uma pessoa religiosa, muito menos espiritualizada, mas mesmo assim decidi conversar com

o diretor espiritual do *campus*. Precisava conversar com alguém, com uma pessoa que me ajudasse a interpretar meu sonho. Gostaria muito de homenagear aquele homem deixando impresso aqui seu nome. Queria tanto lembrar como ele se chamava, mas não consigo. Ele ouviu com muita atenção o relato do sonho e o apelo angustiante que fiz suplicando por “mais”. Aquele homem gentil olhou para mim e disse: “Richard, talvez esse ‘mais’ seja Deus”.

Um observador casual poderia enxergar minha decisão de me alistar no corpo de fuzileiros navais como uma extravagância. Meus amigos e eu decidimos nos alistar e pronto. De certa forma, foi isso mesmo. O mesmo observador poderia olhar para minha decisão de deixar a Universidade Missouri depois de apenas um semestre para entrar em um seminário franciscano e considerá-la igualmente extravagante, até mesmo temerária. Eu diria que não. Nenhum dos meus amigos me acompanhou quando decidi sair. Na verdade, tive pouco apoio, se é que tive algum. Enquanto a carreira militar carregava a perspectiva da fama, a carreira espiritual trazia a perspectiva de “mais”. Mais o quê? Não sei bem, mas assim como os discípulos deixaram as redes e seguiram Jesus, eu também deixei meus planos bem estruturados para seguir meu novo sonho.

Já escrevi anteriormente que embarquei em uma busca de Deus. Não sei bem se na época eu saberia dizer o que estava buscando de fato. Palavras como *significado* e *propósito* tinham para mim tanto peso quanto *Deus*. Foi sem dúvida um tempo confuso, que se tornou ainda mais complicado devido à incapacidade da minha família de demonstrar misericórdia e sabedoria. Imagino que, para eles, minha decisão de entrar para o seminário franciscano de Loretto, na Pensilvânia, nada mais era do que uma demonstração cabal de covardia. Meu irmão, Rob, chegou a apostar 50 dólares comigo como eu não duraria uma semana no seminário. Para eles, eu era como Lord Jim, de Joseph Conrad. A observação do autor é precisa:

Só quando tentamos lidar com a necessidade íntima de outro homem é que percebemos como são incompreensíveis, volúveis e nebulosos os seres que compartilham conosco a visão das estrelas e o calor do sol.[\[16\]](#)

Completei uma semana no seminário, mal e mal. Olhando agora em retrospectiva, passar de sargento dos fuzileiros para irmão de hábito talvez não tenha sido o passo mais inteligente da minha busca por “mais”. Reconheço que foi um passo radical e que eu não estava preparado para isso.

Depois de uma semana em Loretto, fiz as malas. Concluí que havia dado a Deus uma boa chance. Contudo, como não havia perdido totalmente o senso de decoro, achei que seria apropriado me despedir do padre Augustine. Antes de sair, parei no seu escritório, mas ele não estava. Era meio-dia.

Já disseram que “ninguém mata o tempo sem ferir a eternidade”. Não sei se é verdade, porque, na tentativa de matar o tempo enquanto esperava o padre Augustine voltar, fui até a capela e, no meu caso, a eternidade foi alterada para sempre. Decidi pegar um livro de oração e dar uma espiada nas catorze estações da cruz. As estações de um a onze ficaram confusas. Talvez elas fossem um prelúdio, algo como um aquecimento para mim.

Tive uma experiência *sinestésica* quando cheguei à estação de número doze. “Sinestesia” é o cruzamento de sensações. É quando um estímulo evoca a sensação de outro. Na estação de número 12, “Jesus morre na cruz”. A instrução pedia que eu me ajoelhasse. Eu me ajoelhei. Lembro-me de sentir a dureza do chão. O sino de um monastério próximo repicou anunciando o Ângelus.^[17] Li então as seguintes palavras:

Contemplai Jesus crucificado! Contemplai as chagas que lhe foram infligidas por amor de vós! Em tudo sua aparência revela amor: sua cabeça se inclina para vos beijar; os braços estendidos querem vos abraçar; seu coração está aberto para vos receber. Ó superabundância de amor, Jesus, o filho de Deus, morre sobre a cruz, para que o homem viva e seja liberto da morte eterna!

Quando dei por mim, passava já das 3 da tarde. O que aconteceu nessas três horas? Eu era fuzileiro, e nenhum soldado perde três horas assim, mas eu perdi. Tudo que sei é que estive num outro reino, um reino magnífico. Mircea Eliade, estudioso da religião, chamava esse reino de Mundo Dourado. Concordo plenamente.

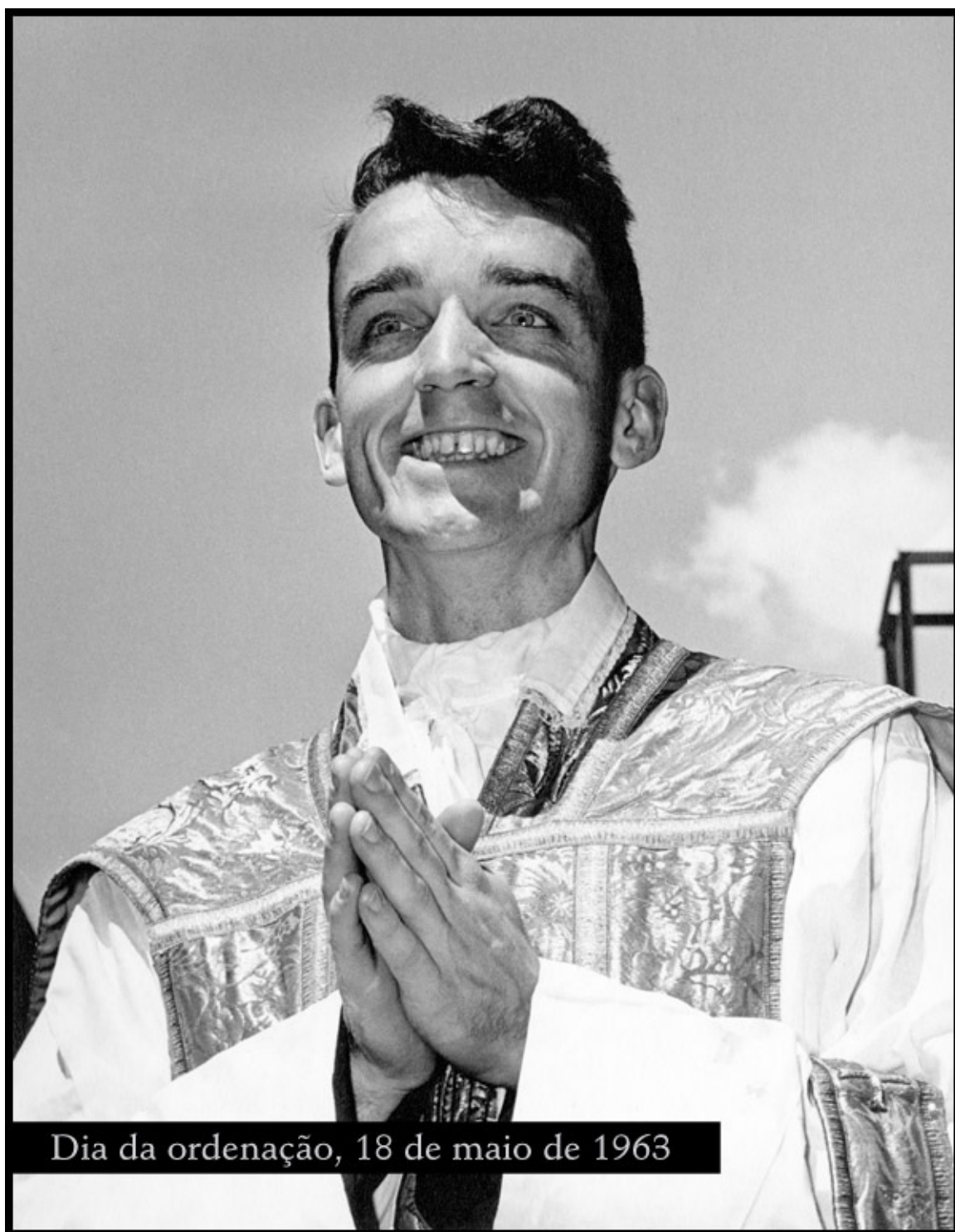
Passei três horas em território desconhecido. Estive no coração de Jesus Cristo, o lugar do amor incondicional. Bastava apenas ter estado ali, mas então veio o “mais”: Jesus me chamou pelo nome. Até hoje nunca revelei a ninguém o que ouvi. Não foi Richard nem Richie, mas um nome pelo qual só Jesus me conhece.

Foi uma experiência semelhante ao rugir das ondas, a uma tempestade de primavera, a uma represa que se rompe — tudo isso num fôlego só. Tal como o profeta Isaías, senti-me perdido. A criança a quem disseram que meninos não choram naquele momento era um homem que sucumbia a um pranto incontrolável. Pareceu-me que era essa a única resposta possível àquela dádiva tão grandiosa — Jesus morreu por mim na cruz e me chamava pelo nome! O crucifixo católico finalmente se revestia de carne e osso. Seguiram-se então momentos dourados, em que me vi arrebatado por ondas e mais ondas de uma teologia de delícias, vi que Deus não só me amava, como também gostava de mim. Tive um vislumbre, uma certeza de que, num passado remoto, o relógio divino fora ativado para sempre. Eu não encontrara o “mais”; pelo contrário, o “mais” me encontrara. O cristianismo não era um código moral, e sim um caso de amor que eu acabara de experimentar em primeira mão.

A intimidade daquelas três horas me exauriram. Tonto, caminhei a passos trôpegos de volta para o meu quarto, desfiz as malas e fui direto para a cama. Depois desse dia, nada mais foi como antes. Na época, ainda não conhecia um versículo que eu viria a invocar e buscaria viver até o dia de hoje:

Cristo é tudo e está em todos.

Colossenses 3.11



Dia da ordenação, 18 de maio de 1963

Nos dias que se seguiram à minha experiência na capela, mergulhei com tudo em Deus. Concluí o curso de filosofia no seminário St. Francis com especialização secundária em latim. Depois, passei um ano em Washington,

D.C., imerso em um programa de formação espiritual, seguido de quatro anos de estudos avançados de teologia no seminário. Finalmente, no dia 18 de maio de 1963, um sábado, sete anos depois daquele encontro com “mais”, fui ordenado padre. Num gesto de carinho que me surpreendeu, meu pai e minha mãe fretaram um ônibus para a família e amigos e foram todos à catedral de Altoona, na Pensilvânia, para a missa de ordenação. Na manhã seguinte, domingo, 19 de maio, rezei minha primeira missa na paróquia da minha infância, a Nossa Senhora dos Anjos.

A foto da minha ordenação é bem diferente da foto do “mais belo bebê”. Não sinto vergonha quando olho para ela. Pelo contrário, sinto uma alegria profunda e permanente. Ela pertence àqueles “momentos felizes” a que eu viria a me referir ao longo dos anos.

Pela regra franciscana, quando alguém faz os votos solenes, deve trocar o primeiro nome por um nome de santo, um símbolo externo de que a pessoa se revestiu do novo homem em Cristo Jesus. Não pode haver duas pessoas com o mesmo nome em uma mesma comunidade. Em outras palavras, não pode haver dois *Johns* ou dois *Michaels*. Para quem me conheceu antes de 1963, meu nome é Richard ou Richie. Depois daquele ano, porém, meu nome passou a ser Brennan.

Parte 2



BRENNNAN



9

Deve existir algo mais. Essa frase ficava ecoando o tempo todo na minha cabeça. E com os franciscanos não foi diferente. No início, fiquei fascinado com a vida de extrema simplicidade que levavam. Porém, o papa determinou que a ordem tivesse um aspecto mais instruído, o que resultou em uma ênfase ao ensino mais especializado, isto é, universitário. Sem querer, essa decisão deflagrou na ordem a necessidade de uma porção de coisas: de roupas a máquinas de escrever. Para mim, tratava-se de um desvio na direção da classe média que me deixou com um gosto amargo na boca.

Em 1966, pedi aos franciscanos que me concedessem um período de licença para passar um tempo na companhia dos Pequenos Irmãos de Jesus. Trata-se de uma fraternidade onde os irmãos aprendem a orar juntos e, à luz do evangelho, cada um questiona-se a si mesmo de forma implacável, em busca do caminho que Deus planejou para sua vida. É uma vida de ritmo: canta-se a liturgia das horas, celebra-se a eucaristia, faz-se a santa leitura (*lectio divina*); e há os períodos de silêncio, de trabalho e de cuidado pastoral. Para alguns, isso talvez pareça uma tentativa de se criar uma sociedade utópica, mas para os irmãos é a expressão viva de que em Jesus Cristo esse sonho é possível.

Meu provincial (o equivalente ao bispo para os padres de paróquia) negou meu pedido. Na verdade, ele ficou muito bravo por eu ao menos considerar deixar os franciscanos. Uma lição que eu aprendi nas Forças Armadas é que há sempre alguém com uma patente superior a quem é possível apelar. Basta ter coragem. Procurei então o superior do meu provincial e escrevi ao ministro geral em Roma. Sua resposta foi: “Se esse é o chamado de Deus para sua vida,

você tem minha autorização, mas espere um ano”. Nos doze meses que se seguiram, ansioso, dei aulas e fui diretor espiritual do seminário franciscano de Loretto. Passado um ano, saí de lá para a etapa seguinte da minha jornada.

Não seria justo eu falar dos Pequenos Irmãos de Jesus sem mencionar o nome de Charles de Foucauld (1858-1916), que inspirou a fundação da ordem. Foucauld teve uma experiência aos 28 anos que, sob alguns aspectos, foi muito parecida com a minha. Deus irrompeu em sua vida e conquistou seus sentidos. Ele disse: “No momento em que cri em Deus, entendi que não tinha outra escolha, senão viver unicamente para ele”.^[18] Foucauld fez uma peregrinação à Terra Santa e foi ordenado padre aos 43 anos.

De acordo com o evangelho de João, o ministério público de Jesus durou apenas três anos. Foucauld se perguntava: “O que ele fez nos outros trinta?”. A resposta que encontrou foi que Jesus passou aquele tempo realizando trabalhos manuais e orando. Foucauld tomou então o exemplo de Jesus e fez dele o modelo de sua vocação, indo viver entre os muçulmanos pobres do norte da África, pregando o evangelho com seu modo de vida. Para Foucauld e os Pequenos Irmãos, a vida no deserto não era uma fuga do mundo, e sim uma escola de amor e de oração que lhes permitia aprender como entrar em contato com a humanidade de uma forma mais profunda. O objetivo era proclamar o evangelho não tanto pelo que diziam, mas pelo modo como viviam.

Depois de doze meses de espera, finalmente recebi permissão para me unir aos Pequenos Irmãos. Assim, em 1967, enquanto minha família e amigos se ocupavam com o dia a dia de sua vida nos Estados Unidos, passei seis meses na pequena aldeia de Saint-Remy, na França. O programa básico de treinamento me lembrava muito, sob certos aspectos, o dos fuzileiros. Os Irmãos diziam que eu estava em fase de “candidatura” — eu os examinei, e eles a mim, para ver se as coisas podiam se encaixar.

Passei aquele inverno tirando esterco das fazendas vizinhas e lavando louça num restaurante local. Amei cada minuto daquilo. Eu não tinha de organizar reuniões, não havia estudantes para aconselhar, nem provas para corrigir. Era tudo muito básico, mínimo mesmo, e eu ainda tinha o ar puro. As noites eram reservadas ao silêncio, à adoração eucarística e à meditação nas Escrituras. Não vivíamos uma vida de enclausurados, enfiados em nossos hábitos. Usávamos

roupas comuns no dia a dia, imersos na contemplação entre os muito pobres, comunicávamo-nos mais pela amizade do que pelas palavras. Procurávamos levar Jesus a lugares onde ele jamais seria encontrado. Estávamos aprendendo a separar o que era essencial do que não era. Não se tratava de um paraíso de solidão, e sim de um lugar de purificação. Vivíamos a oração de T. S. Eliot: “Ensinaí-nos o desvelo e o menosprezo”.^[19] Um dos meus livros favoritos é *Letters from the Desert* [Cartas do deserto], de Carlo Carretto. Ele resume bem a vocação à qual cada um de nós foi chamado. Parece muito pessoal, porque era mesmo.

Deixa tudo e vem comigo para o deserto.

Não quero tuas ações, teus feitos. Quero tua oração, teu amor.^[20]

Meu grupo de Pequenos Irmãos compunha-se de seis homens — dois franceses, um alemão, um espanhol, um eslavo e eu. Não demorou muito e fomos transferidos para Farlete, outra aldeia pequena, desta vez no deserto de Saragoça, na Espanha. Passamos um ano ali em processo de formação espiritual conhecido como “noviciado” — uma temporada de treino e preparação antes de nos tornarmos oficialmente participantes da ordem.

Recordo daquela época como dias de comunhão — partilhando a pobreza, o trabalho e a preocupação da vida no campo ao mesmo tempo em que compartilhava da alegria por um bebê recém-nascido, da felicidade nupcial dos recém-casados e das pequenas alegrias do trabalho honesto, do suor e da cerveja gelada. Minha primeira ocupação foi como auxiliar de pedreiro, um título chique demais para quem fazia galinheiros. O trabalho envolvia trazer centenas de pedras para a construção do galinheiro, depois ajeitá-las em cima de uma camada de cimento, seguida de outra fileira de pedras, depois mais cimento e assim por diante. A temperatura chegava facilmente aos 43°C naquele verão, mas eu não me importava nem um pouco. Minha outra responsabilidade, que foi talvez a que mais me deu prazer em executar em toda a minha vida, foi a de “carregador de água”. Não havia água corrente na aldeia, por isso, todos os dias de manhã, eu saía numa carroça puxada por um burro com um tanque de água vazio. Voltava depois com o bem precioso: a água.

Dizer que eu era popular entre as pessoas é pouco.

Uma coisa que entendi naquela atmosfera terrena foi que muitas das questões teológicas mais candentes da Igreja não eram candentes nem teológicas. Não era mais retórica que Jesus queria, e sim renovação pessoal, fidelidade ao evangelho e conduta criativa. Aprender a fazer galinheiros e carregar água para a cidade foram coisas que me enriqueceram muito. É claro que havia desvantagens. Uma vez aprendidas as tarefas, os dias ficavam mais compridos e eu mais inquieto, mesmo naquele lugar de que tanto gostava.

Lembro-me de ler algo sobre Yvon Chouinard, o célebre fundador da empresa Patagonia, em seu livro *Let my people go surfing* [Deixe meu povo surfar]. A uma certa altura, Chouinard discorre sobre como começava um novo negócio, aprendia o que havia de mais importante para aprender e depois seguia adiante, ocupando-se de outros assuntos. Numa escala de 100%, dizia Chouinard, ele se esforçava 80%, e aí desviava a atenção para outras coisas. Quando li esse trecho, pensei: “Minha vida se parece muito com isso: aprenda bem o que tiver de aprender; depois, siga em frente”. Minha intuição me diz que se alguém perguntasse a Chouinard “por quê?”, ele diria: “Deve haver algo mais”.

Nos Pequenos Irmãos, usávamos hábito, ou batina, mas só na capela. Era cinza-escuro bordado com o símbolo *Jesus Caritas* (Jesus Caridade), no qual se via um coração vermelho encimado por uma cruz que brotava dele. Uma noite, quando eu orava envolto naqueles tecidos, vi toda minha vida passar num *flash* na minha frente. Não foi nada parecido com o belo sonho que eu tivera. Na verdade, foi horrível. Vi minha vida contaminada pelo orgulho, pelo desejo desordenado de ser querido, amado, aprovado, aplaudido e aceito. Embora tivesse me saído bem nos ensinamentos do deserto, meus motivos foram desnudados, deixando exposta a podridão do meu egoísmo. Será que um sujeito encarregado de construir galinheiros pode ser egoísta? Um carregador de água pode ficar fixado em si mesmo? A resposta que ouvi foi um sonoro e humilhante “Sim!”. Aquele velho “desejo de ser querido” erguia sua face horrenda. Eu achava que talvez já o tivesse superado, ou que ele já não tivesse mais importância para mim, mas estava enganado.

Fiquei arrasado. Meu mundo girava em torno do Brennan, e não em torno

de Cristo. Senti como se minha vida fosse um lixo e isso me deixou nauseado. Lá estava eu, com minha ostensiva postura piedosa de oração ouvindo aquela voz conhecida: “Ele nunca será grande coisa”. Sei que parece exagerado, mas essa é a lembrança que tenho. Tive muitos sonhos excepcionalmente nítidos ao longo da vida, e minha reação a eles sempre foi precipitada, quase como que se um sonho fora do comum exigisse uma resposta igualmente radical. Portanto, naquele momento decidi que cometeria suicídio espiritual, que me desligaria de Deus, da Igreja e dos Irmãos e que daria as costas a tudo. Não sabia o que mais eu podia fazer. Foi então que alguém disse: “Olá”.

O irmão Dominique Voillaume me viu quando eu saía da capela e quis saber o que tinha acontecido. Então eu lhe contei, não escondi nada. Disse que estava enojado com minhas motivações e que pensava em largar tudo. Naquele momento ele disse uma coisa poderosa, capaz de mudar a vida de alguém: “Você está no limiar de receber a maior graça da sua vida. Está descobrindo o que significa ser pobre de espírito. Irmão Brennan, tudo bem se você não está bem”.

Pensei lá no fundo: “Que sujeito estúpido”. Mas ele me mostrou a primeira bem-aventurança na tradução da *New English Bible*:

Como são abençoados os que sabem que são pobres, porque deles é o reino dos céus.

Muita gente já me disse que sua porta de acesso à salvação veio através de um pregador que falava do fogo do inferno e martelava sem parar João 3.16. Mas não foi o que aconteceu comigo. Um dos mais memoráveis momentos de perda e recuperação da minha vida veio através do convite amável e ao mesmo tempo pungente do “pequeno” irmão Dominique, de 2,13 m de altura, e de Mateus 5.3.

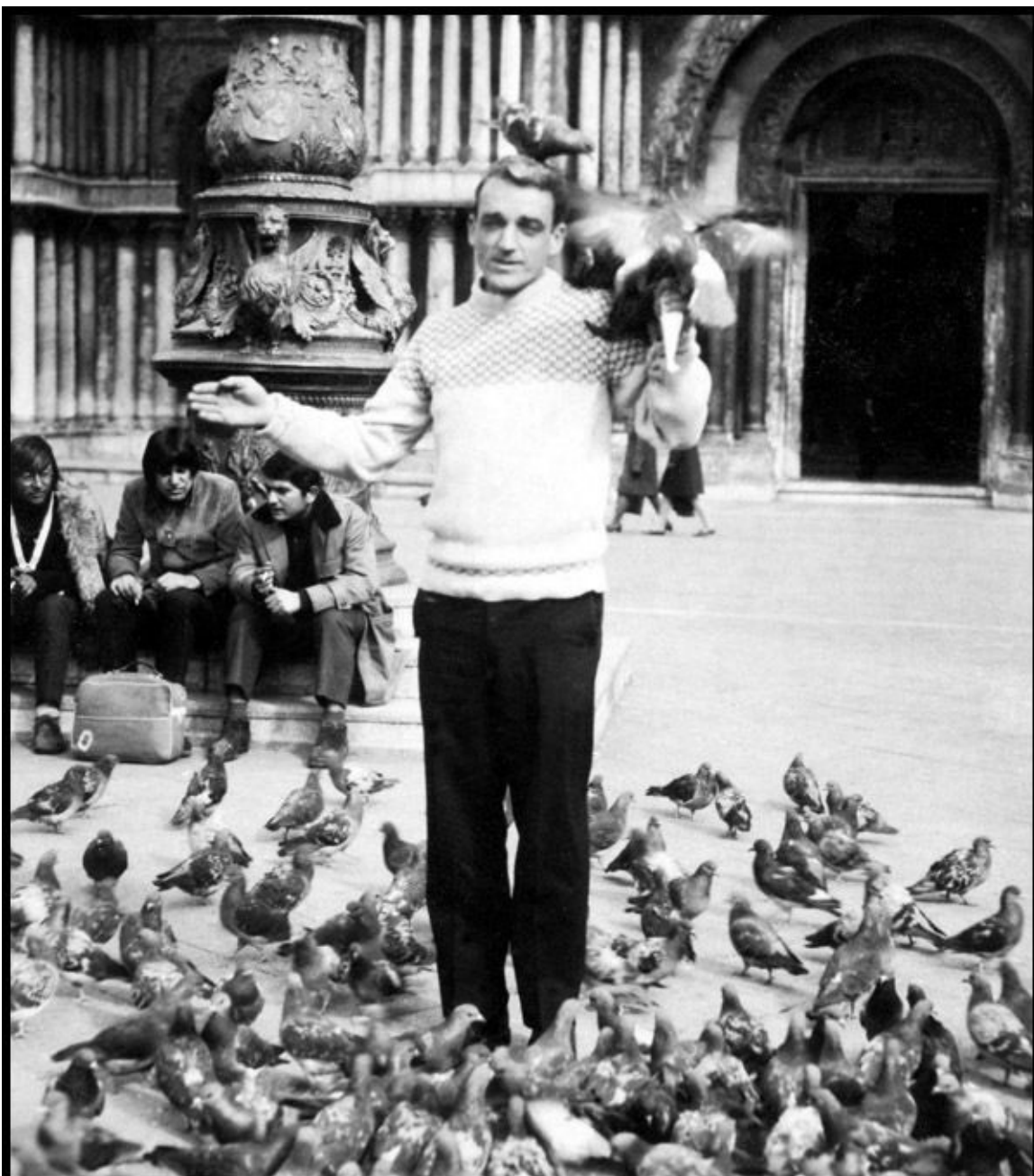
Escrevi sobre o irmão Dominique Voillaume em meus livros *Convite à loucura* e *A assinatura de Jesus*. Vou repetir aqui essa história uma vez mais, em gratidão pela forma como sua vida tocou a minha e a de tantas outras pessoas. Ao mesmo tempo que essa história homenageia meu bom amigo, ela revela também a natureza inconsistente da minha vida. Num momento, você me vê

prestes a cometer haraquiri espiritual, e no momento seguinte me vê agindo como alguém que não dá a mínima para os caminhos de Deus. Quando escrevi certa vez sobre “os discípulos incoerentes e volúveis, que de tanto verem o recheio do seu biscoito escorregar pelas beiradas decidiram mandar tudo às favas” estava falando de mim mesmo.



Houve um dia em Saint-Remy, em 1969 — dia de Ano-novo, para ser exato — que meus irmãos e eu jamais esqueceríamos.

Tínhamos nos reunido em volta da nossa mesa comum e conversávamos como qualquer trabalhador quando desfia suas queixas: baixos salários, horas desagradáveis, patrões hipócritas. Em outras palavras, falávamos das tristezas da vida. De repente, porém, descambamos para um linguajar pretensioso de comparações e juízos, e nos perguntávamos que possível semelhança haveria entre os patrões amantes do dinheiro a quem servíamos abnegadamente e os Pequenos Irmãos de Jesus tão puros de coração. O irmão Dominique, sentado na ponta da mesa, começou a chorar.



Cercado por pombos na Praça de São Marcos, Veneza, em março de 1968. Esta foto foi tirada durante uma semana de férias no tempo em que eu servia com os Pequenos Irmãos de Jesus.

— Dominique, o que foi?

— *Ils ne comprennent pas* — disse ele, que traduzido significa “Eles não

compreendem”.

Será que meu amigo e mentor se referia às pessoas de quem havíamos falado mal, aqueles a quem não estendíamos nossa misericórdia e que faziam amor em suas camas e bebiam vinho? Ou será que, na verdade, ele estava sussurrando uma oração por seus irmãos sentados à sua direita e à sua esquerda, homens que haviam se esquecido por um momento de nossa pobreza extrema diante do Pai e de nosso parentesco com aqueles que tão facilmente condenávamos? Acredito que, passados muitos anos, aquela sua disciplina de lágrimas nos tenha coberto a todos como uma súplica de graça dirigida aos ouvidos do Aba — “Pai, perdoa-os. *Ils ne comprennent pas*”.

Mais tarde, Dominique soube que tinha um câncer que não podia ser operado e pediu licença para se transferir de Saint-Remy para Paris, onde viveria perto da família e de parentes. Numa atitude perfeitamente compreensível para aqueles de nós que o conhecíamos, Dominique arrumou um emprego de vigia noturno em uma fábrica próxima. Ele fazia o chamado turno do cemitério: das 11 da noite às 7 da manhã. Dizem que todos os dias, quando saía do trabalho, visitava um parque que ficava do outro lado da rua onde morava, um lugar cheio do que a sociedade costuma chamar de “ralé” — bêbados, jovens e velhos, sem-teto, derrotados. Meu bom amigo trocara o velho hábito por um novo: agora ele levava conforto aos mais desprezados, ouvia suas histórias e sempre deixava com eles uma notícia boa, palavras que eu ouvira centenas de vezes: “Jesus Cristo é louco por vocês. Ele os ama do jeito que vocês são, não como deveriam ser”.

Um dia, de manhã, o turno do cemitério decidiu não liberar Dominique. Amigos descobriram seu corpo sem vida caído no chão do apartamento onde morava. A causa da morte foi um ataque cardíaco. Creio, porém, que Dominique morreu de uma causa oposta: entrega do coração. Era um homem que havia se rendido, que tinha doado partes do coração a outras pessoas durante toda a vida: uma palavra boa aqui, um toque gentil ali, um encorajamento sempre. Encontraram o diário de Dominique onde ele havia feito uma última anotação:

Tudo o que não for o amor de Deus não tem sentido para mim. Posso dizer verdadeiramente que não tenho interesse em coisa alguma, a não

ser no amor de Deus que está em Cristo Jesus. Se Deus quiser, minha vida será útil por meio da minha palavra e do meu testemunho. Se ele quiser, minha vida dará frutos pelas minhas orações e sacrifícios. Contudo, a utilidade da minha vida é do interesse dele, e não meu. Seria indecoroso eu me preocupar com isso.

Bem ao estilo dos Pequenos Irmãos, o corpo de Dominique foi transportado de volta a Saint-Remy sem embalsamamento. Foi então colocado sobre uma mesa com uma vela em cada extremidade. A melhor expressão que me vem à mente para descrever o número de pessoas que vieram prestar respeito e homenagens a esse homem é “grande multidão”. Dois dos Pequenos Irmãos fizeram um caixão simples de madeira e o corpo terreno de Dominique foi enterrado.

Muitas vezes ao longo dos anos me perguntei por que tive o privilégio de ser amigo de Dominique Voillaume, de ter minha vida tocada por esse herói desconhecido, de ser um dos milhares presentes ao seu velório a parar por alguns momentos entre as velas e olhar para seu rosto. Não sei bem por quê. Mas sei que a mensagem dele para mim — “Não tem importância se não estiver tudo bem” — foi uma semente que germinou posteriormente no meu ministério de pregador. Na verdade, ela deu forma a tudo o que escrevi e falei ao longo de quarenta anos. Para algumas pessoas, talvez, a expressão “Deus o ama como você é, e não como deveria ser” seja um sinônimo de Brennan Manning. Eu diria que é isso mesmo, mas acrescentaria que essas pessoas deveriam saber que a verdade por trás dessas palavras foi impressa em mim pela vida de um homem que a experimentou em si mesmo. Disso eu sei, mais do que isso *je ne comprends pas* — não compreendo.



10

Depois de quase dois anos na companhia dos Pequenos Irmãos de Jesus na Europa, minha resistência interna chegara ao seu limite. Eu havia alcançado meus “80%” e era hora de seguir em frente para “mais”. Escrevi uma carta aos Pequenos Irmãos tentando explicar minha decisão. O líder na época era um homem generoso, Rene Page. Ele me disse que ficara tocado com minha carta e me convidou para encontrá-lo na sede em Marselha. Convidou também quatro dos meus amigos mais próximos dos tempos de noviciado. Passamos uma semana em oração e discernimento, pedindo a Deus que revelasse minha vida futura em Cristo. No sétimo dia, chegamos a uma resposta unânime. O ministério era uma dimensão essencial para minha vida, e negligenciá-lo permanecendo junto aos Pequenos Irmãos seria correr o risco de jamais me tornar quem eu deveria ser. Até hoje me sinto muito feliz por ter tido à minha volta pessoas que ratificaram minha decisão. Diferentemente de outras decisões importantes que eu havia tomado, como a de seguir a carreira militar e a de entrar para o seminário, esta pareceu bem fundamentada, e tudo que tem fundamento é sempre um pouco mais seguro.

Mandaram-me de volta para a Universidade Franciscana de Steubenville, em Ohio. Ali fui nomeado ministro do *campus* e entrei em um período fascinante do ministério. Minha principal responsabilidade era organizar liturgias, reuniões de oração e retiros de final de semana. Naquela época, estava no auge o movimento dos cursilhos, precursor da renovação carismática na Igreja Católica. O cursilho, ou “curso breve”, consistia em levar um grupo de pessoas para um local distante do seu ambiente rotineiro e transmitir-lhes a melhor de

todas as notícias — que Jesus Cristo nos ama — e da melhor maneira — pela amizade. O movimento ainda existe. É geralmente um retiro que vai de quinta a domingo, em que se discorre sobre os elementos essenciais do cristianismo católico e da eucaristia. Normalmente eu levava, ou enviava, cinco estudantes todo final de semana para esses encontros.

Uma das partes do cursilho de que eu mais gostava era quando os veteranos do programa que participavam do encontro faziam o que chamavam de *palanca*, que em espanhol significa “empurrar uma alavanca e liberar um poder”. A alavanca acionada era a oração. Os veteranos jejuavam e oravam durante três dias pelos participantes do cursilho sem que estes soubessem. No quarto dia, tudo era revelado, todos se reuniam e o encerramento do encontro era sempre muito tocante: cada participante voltava para casa com a vida revestida do poder do amor de Cristo. O objetivo principal do cursilho consistia na união viva com Deus. Se eu tivesse permanecido com os Pequenos Irmãos de Jesus, não teria participado desse “mais”, dessa temporada de renovação emocionante na companhia de irmãos e irmãs.

Havia vários franciscanos no *campus* interessados na experiência de vida que eu tivera entre os Pequenos Irmãos na Europa. Eles se sentavam extasiados para ouvir a história dos galinheiros e do irmão Dominique. A maior parte do meu público, porém, não tinha interesse algum em deixar a ordem franciscana. O estilo de vida dos Pequenos Irmãos parecia interessante para o final de semana, mas dedicar a vida a esse tipo de existência era demais.



Depois de dois anos como ministro do *campus* em Steubenville, recebi a proposta de uma comunidade experimental nos Estados Unidos, cujo modelo era vagamente baseado no estilo de vida dos Pequenos Irmãos. Para muitos a proposta parecia ser um tanto ousada. Para mim, era como se me dessem um sorvete e me pedissem para prová-lo. Cerca de trinta homens se candidataram ao experimento e seis foram escolhidos. Eu fui um dos seis, e me nomearam líder. Fomos então procurar um lugar onde pudéssemos viver como os Pequenos Irmãos nos Estados Unidos.

Se ficasse por nossa conta, provavelmente teríamos dificuldade em chegar a uma decisão, porque havia inúmeros lugares no país que, segundo acreditávamos, poderiam se beneficiar da nossa experiência. Contudo, pela misteriosa administração da graça, recebemos uma ligação do bispo John May, de Mobile, no Alabama. Ele sabia da nossa procura e disse que havia uma casa para meninos na região que fora abandonada devido ao furacão Camille.^[21] Se estivéssemos interessados, podíamos ficar com ela. Fomos até o local para conhecer a propriedade e soubemos no mesmo instante que era ali que ficaríamos. A casa principal era grande o suficiente para os grupos e para as refeições, e havia uma pequena casa vizinha onde poderíamos nos alojar. Além disso, a propriedade ficava próxima do mar, em Bayou La Batre, Alabama, a cerca de 1,6 quilômetros de distância dos barcos dos pescadores de camarão. O irmão Luke, que era o membro mais prático do grupo, disse: “Acho que pode dar certo”. Em seguida, depois de obtida a aprovação necessária, os protótipos de Pequenos Irmãos se mudaram para o que chamamos de “o lugarzinho que pode [dar certo]”. Tínhamos dinheiro suficiente para a reforma. Sem perda de tempo, nos lançamos à imensa tarefa que nos aguardava. Pintamos completamente o interior e o exterior, refizemos o piso, o teto, as paredes e, depois de sete meses, estava tudo pronto para começarmos.

Como tudo o que fazíamos era inspirado no modelo dos Pequenos Irmãos, precisávamos encontrar uma ocupação que nos permitisse trabalhar entre o povo. Felizmente os primeiros empregos apareceram rapidamente. Fomos trabalhar com os pescadores de camarões.

Quando os barcos não saiam para o mar, trabalhávamos no que encontrássemos, de pintores de casas a balconistas de lojas de ferragens. A primeira pergunta que o bispo May nos fez no início da nossa aventura foi: “O que vocês pretendem fazer aqui?”. Com o passar do tempo, porém, a pergunta tomou a forma de uma afirmação, de uma tarefa: “Brennan, quero apenas que vocês façam alguma coisa que seja importante para as pessoas”.

Não queríamos competir com a paróquia local aos domingos, por isso decidimos que faríamos nossas celebrações às sextas-feiras à noite com distribuição da eucaristia. Depois, haveria uma festa regada a vinho e queijo, e todos os trabalhadores dos barcos de camarão estavam convidados a

comparecer se quisessem. Nossas celebrações sempre foram pouco ortodoxas desde o início. Começávamos, geralmente, com meia hora de música, a maior parte delas da autoria dos monges do convento de Weston. Em seguida, havia uma mensagem, ou homilia. Gus Gordon, um orador de muito talento, dividia comigo a responsabilidade pelas pregações. O irmão Luke, cheio de hospitalidade, garantia que todas as demais necessidades fossem devidamente atendidas.

Uma das primeiras coisas que compramos durante a reforma da casa foi uma enorme bancada de açougueiro, que se tornou nosso altar. Em torno dele participávamos da comunhão. Ainda me lembro de quando me colocava diante daquela mesa onde estavam o vinho e o pão e pensava comigo mesmo: “Estamos fazendo a coisa certa”.

Decoramos as paredes da casa com motivos náuticos, de modo que as pessoas se sentissem à vontade ali, e não demorou muito para que também nos sentíssemos à vontade. Depois de dois anos, as celebrações das sextas-feiras recebiam mais de duzentas pessoas, gente que não ia à igreja há anos. Alguns chamavam o que fazíamos de “a missa do povo”. Como estávamos vivendo em meio a pessoas simples, e com elas, não me senti incomodado com a designação. Na verdade, até gostei.

Foi então que nosso ministério sofreu um abalo. Depois de dois anos, a comunidade franciscana da Pensilvânia considerou nossa experiência um fracasso. Nunca tivemos explicações mais detalhadas. Talvez se houvesse um número maior de pessoas oficialmente convertidas, mas o fato é que não sei o que aconteceu. O que sei é que tudo o que fazíamos era baseado no espírito dos Pequenos Irmãos de levar Cristo às pessoas, e não o contrário. Por isso, não estávamos arrependidos. Depois que nossa comunidade foi dispersa, um dos irmãos, Gus Gordon, me disse:

— Brennan, essa foi uma das experiências mais ricas da minha vida.

Olhei para os olhos marejados do meu amigo e disse:

— Gus, foi uma das mais felizes da minha.



11

Minha história até este ponto seguiu uma cronologia solta — uma coisa depois da outra. Mas agora, nesta parte do livro, o tempo fará uma meia-volta, chegando ao ponto de dobrar sobre si mesmo.

É estranho como as coisas podem passar de alegres a tristes tão depressa. Mas isso acontece. Os parágrafos que se seguem tratam de dias muito sombrios do meu alcoolismo. Nem mesmo sei como falar sobre esse assunto. Isto se deve, em parte, à vergonha que sinto, e em parte ao preço que o álcool cobrou do meu raciocínio.

O termo médico que se aplica ao meu caso é síndrome de Wernicke-Korsakoff. Para mim, é “cérebro mamado”. É uma deficiência de tiamina causada por uma dieta pobre. Em outras palavras, a pessoa substitui a comida pelo álcool. Com o tempo, essa deficiência provoca a morte das células cerebrais. Um dos sinais evidentes da síndrome é a confusão mental, às vezes a ponto de o indivíduo insistir na ocorrência de eventos que jamais aconteceram. Portanto, é possível imaginar porque começo a falar daqueles dias com hesitação.



Para mim, a experiência de Bayou La Batre foi como se eu tivesse tirado férias de verão prolongadas. E o que você faz quando o verão acaba? Volta para a escola, e foi o que fiz. Fui nomeado ministro do *campus* de Broward Community College, em Fort Lauderdale, Flórida. Houve dias em Broward de mais

experiências do que eu poderia imaginar, mas houve dias também em que vivenciei mais coisas do que tinha condições de administrar. Foi uma época de solidão intensa. É claro que eu gostava dos alunos. Na verdade, sinto que sempre fui capaz de me comunicar bem com aquela faixa etária. No entanto, eu tinha acabado de sair de uma experiência idílica em Bayou La Batre, cercado por um grupo íntimo de companheiros e, de repente, tudo aquilo acabou.

Pensando nisso agora, os estudantes de Broward foram um reflexo apropriado da minha vida na época. Alguns deles eram aprovados com sucesso, ganhavam prêmios e elogios. Tive dias parecidos em Broward, momentos em que me senti no topo do mundo. Alguns professores valorizavam verbalmente minha presença no *campus* e eu desfrutava da simpatia da administração. Mas outros estudantes ali estavam apenas se virando, eram aprovados com dificuldade, faltavam ao maior número possível de aulas e só faziam o mínimo que exigiam deles. Eu era bom nisso também. Sabia o que esperavam de mim e do que eu podia escapar. Dizer que “estava gastando meu tempo em oração” às vezes era verdade, mas às vezes não passava também de pretexto espiritual para ocultar minha preguiça.

Havia também alunos que se esforçavam, mas não tinham o desempenho adequado, a ponto de colocar em risco todo o seu plano de carreira, porque não conseguiriam se formar a tempo — se é que conseguiriam se formar. Eles eram motivo de decepção para os que estavam à sua volta. O pior de tudo, porém, é que depreciavam a si mesmos, além do que, eles eram teimosos demais para pedir ajuda. Não era assim comigo no início, quando cheguei a Broward, mas não demorou muito para que eu sentisse o mesmo. Além das obrigações que tinha no *campus*, eu dispunha de muito tempo livre e não havia galinheiros para construir, nem redes de pesca de camarão para remendar ou casas para pintar. Era apenas eu e uma coisa que acalmava minhas inseguranças no passado: o álcool. Sempre voltamos ao que já conhecemos, e isso nem sempre é uma boa coisa.



Naquele ano e meio aproximadamente em Fort Lauderdale, comecei a beber

novamente. Não que eu tivesse de fato parado de beber. Tomar algumas cervejas com amigos ou vinho nas refeições era rotineiro para mim. Mas o que começou na Flórida remetia ao tempo em que meu vício apareceu, aos 16 anos, na época em que meu apelido era Funil. Você provavelmente deve estar pensando por que ou como isso pôde acontecer. Thomas Keating, o monge trapista, disse certa vez: “A cruz que Jesus lhe pediu que carregasse é você mesmo. É toda dor que infligiram a você no passado e a dor que você infligiu a outros”. Creio nisso. Minha cruz tornou-se subitamente tão pesada que eu não podia carregá-la. Simplesmente não podia.

Embora sempre tenha dado a entender que falo abertamente sobre o meu alcoolismo, você pode ter certeza de que sempre falei apenas o que desejei que o ouvinte ou o leitor soubessem, nada mais. Jamais serei capaz de contar todos os detalhes dessa parte da minha história. No entanto, quero tentar fazê-lo aqui e apresentar uma parte dessa história, quem sabe, como pano de fundo. Parece-me uma tentativa tímida, mas talvez sirva para apontar as trevas espessas que sempre estiveram por trás de qualquer luz. Pensei em criar um gráfico que mostrasse quanto eu bebi naquela temporada de cruz pesada, mas achei que seria algo frio e insensível demais. Além disso, a vida real não é um gráfico, e sim uma história. Portanto, eis aqui a história que, segundo creio, lhe dirá aquilo que você precisa saber.

Depois de um ano e meio em Broward, já não conseguia mais controlar minha bebedeira. Comecei bebendo de domingo a quarta-feira. Era um esquema que me dava tempo suficiente para ficar sóbrio no final de semana. Eu era sempre convidado a falar nas igrejas nos finais de semana e nunca quis estragar meu ministério aparecendo bêbado nesses lugares. Não, a total hipocrisia de tal situação não passa despercebida para mim.

Com o passar do tempo, meus limites afrouxaram, e o álcool acabou ganhando espaço nos outros dias da semana. Em 1975, aos 41 anos, me vi internado em Hazelden, um centro de reabilitação em Center City, Minnesota. Não me lembro de todos os detalhes de como e por que cheguei ali, mas me recordo bem de uma coisa logo que cheguei.

Contei essa história em *O evangelho maltrapilho*. Havia um homem chamado Max, que fazia parte do nosso grupo de 25 dependentes químicos, todos do sexo

masculino. E havia também nosso conselheiro, membro do escalão superior de funcionários de Hazelden, Sean Murphy-O'Connor. Como parte do processo oficial de recuperação, cada homem tinha sua vez de se sentar na “cadeira elétrica”. Ali ele era submetido a um intenso interrogatório conduzido por O'Connor e os outros membros do grupo. Embora fosse necessária para expor a raiz do problema do indivíduo, essa experiência era incrivelmente dolorosa para todos.

Escrevi no livro sobre o interrogatório de Max, como O'Connor o questionou impiedosamente sobre seus hábitos alcoólicos, e como Max racionalizou seu comportamento. Por fim, Max cedeu e confessou que havia escondido garrafas de vodca e de gim por toda parte: no criado-mudo ao lado da cama, nos armários de remédio e dentro de malas. Em seguida, Max acrescentou à sua confissão o versículo que fala de quem vê o argueiro nos olhos do irmão e não vê a trave que está em seus próprios olhos. Seu ar de presunçosa autoconfiança era simplesmente ofensivo. O'Connor seguiu pressionando. Ligou para os amigos e para a família de Max e perguntou-lhes sobre o vício, porém ele continuava a justificar seu comportamento a ponto de, num acesso de raiva, despejar uma série de obscenidades contra O'Connor.

Finalmente, Max foi questionado se alguma vez ele fora negligente com um de seus filhos. O'Connor havia ligado para a esposa de Max e ela lhe contou que, uma noite, Max saiu para tomar uns drinques com os amigos e deixou a filha no carro congelando de frio. As orelhas e os dedos da menina ficaram ulcerados pela baixa temperatura. Ela teve de amputar um dedo e ficou permanentemente surda. contei qual foi a reação de Max: ele caiu de quatro no chão e começou a chorar, subjugado por suas mentiras e seus ardis. O'Connor disse: “Saia daqui. [...] Não dirijo um centro de reabilitação para mentirosos”.
[22]

Mas o que eu nunca contei sobre essa história foi quanta inveja senti de Max naquela época. Vou tentar explicar. Max passou pelo buraco da agulha naquela experiência, mas saiu do outro lado um homem diferente. Sua conduta mudou praticamente da noite para o dia, e creio sinceramente que ele encontrou a Deus. Também passei pela “cadeira elétrica” com O'Connor. Ele recorreu a todo o seu talento na ocasião, tentando com muito amor me quebrar. Mas eu resisti.

Nunca fui receptivo à abordagem do “amor duro”, embora a tivesse elogiado por escrito. É fácil concordar com uma coisa que não está sendo feita a você.

Gostaria muito de lhe dizer que um dia, em Hazelden, também caí de joelhos no meio da sala, chorando convulsivamente e confessando minha bebedeira e minhas mentiras. Mas isso nunca aconteceu. Max saiu do centro de tratamento arrasado, mas também saiu transformado. Quando saí do centro eu era conhecido como um “osso duro de roer”. Eu estava limpo e sóbrio, mas muito longe de ser honesto.



Em Hazelden, parte das nossas atividades consistia em avaliar os colegas. O objetivo da avaliação de acordo com o centro era:

Proporcionar aos colegas meios para que possam se examinar mais criticamente, identificando áreas em que não estejam sendo sinceros, possíveis mecanismos de defesa e defeitos de caráter. É preciso coragem para confrontar os riscos. No passado, todos nós trocamos a honestidade pela aprovação alheia. Contudo, se nos importamos com nossos companheiros, e se quisermos que sejam honestos conosco também, temos de retratá-los como são. Nossa doença é uma ameaça à vida. A recuperação requer que corramos riscos, que aprendamos sobre nós mesmos e que mudemos.

A seguir está um exemplo do questionário de avaliação que todos tínhamos de preencher. Guardei-o como forma de lembrança de como as coisas ruins podem piorar.

A) Noto que você tem colocado as seguintes barreiras à sua recuperação (circule as afirmações pertinentes):

1. Não o vejo participar das atividades de grupo sem que seja provocado.
2. Vejo que você está sempre tentando reconciliar todo mundo do grupo.

3. Percebo que você acha que merece tratamento especial.
4. Vejo que você deprecia os outros pacientes da unidade.
5. Percebo que você vive cheio de negações (minimiza, se explica, se justifica).
6. Vejo que quando fica irado, você se esconde.
7. Noto que você se comporta como se já soubesse de tudo.
8. Vejo que você banca o conselheiro.
9. Observo você se controlando.
10. Vejo que você tenta manipular a unidade.
11. Constato que você não admite seu vício.
12. Ouço você se vangloriar do seu vício (histórias de guerra).
13. Percebo que no grupo você tem um discurso, quando está em comunidade tem outro.

B) Noto que você usa os seguintes artifícios para não ter de lidar com sua doença (circule as afirmações pertinentes)

1. Vê televisão, joga cartas ou jogos etc.
2. Preocupa-se com tudo, menos com o tratamento.
3. Recorre à autocomiseração (CDM — Coitadinho De Mim).
4. Procura um relacionamento sentimental, um namoro.
5. Preocupa-se com problemas físicos e não fala de outra coisa.
6. Busca agradar as pessoas.
7. Usa o humor/piadas para não expor seus verdadeiros sentimentos.
8. Isola-se.

Meus companheiros de Hazelden que me avaliaram com base no questionário acima assinalaram todos os 21 itens. Recebi uma horrenda nota máxima. Por outro lado, eu tinha quase uma década de prática constante, e a

prática leva à perfeição.

Não gosto de falar sobre o tempo que passei em Hazelden. Foi uma das experiências mais difíceis de toda a minha vida, e muitas vezes achei que não tivesse forças para enfrentá-la. Mas enfrentei, ainda que de modo imperfeito. Além de ser um sonhador, eu era um sobrevivente, tal como minha mãe. Eu cerrava os dentes e fazia o que tinha de fazer. Minha mãe superou sua década de dificuldades, estudou o que precisava estudar e deu duro para vencer. Segui pelo mesmo caminho, e comecei a escrever a sério a mensagem da graça na minha vida. Minha mãe encontrou alguém com quem se casou pouco depois de sua década sofrida. E, assim como minha mãe, eu também encontrei.



12

A esta altura, tenho certeza de que você já percebeu que convivo com muitos remorsos. Meu maior remorso, porém, é não ter sabido viver a vida de casado. Até hoje, quando me lembro desse tempo da minha vida é como se tocasse uma ferida sensível. Jamais escrevi sobre aqueles dias — nunca usei esse período como material de palestra ou de livros. Agora, porém, chegou a hora de dizer alguma coisa.



Como você sabe, fui criado numa família de católicos irlandeses. Apesar das dificuldades que tive com meus pais, minha decisão de entrar para o sacerdócio foi recebida com muito entusiasmo. Meu gesto não foi interpretado friamente — pelo contrário. Cresci na estima dos meus pais. Como eu tinha me comprometido com os votos franciscanos, não podia me casar. Transgredir o voto de algum modo seria considerado um grave pecado. Eu estava amarrado pela escolha que fizera livremente.

Depois que saí de Hazelden e passei a dar palestras, minha estrela começou brilhar. Na época, um padre que desejasse falar sobre seu problema com o alcoolismo num momento, e sobre o amor incondicional de Deus no outro, era algo fora do comum. Eu estava sendo convidado para falar com uma frequência cada vez maior. Um desses convites veio de um retiro de fim de semana em Morgan City, Louisiana.



Roslyn e eu

O *slogan* da cidade era “bem no meio de todos os lugares”. Na época, não tinha como eu saber quanto aquele *slogan* combinaria com minha experiência

ali. Agora sei. Foi ali que eu a vi pela primeira vez, bem no meio de tudo e de todos os lugares da minha vida. Eu tinha pouco mais de 40 anos, sentia-me limpo e cheio de esperança. Era como se estivesse pronto para qualquer coisa.

Os retiros em que eu falava seguiam geralmente a mesma estrutura: depois de um período formal de exposição, os participantes que quisessem receber aconselhamento pastoral tinham a oportunidade de conversar alguns minutos com o preletor. As pessoas entravam em uma fila para conversar comigo.

Na vez dela, Roslyn começou dizendo: “Não sei bem por que estou aqui. Não tenho nenhum problema”. Contudo, não demorou muito para eu descobrir que ela era toda confusa, assim como eu.

Dei a Roslyn o nome de um grupo de oração que se reunia em Nova Orleans, achando que poderia ser bom para ela, um lugar onde receberia apoio e orientação. Eu conhecia alguns dos membros do grupo, confiava neles e participava de reuniões sempre que podia. Eu havia me mudado para Nova Orleans, cidade de que sempre gostei.

Naqueles 15 ou 20 minutos com Roslyn, soube que era mãe solteira, tinha duas filhas, fora criada num lar batista pelo lado do pai e católico pelo lado da mãe. Tinha um irmão, Michael, dois anos mais velho do que ela, a quem ela amava muito e que fora morto em 1969, durante uma missão aérea noturna no Laos, uma tragédia da qual ela nunca se recuperou, o que é perfeitamente compreensível.

Depois do nosso breve diálogo, ela se retirou e o próximo da fila se sentou. Podia ter sido Hank Aaron [célebre jogador de beisebol] ou Gerald Ford [ex-presidente dos Estados Unidos] que eu não teria notado, porque na minha cabeça havia apenas a forma atraente da segunda colocada do concurso de Miss San Antonio de 1962, mais conhecida como Roslyn.

De volta a Nova Orleans, ela passou a frequentar as reuniões do grupo de oração. Conheceu meus amigos e eles a ela. Cerca de um ano depois, Roslyn convidou o grupo para um guisado de lagostim em sua casa. Ela pensou também em me convidar. É possível que eu tenha sugerido a Roslyn que procurasse aquele grupo porque talvez assim pudesse vê-la novamente. Não creio que eu seja uma pessoa assim agradável, mas, quem sabe? Um dos talentos de Roslyn é a hospitalidade. Ela sabe como receber bem e, por isso

mesmo, aquela noite foi ótima. Não sei se me ofereci ou se ela me pediu, só sei que a ajudei na limpeza depois do jantar, levando algumas coisas para a garagem. Foi ali então que o padre e a moça se uniram em um beijo. Não que não tivéssemos gostado do que aconteceu, acho que gostamos. Sei que eu gostei. Mas claro que não havíamos planejado nada. Escrevi de propósito “em um beijo” em vez de “nos beijamos”. Aquele primeiro beijo fez com que estivéssemos “em” — o lugar de uma experiência de sentimentos, como se estivéssemos bem no meio de tudo. Fiquei apavorado.

Depois disso, sempre que eu estava na cidade, ligava para Roslyn. Ela me pegava no seu horário de almoço, e não demorou muito para que nossos encontros se tornassem tão previsíveis quanto a umidade de Nova Orleans: comprávamos sanduíches *po-boy* [lanche típico da Louisiana de carne ou frutos do mar servido na baguete] e íamos comê-los em frente ao lago Pontchartrain. Depois, passávamos um tempo que eu gostava de chamar de “momento de beijinhos e abraços”. O termo “alciônico” designa um tempo passado de felicidade idílica e serena. Lembro-me dessas escapadas ao lago Pontchartrain como dias alciônicos.

Durante um de nossos encontros à tarde, dissemos aquelas palavras, sim, aquelas: “Eu te amo”. Palavras tolas para um padre celibatário? Talvez. Mas, como disse Erasmo:

Os homens, na maioria, são loucos [...] ora, é na semelhança que estão fundadas todas as amizades.

Roslyn e eu telefonávamos muito um para o outro naquela época — naqueles aparelhos de disco e fios compridos. Encontrávamo-nos também sempre que podíamos, dependendo da minha agenda. Eu estava viajando praticamente o tempo todo, por isso nos víamos uma vez a cada dois ou três meses. Nossa relação foi assim durante quase sete anos. Um dia, quando estávamos juntos, ela disse: “Não quero mais ver você”.

Só muitos anos depois, Roslyn me diria que, no início do nosso relacionamento, prometera a si mesma que não me pediria para escolher entre ela e o sacerdócio. Ela cumpriu a promessa. Nunca pediu. Contudo, sete anos é

muito tempo para viver longe da pessoa que se ama, ocupando sempre uma posição menos importante que Deus.

Mas o que eu podia fazer? Eu era um padre franciscano que havia feito voto de celibato. Roslyn era mãe solteira. Estávamos apaixonados. Se a nossa vida fosse um musical de cinema com trilha de Rodgers e Hammerstein,^[23] talvez as coisas tivessem dado certo. Poderíamos apenas ter cantado a respeito de algumas das coisas de que gostávamos — sanduíches *po-boy* e Nova Orleans — e assim, quem sabe, não tivéssemos de nos sentir tão mal. A nossa, porém, era a clássica história de amor proibido, do tipo que sempre se resolve com alguma morte.

Decidimos não manter qualquer contato durante dois meses. Depois desse tempo, nos encontraríamos para conversar. Aqueles dois meses foram um inferno para mim. Sem dúvida, provei nesse tempo o que Roslyn havia vivido durante anos. Quando nos encontramos, contei a ela minha decisão. Eu tiraria uma licença do meu ministério e entraria num período de discernimento sobre a nossa relação. O discernimento, na verdade, é um processo por meio do qual procura-se encontrar “o melhor ajuste”. Decidi me afastar por um ano em busca de uma vida ajustada.

Mais uma vez, parti em direção aos muros de um monastério. Embora de um modo não formal como o meu, Roslyn me assegurou que também passaria um tempo em busca da coisa certa a fazer. Entendo que essa coisa de discernimento pode parecer algo superespiritual. A verdade é que foi o ano mais longo e mais doloroso da minha vida.

No dia 12 de março de 1966, a revista *Saturday Evening Post* publicou um artigo intitulado “Sou padre. Quero me casar”, assinado pelo padre Stephen J. Nash. O artigo questionava a prática do celibato entre padres e fora escrito sob pseudônimo. A reação do público ao artigo foi um misto de aprovação e de ira, que acabou resultando na exigência de que o verdadeiro autor revelasse sua identidade. Um jovem padre corajoso, James Kavanaugh, se apresentou. Não demorou muito, aproveitando a semente lançada pelo artigo, escreveu um livro: *A Modern Priest Looks at His Outdated Church* [Um padre moderno examina sua igreja antiquada].

Dou ao leitor um pouco de contexto. Cerca de quatro anos antes, durante

um discurso do papa João XXIII, quase três mil bispos foram chamados a Roma, “para abrir as janelas da igreja e deixar entrar uma lufada de ar fresco”. O evento também ficaria conhecido como Concílio Vaticano II. As mudanças postas em andamento eram revolucionárias: davam aos leigos a liberdade de celebrar a missa em sua língua vernácula; o padre, agora, podia rezar a missa de frente para a congregação, em vez de voltado para o altar. Foi uma decisão e tanto delegar poderes às pessoas, transformando espectadores em participantes e observadores em celebrantes. Muita gente experimentou liberdade, algumas delas pela primeira vez, para pensar, questionar, brigar, ou, conforme eu gosto de dizer, “exercitar a mente”. O casamento dos padres era uma dessas questões de exercício da mente, mas para o Vaticano, o diálogo havia levado a ideia de liberdade longe demais.

Assim, em outubro de 1967, ao concluir sua preleção na Universidade de Notre Dame, perante um salão cheio de novos teólogos, Kavanaugh tirou o colarinho clerical e anunciou publicamente que estava deixando o sacerdócio. Foi um gesto chocante que provocou uma grande comoção. Uma semana depois, a Associação de Ex-Alunos de Notre Dame veiculou um anúncio de página inteira no *New York Times* na tentativa de minimizar o “endosso entusiástico” do público. O editor de Kavanaugh ofereceu-lhe meia página do jornal para que ele respondesse. Ele aceitou a oferta, e escreveu:

Renuncio ao sacerdócio católico em protesto pessoal contra a recusa da hierarquia da igreja institucional em fazer reformas. [...] Não posso mais usar o colarinho e tampouco aceitar que me chamem de “padre” quando a instituição que represento bane da comunhão os divorciados e os casais em segunda união, recusa-se a admitir seu erro na questão do controle da natalidade, ignora o apelo dos padres que desejam se casar, continua a reduzir os princípios de Cristo a instrumentos de medo e culpa. [...] Não posso continuar a ser identificado com uma estrutura de poder que admite apenas mudanças simbólicas enquanto o grito de milhões não é ouvido.[\[24\]](#)

Em seu livro, Kavanaugh dá mais detalhes:

Se eu abandonasse o sacerdócio porque o celibato não faz sentido e oculta exatamente o amor cristão ao qual, um dia, se propôs a servir, eu seria um renegado, um traidor, um homem sem lar. Ainda seria padre, mas um padre arrasado e só — alijado da família e dos amigos. Se eu me casasse, pediriam a meus pais que ignorassem a esposa escolhida por mim. [...] Eles me rejeitariam, o filho que os tornara pais orgulhosos e felizes, o filho que ainda deseja mantê-los assim. Eles me dariam as costas e ofereceriam a Deus sua infelicidade. Entrariam sorrateiramente na igreja, evitariam o sacerdote, e haveria sempre o receio de um cochicho que expusesse sua vergonha. Além disso, ficariam imaginando onde teriam falhado em tudo o que fizeram pela minha vida.[\[25\]](#)

Era o ano de 1981. Eu tinha 47 anos e também queria me casar. Portanto, no final do período de doze meses em que Roslyn e eu ficamos separados depois de uma temporada de discernimento, era hora de tomar uma decisão. Meus antigos votos consideravam pecado o casamento. Eu fora avisado. Mas naqueles doze meses, havia ficado claro para mim que o sacerdócio formal não se ajustava mais; pecado maior seria eu *não* me casar. Mais de um amigo franciscano me incentivou a pedir que me laicizassem, isto é, que me concedessem o *status* de leigo. Esse é um título oficial da igreja, que significa basicamente ser privado do hábito, despojado da função e dos privilégios sacerdotais. Na minha situação específica, assumir esse *status* significava concordar com os três termos seguintes:

1. Jamais tive vocação para o sacerdócio.
2. Perdi minha vocação.
3. Fui seduzido.

Se eu concordasse com esses termos, manteria um bom relacionamento dentro da igreja e talvez tivesse a tênue possibilidade de continuar meu

ministério de pregação e ensino. Ocorre que tais termos simplesmente não eram verdadeiros. Eu não poderia, à custa da minha integridade, consentir com eles.

Discernimento significa também “capacidade de separar”. Para me ajustar à minha nova vida, me dei conta de que não bastava assumir a condição de leigo. Não poderia concordar com aquelas qualificações inverídicas, porque diziam que para eu chegar aonde queria — me casar — teria de proceder a uma separação metafórica da minha vocação sacerdotal.

E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno.

Mateus 5.30



13

Liguei para Roslyn no Domingo de Páscoa de 1982 e contei-lhe o que havia decidido, que *não* me casar seria um pecado maior, uma recusa do presente que Deus me dava na pessoa dela. Pedi-lhe então pelo telefone que se casasse comigo. Ela respondeu: “Sim, Brennan, eu me caso com você”. Ainda posso ouvir a voz de Roslyn na minha cabeça. Que palavras mais lindas. No meu antigo sonho alguém se aproximava de mim e dizia: “Gosto de você. Vamos brincar?”. O espírito da resposta dela era o mesmo. “Gosto de você. Vamos envelhecer juntos”. Essa resposta foi para a galeria dos momentos felizes. Queria que todas as pessoas que conhecíamos se alegrassem conosco, mas não foi o que aconteceu.



Naquela época, minha agenda estava tomada de compromissos com palestras nos dois anos seguintes. Eram mais de duzentos convites. No momento em que minha carta de renúncia chegou à arquidiocese, todas as preleções agendadas foram canceladas. Eu não era mais bem-vindo na diocese católica de Nova Orleans. Roslyn trabalhava na ocasião em uma das igrejas da cidade na área de educação religiosa. Ela se demitiu antes que a mandassem embora. Tudo isso não foi da noite para o dia, mas a impressão que eu tinha era essa. O tempo emocional é sempre mais intenso. Agora éramos renegados, traidores, o casal sem lar, longe da maior parte dos familiares e de muitos amigos.



Cerca de seis meses depois nos casamos. Juntos, tínhamos menos de mil dólares. Foi uma cerimônia modesta na casa de um amigo, e o dr. Francis MacNutt, um colega próximo, oficiou nossa união. Pelo que sei, as fotos que aparecem neste livro são as únicas do evento. Lembro-me do total apoio que a mãe de Roslyn nos deu, uma bela senhora que me acolheu de braços abertos. Mas me lembro também de que alguns amigos não estiveram conosco. Simplesmente não podiam, em sã consciência, estar entre os que aprovavam nossa união. Eles não foram os únicos.

As palavras de James Kavanaugh falam do peso da vergonha que uma família enfrentaria se seu filho-padre decidisse se casar. No meu caso não foi diferente. Meus pais e minha irmã não compareceram ao meu casamento. Era demais para eles. Há uma parte em mim que não entende essa atitude, ainda que agora haja outra que sim. Eles me viram passar de acadêmico em formação a soldado, seminarista e padre. Eu havia chegado ao auge e agora estava jogando tudo fora. Contudo, num gesto ousado que significou muito para mim, algo de que jamais me esquecerei, meu irmão nos surpreendeu, vindo de trem nos visitar

poucos dias depois do casamento. Nunca vou me esquecer do apoio que Rob nos deu. Ele sempre foi uma pedra.



Depois de muitos anos de vida celibatária, eu agora estava casado. Sentia sinceramente que Deus aprovava nosso casamento. O processo de discernimento havia me ajudado a concluir: “Devemos ficar juntos, Roslyn”; porque Deus me dissera: “Vocês devem ficar juntos, Brennan”. Não achei que seria fácil, mas achava que era o correto. Além de ser marido, agora eu era também pai adotivo de duas filhas: a pré-adolescente Simone, aluna do sexto ano, e Nicole, que acabara de entrar no ensino médio. Fui de padre Brennan Manning a pai Brennan Manning. Eu havia passado a maior parte da minha vida adulta próximo de homens — padres, irmãos. Agora morava com três mulheres debaixo do mesmo teto. Qualquer um ficaria atordoado. Eu não tinha a menor ideia de como me comportar. Não posso dizer nada em relação aos veteranos, sei apenas que um sacerdote na meia-idade tem muita dificuldade para aprender certas coisas. Se alguém pudesse me observar dentro de casa, veria que eu continuava a fazer o que sempre havia feito: ler, orar, ir à missa diariamente, escrever, só que agora na companhia do sexo oposto.

Conforme eu disse, fui desligado da ordem, e minha agenda, que vivia cheia, subitamente se esvaziou. Depois de um ano de casados, Roslyn e eu tínhamos mais ou menos mil dólares no banco e a mensalidade da escola das meninas para pagar. Eu não sabia o que fazer. Enquanto isso, a voz da vergonha e da culpa começava a ecoar dentro de mim. Meu desejo de ser o provedor da minha família vinha sendo frustrado. Aqueles foram dias de aprendizado da realidade por detrás de uma expressão que eu sempre usei: “confiança cega”. É fácil de dizer, mas muito mais difícil de viver. Contudo, aprendi na vida que a graça está sempre sendo gestada, como a criança que ainda não nasceu. E quando a futura mãe pega a mala que deixou pronta para levar ao hospital e diz “Vamos, chegou a hora!”, é melhor ir mesmo.

Na primavera de 1983, recebi um telefonema de um homem de Billings, do estado de Montana. Perguntou-me se eu não estaria interessado em dar uma

série de palestras ali. Ele havia escutado algumas fitas com preleções minhas. Tudo me parecia meio desorganizado, mas havia a promessa de pagamento, por isso aceitei. Ele pôs um anúncio no jornal local e convenceu um pastor da Assembleia de Deus a sediar o evento. No primeiro dia, falei diante de quase mil pessoas. No segundo dia, o público foi de 1.200 pessoas. Na última noite, havia uma multidão de 1.500 pessoas. O pastor disse: “Brennan, vocês católicos não sabem pedir dinheiro. Deixe-me fazer isso”. Ele falou sobre o sustento dos que pregam o evangelho de um modo muito bíblico. Lembro-me de que fiquei bastante emocionado e agradecido. Em seguida, foi feita uma coleta e eu voltei para Nova Orleans com um cheque de 15 mil dólares. Roslyn teve de se sentar quando viu.

Três semanas depois, recebi um telefonema de Bob Krulish, diretor da Young Life[26] na região das Montanhas Rochosas. Bob me ouvira falar quando eu era padre em 1968, na Calvary Community Church, em San Jose, e evidentemente havia visto ou ouvido algo de que gostara. Ele ligou para saber se eu poderia falar durante um final de semana no encontro anual de liderança e treinamento de líderes da YoungLife, em Glen Eyrie, Colorado Springs. Não voltei para casa com um cheque de 15 mil dólares, mas não me saí mal. Naquele final de semana teve início um longo relacionamento com a equipe e a liderança da YoungLife, a quem preguei diversas vezes e servi em várias ocasiões.

Uma semana depois recebi uma ligação de um homem chamado Mike Yaconelli. Mike era a força vital por trás do ministério Youth Specialties. Ele havia convidado uma preletora que teve de cancelar o compromisso. Perguntou-me então se eu não poderia falar no lugar dela. Concordei. Mais uma vez, o dinheiro que recebi não se comparava ao que recebera em Billings, mas a experiência que tive na ocasião foi excepcionalmente frutífera e deu início a uma amizade longa e célebre com o “belo pecador”, Mike Yaconelli.

Aqueles três telefonemas assinalaram o renascimento do meu ministério de pregações e ocorreram exatamente um depois do outro, tal como narrei. Foram oportunidades que confirmaram minha vocação inequívoca de evangelista, e foi a dose de encorajamento de que eu precisava na época. Para Roslyn, elas trouxeram uma enorme segurança, obviamente no sentido financeiro, porém

mais ainda no sentido de que Deus não havia nos abandonado. Sim, uma geração perversa pede sinais, mas um sinal tangível da aprovação divina de vez em quando pode nos encher de coragem durante meses, sem falar que ajuda a pagar as contas.



14

Gostaria de compartilhar três pequenos movimentos ocorridos durante minha vida com Roslyn: um bom, outro não muito bom e um mau. Primeiro tivemos aquela fase de lua de mel, seguida de uma etapa de ajustes e, por fim, um distanciamento gradual. Afirmei anteriormente que o maior remorso da minha vida foi não saber ser casado. É fato, mas não me arrependo nem um pouco de ter tentado.

O bom

Eu gostava demais daquela vida nova. De verdade. Eu a havia escolhido, e eram muitas as coisas boas que via nela. Morávamos então em uma casa maravilhosa em Nova Orleans, uma casa ótima para receber as pessoas, o que fizemos por diversas vezes. Ficava na mesma rua onde morava a mãe de Roslyn, só que um pouco mais abaixo. Conforme eu disse, Roslyn era uma anfitriã de mão cheia. Ela sabia organizar as coisas de modo prático de um momento para o outro. Isso era bom, porque ela logo se deu conta de que geralmente eu não lhe dava mais do que um momento mesmo. Eu não pensava duas vezes antes de convidar as pessoas a irem à nossa casa: para conversar, participar conosco da celebração da missa, jantar. Gostava muito da casa cheia de gente conversando, do aroma da comida. Talvez isso fosse efeito dos meus dias no Alabama. Não era raro que Roslyn não soubesse quem era esta ou aquela pessoa. Às vezes, nem eu sabia. Nossa casa era mais do que uma casa, era um lugar de aconchego, um local seguro onde as pessoas podiam se reunir. E havia flores, sempre muitas flores. Roslyn tinha o dom de combinar azaleias com petúnias, begônias e

crisântemos amarelos que ela espalhava em torno da casa, de modo que até a área externa era um convite gracioso.

Se alguém perguntasse às minhas enteadas o que achavam das minhas habilidades paternas, é bem possível que rissem. Eu também. Mas aquelas meninas sem dúvida faziam parte do “bom” do nosso casamento. Eu era capaz de consagrar a hóstia na missa diária que celebrávamos em casa, mas em relação às duas garotas, não tinha a mínima ideia do que fazer. Elas foram muito amáveis em me aceitar e partilhar sua mãe comigo. Espero sinceramente que tenham também lembranças guardadas no arquivo “bom”. Citei anteriormente Richard Rohr, quando disse que a vergonha, quando não é transformada, é transferida. Tinha consciência disso e tentei propositalmente fazer com elas algumas coisas, de tal modo que não repetisse os pecados do passado.

Uma coisa que faltava na vida das meninas era um clima de celebração no aniversário, pelo menos era o que eu achava. Queria que soubessem como eram especiais. Isso era algo que eu nunca tive no meu aniversário, portanto tratava-se de uma variação do fazer para os outros aquilo que gostaria que fizessem para mim. Nossas comemorações começavam antes do dia do aniversário e iam além dele. Criamos uma nova tradição: a aniversariante, e isso incluía Roslyn, podia escolher qualquer restaurante de Nova Orleans que quisesse, e lá íamos nós, muito bem arrumados para um jantar chique e caro. Gostava de presenteá-las e, pensando bem agora, talvez tenha dado presentes demais. Nunca liguei para dinheiro. Pessoalmente, nunca me importei. Entretanto, desfrutei dele, no sentido de que me permitia dar inúmeros presentes às pessoas mais próximas de mim. Creio sinceramente que não estava tentando comprar o amor que elas pudessem me oferecer, e sim expressar o meu da melhor maneira possível. Sei que minhas enteadas levaram para suas famílias a tradição dos aniversários com as devidas adaptações. Aquelas comemorações são algumas das lembranças mais queridas que tenho.

Não poderia deixar de mencionar dois outros membros da família a figurar no “bom”. Os nossos cães: Binky, um lulu da Pomerânia, e Maxwell, um *yorkshire*. Eu era mais próximo de Binky. Roslyn e as meninas ficavam loucas quando eu não o corrigia nas vezes em que se comportava mal, mas eu achava

que o coitado precisava apenas de um bocado de graça. Muitas vezes eu encerrava o dia vendo um pouco de televisão, e Binky estava sempre lá do meu lado. Devo confessar que é impressionante como é possível sentir-se tão próximo de um cão.

O não muito bom

Em nossa casa em Nova Orleans tínhamos uma piscina. Era um aspecto da casa que todos apreciávamos, inclusive eu. Acontece que uma piscina precisa de limpeza constante. É um dos afazeres domésticos. Um dia Roslyn me pediu para limpá-la. Tentei, mas fiz um trabalho ordinário. Roslyn voltou a tocar no assunto depois. Respondi: “Não, não vou limpar. Esse serviço me tira a paz de espírito!”. Sim, eu disse isso mesmo. Fui para dentro, e Roslyn terminou a limpeza. Esse acontecimento por si só é uma boa metáfora. Roslyn e eu estávamos casados há dezoito anos e, durante boa parte desse tempo, enquanto eu viajava, pregava, escrevia e cultivava minha paz de espírito, Roslyn limpava a piscina.

Há muitas classificações de personalidade disponíveis atualmente, quadros e questionários elaborados com o objetivo de ajudar o homem ou a mulher, ou o casal, em sua jornada de autoconhecimento. Roslyn e eu usamos o eneagrama e tiramos muito proveito dele. Sei que algumas pessoas o consideram perigoso, porque teria raízes no ocultismo. Não concordo com essa avaliação. Provavelmente um dos defensores mais conhecidos dessa técnica é o padre Richard Rohr, um homem a quem admiro e respeito muito.

O teste funciona da seguinte maneira: depois de responder a uma série de perguntas sutis e complexas, seu tipo de personalidade é identificado. Há nove tipos de personalidade que correspondem aos números de 1 a 9. Roslyn é do tipo 1, “Reformador” — próprio de pessoas dotadas de propósitos e de autocontrole. Eu sou do tipo 4, “Individualista” — egocêntrico e temperamental. Os nove tipos são posteriormente divididos em Centros: Instintivo (1, 8, 9), Sentimental (2, 3, 4) e Intelectual (5, 6, 7). Estes, em seguida, são classificados segundo a emoção dominante em cada um: Raiva/Ira (1, 8, 9), Vergonha (2, 3, 4) e Ansiedade (5, 6, 7). Apresento a seguir duas breves descrições dessas emoções dominantes, com base nos resultados que

obtivemos:

O tipo 1 tenta controlar ou reprimir a ira. É imperioso para ele manter o controle dos impulsos e da ira o tempo todo.

O tipo 4 tenta controlar a vergonha, concentrando-se na pessoa única e especial que considera ser. Ele enfatiza a individualidade e a criatividade para lidar com seu sentimento de inadequação. Administra a vergonha que sente criando uma vida vibrante de fantasias, onde não tenha de lidar com as coisas triviais da existência.

Dizem que o relacionamento/casamento entre o tipo 1 e o tipo 4 é o mesmo que tentar misturar óleo com água. Junte o álcool a essa combinação e a questão deixa de ser se haverá ou não problemas, e sim quando e como serão superados.

Vamos pegar agora como exemplo o caso da piscina à luz dos números do eneagrama. Eu, sendo do tipo 4, senti que foi perturbado meu santuário interior de paz — onde o “brilho de Brennan Manning” era cultivado e que possuía a maior importância. Ser incomodado por algo tão banal quanto a limpeza de uma piscina era simplesmente uma intromissão à grandeza. Sim, sei que isso é de uma arrogância incrível, mas era assim que eu me sentia. Junte-se a isso o fato de que Roslyn era do tipo 1 e, como tal, sentia-se frustrada em relação a mim, que não estava disposto a fazer parte da raça humana. Porém, como ela queria estar no controle, reprimia a ira e redirecionava a energia conforme o contexto, e fazia ela mesma o que tinha de ser feito. Eu disse alguma coisa sobre quando e como nossos problemas foram “superados”. A limpeza da piscina precisava ser feita em dias de sol, mas por dentro o clima estava parcialmente nublado e sujeito a tempestades. O eneagrama não nos ajudou necessariamente a resolver dilemas desse tipo, mas pelo menos nos deu a percepção e a linguagem necessárias para discuti-los.

O mau

Eu disse que a nossa casa era mais do que uma simples casa. Era um lugar de

aconchego, de calor e segurança. O termo grego *eschara* significa fogão ou lareira. A lareira em geral se localizava estrategicamente no meio da casa e era o eixo em torno do qual realizava-se a maior parte das tarefas domésticas. Era onde pais e filhos se reuniam. Como tal, era também o local onde se trocavam muitas injúrias devido à natureza aberta da estrutura criada pela lareira. Em outras palavras, era o lugar onde as pessoas se “queimavam”. Não se pode ter uma lareira sem o risco de se queimar.

Quando há muitas queimaduras, ficam as cicatrizes, constituídas por um tipo de pele inferior, menos saudável que a pele normal. O tecido lesado é limitado em suas funções, incluindo movimento, circulação e sensibilidade. Uma coisa é quando o ferimento acontece em uma das mãos, no braço ou numa perna; outra bem diferente é se o ferimento atinge repetidas vezes o coração.

No auge do meu ministério de pregação comecei um jogo com Roslyn, comigo mesmo e até com Deus. Era uma versão adulta de *ringolevio*, uma brincadeira do meu tempo de criança — eu me escondo e alguém tenta me achar. Eu costumava trabalhar com uma agenda superlotada e dispunha apenas de uns poucos dias entre um compromisso e outro, geralmente em extremos diferentes do país. As regras do meu jogo eram as seguintes: terminada a palestra, eu ia para um quarto de hotel perto do aeroporto, me fechava lá dentro e bebia. Eu não avisava a Roslyn nem a ninguém. O isolamento podia durar de um a quatro dias. Pois bem, era assim que funcionava: estou escondido; venham me achar. Uma brincadeira de criança praticada por um homem adulto.

Roslyn entrou no jogo e quase sempre conseguia me rastrear. Ela me ligava suplicante: “Brennan, por favor, venha para casa”. Eu voltava para Nova Orleans, e nossa lareira virava então o cenário do processo físico excruciante que é a abstinência de um alcoólatra. Roslyn fazia o melhor que podia para evitar que as meninas presenciassem esses momentos, mas acho que elas sabiam que havia algo de errado. Se não percebiam olhando diretamente para mim, certamente podiam ver olhando para Roslyn. O preço era alto demais, e começava a transparecer nos olhos dela. Uma das realidades da família do alcoólatra é que ela acaba muitas vezes tragada também pela loucura da situação. Não é uma coisa planejada. Acontece simplesmente. Foi assim com

Roslyn. Ela própria admitiu que houve vezes em que se recusou a ver o que se passava tanto quanto eu. Cada um a sua maneira, nos esforçávamos para esconder a verdade e manter as aparências. Existe alguma coisa na vida capaz de preparar as pessoas para conviver com um alcoólatra? Acredito que não. A pessoa simplesmente se vê nessa situação e faz o melhor que pode, e foi o que fez Roslyn.

Minha melhor “performance”, por assim dizer, no jogo, foi quando desapareci por nove dias. Ninguém sabia onde eu estava. Nessa época, Roslyn fazia pós-graduação na Universidade de Loyola, preparando-se para o mestrado na área de educação religiosa. Meu desaparecimento foi tão doloroso e a deixou de tal forma ansiosa que ela trancou a matrícula naquele semestre. Roslyn alcançou a graduação, sete anos depois, sem dúvida porque não tinha de passar o tempo todo me procurando. Nosso casamento não ia bem, e isso afetava tudo.

Finalmente telefonei dizendo-lhe que estava indo para casa. Não me lembro de Roslyn ter dito alguma coisa quando liguei. (O que ela poderia dizer?) Mesmo assim, ela foi me encontrar no aeroporto, mas a pessoa a quem encontrou não era aquele sujeito simpático e contador de histórias, e sim o Brennan bêbado, cheirando a vômito, que mal podia respirar. Meus pulmões eram os primeiros a ser afetados quando eu bebia demais. Nos períodos de abstinência eu sempre tinha problemas respiratórios. Nessa ocasião específica, a dificuldade de respirar era tanta que Roslyn me levou rapidamente para o pronto-socorro do Hospital Ochsner. Depois de ficar lá tempo suficiente para receber tratamento do alcoolismo, me deram alguns remédios e me liberaram. Poucos dias depois, eu estava novamente a bordo de um avião com destino à próxima pregação e mais um *round* do *ringolevio* do Brennan Manning.



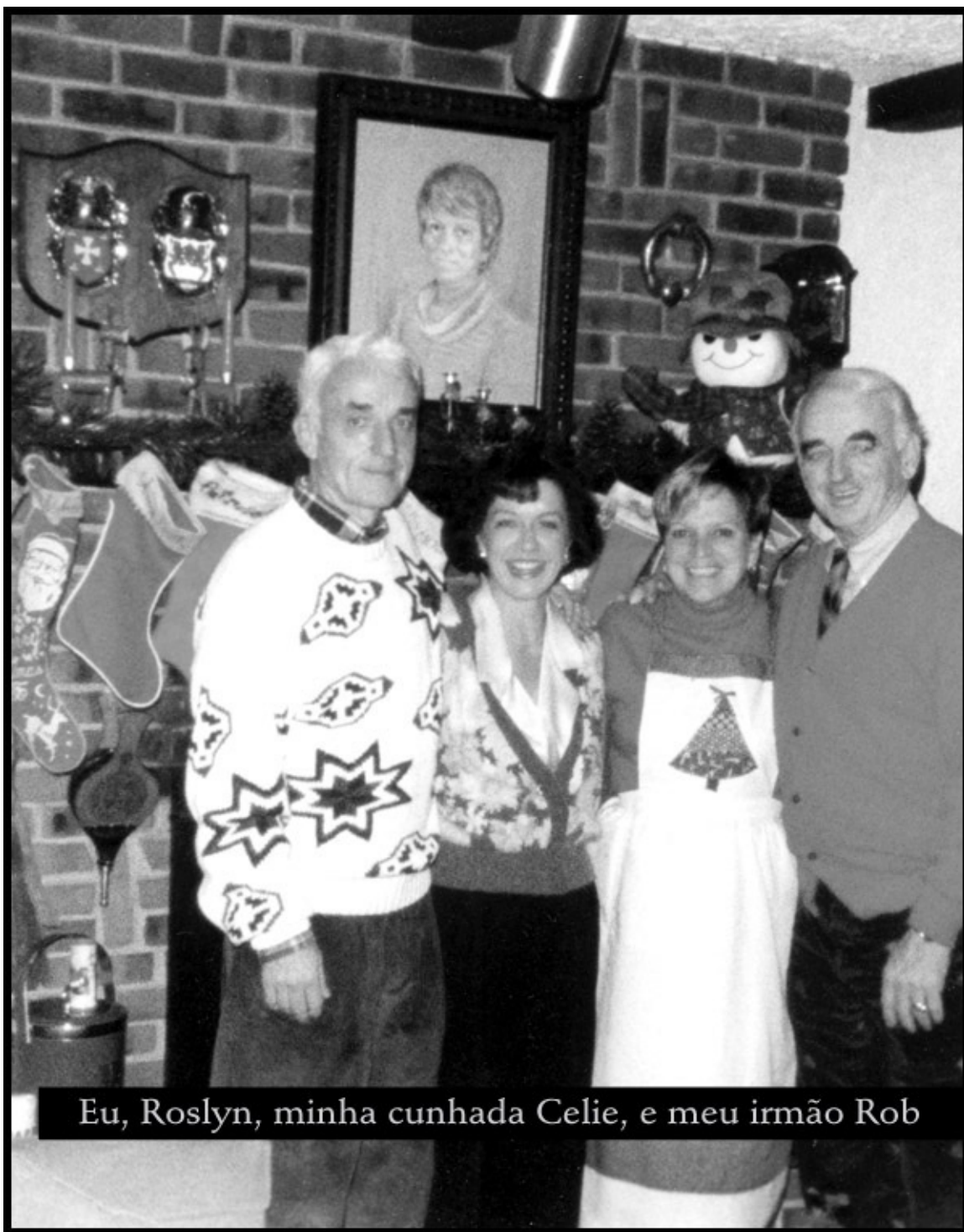
O casamento, por definição, envolve duas pessoas, não uma. Há sempre dois lados em toda história, e a verdade está em algum lugar entre as duas partes. Roslyn tinha anjos e demônios com os quais lutava, tal como eu. Não creio que tenha havido um momento específico em que entendemos que as coisas iam mal. Foi uma progressão, um acúmulo gradual, diversos momentos entre o “1”

e o “4”, de modo que o casamento, se fosse uma fórmula, resultaria em “5”. Acontece que o casamento, assim como a vida, creio eu, não é uma equação. Às vezes as contas simplesmente não batem.

*Naqueles anos, dirão as pessoas,
perdemos o significado do nós, do você
E nos vimos reduzidos ao eu.*

Adrienne Rich, “In Those Years” [Naqueles anos]

Fomos casados durante dezesseis anos e nos separamos em 1998. Depois de um ano, tentamos voltar, mas era óbvio que o tecido do nosso casamento sofrera lesões irreparáveis, o dano estava feito, e estávamos ambos entorpecidos. Um ano depois, em 2000, nos divorciamos. Somando-se àqueles sete anos de “beijinhos e abraços” antes do casamento, Roslyn e eu estivemos juntos um total de 25 anos. E depois, não mais.



Eu, Roslyn, minha cunhada Celie, e meu irmão Rob



15

*Para viver neste mundo é preciso ser capaz de três coisas:
Amar o que é mortal;
Protegê-lo com todas as forças sabendo que
a vida depende disso;
E quando chegar a hora em que a
separação for inevitável,
saber aceitá-la.*[\[27\]](#)

Mary Oliver, “In Blackwater Woods”

Eu não sabia ser casado, mas depois do divórcio, descobri que não sabia *não* ser casado. Portanto, talvez eu soubesse, mas não sabia que sabia. Cá estou eu novamente intelectualizando um assunto do coração. Hoje em dia, porém, essas charadas românticas me dão dor de cabeça e em quase nada contribuem para honrar esse fio de graça que percorre nossos relacionamentos e nossas tentativas, ainda que débeis, de amar um ao outro. O que restou então com o fim do nosso casamento? Nós, suponho.

Contudo, vejo algo em minha mente, a imagem de uma cicatriz que me consome e me acalma. Vejo flores.

Penso no que escreveu Paul Harding em *Tinkers* *[A restauração das horas]*:[\[28\]](#)

O campo era um terreno abandonado. Os restos de uma casa antiga, há tempos transformados em ruínas, ocupavam a parte de trás do campo.

As flores talvez tenham sido a última geração de plantas perenes, cujos ancestrais foram plantados pela primeira vez por uma mulher que viveu nas ruínas quando elas eram uma casa sem pintura, em estado bruto, habitada por ela e por um marido sério, que fumava, e talvez por duas filhas sérias e silenciosas. As flores eram um ato de resistência contra o terreno bruto e nu, onde a casa bruta erguia-se da terra bruta. como num desvario inevitável e necessário, porque os seres humanos têm de viver em algum lugar e em alguma coisa. [...] Portanto, as flores talvez fossem um bálsamo e, se não um bálsamo, quem sabe um gesto que fizesse as vezes do bálsamo, que ela aplicaria se estivesse em seu poder oferecer consolo.



16

Os últimos anos que antecederam nosso divórcio deixaram em farrapos minhas emoções. Eu viajava demais, isolado e bêbado. Por fora, parecia que eu estava bem. Por dentro, entretanto, a solidão e a insegurança me consumiam numa fúria impiedosa. Sinceramente não sei se as palestras que eu fazia tinham algum valor na época. As pessoas me diziam que elas haviam mudado sua vida e que os livros que eu escrevia eram libertadores, mas eu não sei. Tomei, porém, uma decisão da qual jamais me arrependi: juntei-me a um grupo de homens bons.

Eu me sentia mais solitário do que jamais me sentira em muitos anos. Sentia falta do tempo que passei na companhia dos Pequenos Irmãos, de um companheirismo masculino que eu sabia ser real. Convidei então um grupo de homens que me conheciam, mas que não se conheciam uns aos outros, homens cujos nomes eram Paul, Alan, Devlin, Bob, Butch, John, Fil, Mickey, Mike, Gene, Ed, John, Lou e John Peter. Acho que isso foi em 1993, mas não tenho certeza. Recebi respostas diferentes ao convite que fiz, mas o fato é que o ano não importa; importa apenas que aconteceu. A maior parte desses homens eu havia conhecido em retiros e congressos ao longo dos anos. Alguns poucos me conheciam através dos meus livros ou de mensagens gravadas, mas havíamos conversado por telefone ou nos correspondido. O convite era simples: venha passar um dia comigo no Mississippi. Não sei se no convite eu dizia o que faríamos. Hoje, pensando bem, vejo nisso vestígios do meu antigo sonho, com a diferença de que desta vez a iniciativa era minha: “Gosto de vocês. Será que podíamos passar algum tempo juntos?”.

Todos aceitaram o convite, ou, como disse um deles mais tarde: “Só nós seríamos loucos o suficiente para dizer ‘sim’”. Fiquei empolgado e apavorado ao mesmo tempo. Em certo sentido, uma sala cheia de homens é sempre uma coisa perigosa. Há um clima constante de competição no ar, e por isso o potencial de violência está sempre perto. O exibicionismo e a trapaça para conseguir uma posição são ocorrências frequentes também. No entanto, havia um denominador comum entre aqueles homens, e foi isso que me levou a convidá-los, e não a outros. Havia algo que todos compartilhávamos: éramos homens alquebrados. Minha oração sincera era que isso nos protegesse das tolices masculinas de praxe.

Outro motivo, porém, me deixava nervoso. Eu havia impressionado esses homens quando falei do palco ou nas páginas de um livro de Brennan Manning. Agora eu estaria junto com eles, em uma mesma sala durante vários dias em que seríamos todos iguais. Eu não tinha certeza se saberia ser Brennan apenas. Também não sabia se eles iriam gostar do Brennan apenas.



Nosso primeiro encontro foi simplesmente lindo. Existe uma tendência de transparência e vulnerabilidade no mundo de hoje que não existia naquela época ou, se existia, era rara, especialmente entre homens. Alguns notaram imediatamente que não se encaixariam ali. Foram embora e nunca mais voltaram. Ótimo. Para os que permaneceram, porém, o fim de semana foi como água para quem tem sede.

Minha ideia original era que nossa reunião fosse um evento único. Mas no final do primeiro encontro, todos repetiram a variação de uma palavra que tinha um grande significado para mim: “Vamos fazer isso mais vezes”. *Mais*. Nosso tempo juntos no segundo ano terminou com o mesmo desejo. Então planejamos nos reunir mais uma vez. Conforme é comum os grupos fazerem, achamos que seria bom ter um nome que nos identificasse. Discutimos um pouco, mas não chegamos a um acordo. Certa vez, estávamos em um local para retiros católicos em Colorado Springs. A freira perguntou-nos na recepção qual era o nome do nosso grupo e eu disse sem pensar duas vezes: “Notórios

Pecadores”. Ela sorriu e perguntou: “E o que torna vocês tão notórios?”. Foi uma pergunta retórica, eu ri e o nome pegou. Ele se encaixou feito uma luva. Mike Yaconelli descreveu com perfeição o grupo em seu livro *Messy spirituality* [Espiritualidade confusa]:

Os Notórios Pecadores reuniam-se todos os anos em algum local próprio para retiros espirituais. Nossos problemas com a direção do lugar começavam logo na chegada. Não nos comportávamos como a maior parte dos contemplativos que procuravam os retiros — gente reservada, quieta, que busca em silêncio a voz de Deus. Éramos um tipo diferente de contemplativos: pessoas rudes, sem modos, barulhentas e desordeiras, cujas almas tropeçavam aqui e ali na busca de Deus, que tinham por companhia um Jesus indisciplinado e que desejavam alegrar o coração com bons momentos. Muitos de nós fumávamos charutos, metade dos que estavam ali eram dependentes alcoólicos em recuperação, e outros havia que conseguiriam deixar corado um marinheiro com seu linguajar. Dois Notórios Pecadores apareciam montados em motos Harley e vestidos a caráter, de calça e jaqueta de couro.[29]

Os Pecadores, menos eu, se reuniram novamente em agosto de 2010 em Vail, Colorado, e combinaram de se reunir “mais uma vez”. Quantos anos faz que nos reunimos? Ninguém se recorda, mas não tem importância. Acho interessante lembrar agora esse grupo. Passei algum tempo no corpo de fuzileiros navais com outros soldados, em monastérios na companhia de monges e entre irmãos que não faziam parte de conventos servindo os pobres. Os Notórios Pecadores são uma mistura estranha dos melhores aspectos dessas experiências anteriores.

O formato das nossas reuniões mudou apenas um pouco no decorrer dos anos. Elas continuam a ser um lugar seguro para um grupo de homens abrir o coração uns para os outros, ouvir, orar e celebrar a comunhão. É um *santuário*, no melhor sentido da palavra. De forma alguma quero dar a impressão de que

todo ano havia alguma experiência mística e muitos milagres. Houve anos difíceis, em que o meu alcoolismo e o comportamento dos demais alcoólatras se tornaram o sol em torno do qual tudo o mais girava e, por vezes, se queimava. Não me orgulho desses momentos, mas o fato é que houve ocasiões em que ocorreram.

Stephen King disse certa vez:

Sem uma conversa franca, verdadeira, movida por um amor sem meias-palavras da parte de quem gosta da gente — pessoas que dizem “Você está mentindo, meu amigo” —, o viciado tende a recair nos velhos hábitos. Ele tende, sobretudo, a mentir descaradamente.[\[30\]](#)



Os Notórios Pecadores: atrás, Bob Stewart, Alan Hubbard, eu, Paul Sheldon, Devlin Donaldson, Fil Anderson, John Krahm, Paul Johnston e John Peter Smith; na frente, Mickey Elfers e Mike Yaconelli

Vários dos meus bons amigos, gente como eu, me confrontaram ao longo dos anos por causa das minhas mentiras. Não tanto por causa das grandes mentiras, mas sim por causa das pequenas, pela necessidade, enfim, de mentir. Por que um alcoólatra mente nas coisas mais insignificantes? Para não perder a prática. Não é à toa que o alcoolismo é conhecido como a “doença de mentiroso”.

Essas confrontações nunca terminaram bem. Só queria acreditar na época no que acredito agora. Não há a mínima possibilidade de que tais confrontações fossem mal-intencionadas. Eram todas produto do amor. Contudo, eu as tomava como crítica, e por isso, para me defender, reagia com raiva. Para mim, a ira era apenas uma máscara, uma máscara para esconder meu medo. Eu tinha uma leve suspeita disso na época, mas agora reconheço que era isso mesmo.



Minha saúde me impediu de me encontrar com os Pecadores nestes últimos anos. No entanto, fico feliz em saber que eles continuam a se reunir por conta própria, abrindo o coração, ouvindo, orando e celebrando a comunhão mais uma vez. Eles cresceram independentes de mim — uma realidade doce e amarga ao mesmo tempo. Alguns deles me visitaram recentemente e me disseram que os Notórios Pecadores continuavam fiéis ao seu compromisso. Relatos assim me enchem da mais pura alegria.

Faz alguns anos fiquei muito emocionado ao ler as memórias de Robert Johnson, *Balancing heaven and earth* [Ajustando contas com o céu e a terra]. Uma das passagens que destaquei com asteriscos relembra o conteúdo de um sonho muito vívido que Johnson teve certa noite. Incluí essa passagem em meu livro *Confiança cega*. Creio que essas palavras constituem agora um tributo vivo e digno dos meus bons amigos. Houve quem criticasse essa passagem sob o argumento de que ela quebra todas as regras da ortodoxia. Talvez valha a pena destacar aqui que uma das regras dos Pecadores sempre foi: “Não há regras”.

Um promotor apresentou todos os pecados de comissão e de omissão que eu cometera em vida. Era uma lista imensa. Aquilo tudo levou horas

e caiu sobre mim como uma avalanche. Eu estava me sentindo cada vez pior, tanto que comecei a sentir muito calor na sola dos pés. Depois de horas de acusação da promotoria, surgiu um grupo de anjos para fazer a minha defesa. E eles disseram apenas uma coisa: “Mas ele amou”. E começaram a repetir em coro: “Mas ele amou. Mas ele amou. Mas ele amou”. E assim foi até o raiar do dia; no final, os anjos venceram, e eu estava salvo.[\[31\]](#)

Entre os Notórios Pecadores, Paul Sheldon é o que eu conheço há mais tempo. Ao rever as entradas e anotações que fiz em meu diário sobre as pessoas que passaram pela minha vida, sempre me refiro a Paul como “meu melhor amigo”. Contudo, não creio que a palavra *melhor* faça justiça à minha relação com ele. Prefiro *velho*.

A primeira vez que Paul me ouviu falar foi na catedral de Mobile, no Alabama, em 1972. Eu estava pregando no que é conhecido na Igreja Católica como novena — isto é, nove dias de oração pública ou privada em torno de uma ocasião ou intenção especial. A novena recorda os nove dias em que os discípulos e Maria passaram em oração entre a Ascensão e o Domingo de Pentecoste. Perguntei-lhe só por curiosidade o que o havia impressionado tanto em minha primeira mensagem. Ele me respondeu com toda convicção: “Brennan, na hora eu soube que ‘aquilo era a verdade’”. Tal como outras pessoas ao longo dos anos, Paul estava em busca de amizade, algo que fosse além dos nove dias. Não foi uma conexão imediata. Na verdade, foram necessários praticamente dois anos para que nos aproximássemos. Mas no momento em que isso aconteceu, nos tornamos íntimos. A bebida ajudou.



Atrás, Gene Barnes, Paul Johnston, Devlin Donaldson, John Krahm e Alan Hubbard; na frente, Fil Anderson, Paul Sheldon, eu, Bob Stewart e Butch Farabow

Sei que existe atualmente um grupo de jovens líderes cristãos que acha divertido e extremamente interessante discutir teologia em torno de uma garrafa de cerveja, como se a combinação das duas coisas não tivesse ocorrido a ninguém antes. Acho que esses jovens estão sofrendo de amnésia histórica. Paul e eu já fazíamos isso quando essa turma nem sequer pensava em existir. Paul e eu “tomávamos todas” falando de Deus durante horas a fio. Aqueles tempos eram como o Natal.

Paul era corretor de ações na época, casado com uma mulher maravilhosa, Jennie, uma cozinheira do sul extremamente habilidosa, que logo percebeu o quanto eu gostava de comer. Paul e Jennie me receberam em sua casa como se eu fizesse parte da família, e eu gostei demais de ter sido convidado. Depois que conheci Roslyn e ela se tornou parte da minha vida, costumávamos sair juntos os quatro — Paul e Jennie, Roslyn e eu. Nem todo mundo se sentia à vontade

com a ideia de sair junto com um casal em que o homem era padre, por isso a maneira desembaraçada com que Paul e Jennie acolheram Roslyn e a mim foi algo além do que posso expressar em palavras. Eles nos receberam sem impor nenhuma condição. Foi fantástico. Sempre que eu ia a Mobile ou estava por perto, Jennie preparava um prato que, para mim, era “obra da misericórdia”. Nós nos reuníamos, ríamos, conversávamos, nos divertíamos e nos deleitávamos no calor de um sol incomum: a amizade. Esses momentos se pareciam mais ainda com o Natal.

A bebida sempre correu solta entre Paul e eu. Mas em novembro de 1980, Paul parou de beber. Eu não. Nossa amizade não terminou nesse dia, de forma alguma, mas mudou. Na dinâmica de qualquer relacionamento, se uma pessoa muda, a relação muda, não é mais como era, e não pode ser mesmo. Quando Paul se libertou da bebida, ele ganhou uma clareza e uma perspectiva que eu não tinha. Eu achava que tivesse, mas não tinha. Em outras palavras, Paul se tornou uma pessoa honesta; eu, não.

Disse anteriormente que alguns Notórios Pecadores me confrontaram em várias ocasiões por causa das minhas mentiras. Uma dessas almas corajosas foi Paul. No início de 2000, ele percebeu que eu dissera algumas coisas que simplesmente não eram verdade. Tentei descartá-las como exagero, mas Paul insistia em chamar de mentira. Ele havia notado também uma dose de ira na minha pregação que o deixara preocupado. Ele disse literalmente: “Fiquei assustado”. Meu velho amigo me fez saber dos seus receios. Alguém talvez se lembrasse imediatamente da expressão “amor duro”, mas pensando bem agora, havia muita ternura e sinceridade nas palavras de Paul. Mas a melhor defesa de um alcoólatra é ficar na defensiva, e foi o que fiz. Nosso relacionamento não acabou, mas ficou abalado. Tornou-se frágil por um tempo depois disso. Os dias passam devagar para quem está com o coração ferido, e foi assim que me senti depois que Paul me confrontou. No entanto, se há uma coisa que aprendi em relação ao mundo da graça, é que o fracasso é sempre uma chance para recomeçar.



Menos de dois anos depois, visitei Paul em sua casa em Point Clear, no Alabama. Eu continuava disposto a permanecer na defensiva, mas Paul me surpreendeu com um contra-ataque que pôs fim ao jogo. Ele me disse que não retirava nada do que dissera, mas que apesar disso não queria que nossa amizade acabasse. Talvez essas palavras por si mesmas já bastassem, mas Paul as pronunciou em meio a lágrimas, lágrimas de homem. A maior parte das pessoas não sabe o que fazer com as lágrimas masculinas. Eu mesmo ainda não tenho certeza se sei como agir. Apesar de todo o esforço que fazemos nesse sentido, espera-se ainda hoje do homem que seja forte, competitivo e esteja no controle da situação. As lágrimas, infelizmente, não fazem parte da lista das coisas mais desejadas. Contudo, há homens raros, de olhos marejados, que pela generosidade da graça divina se tornam nossos amigos e nos mostram uma maneira diferente de viver, uma maneira terna e leal a toda prova. Paul Sheldon é um homem dessa estirpe, e naquele dia suas lágrimas estancaram uma ferida que eu teria deixado supurar durante anos.

Gostaria de poder dizer que suas lágrimas estancaram também minha bebedeira, meus excessos e minha ira, mas não seria verdade. O que elas fizeram, na verdade, foi curar uma amizade que ainda sofreria, mas que seria mais forte do que antes.

As pessoas falam com uma facilidade muito grande de gente ferida que tem o dom de curar, como se estivessem por toda parte caminhando entre nós. Não sei, o que sei é que conheço pessoalmente um deles. Seu nome é Paul, e ele é meu velho amigo.



17

Quero falar agora de três pessoas: Frances Brennan, meu irmão Rob e minha mãe.

Frances foi minha segunda mãe, por assim dizer. Rob sempre foi e sempre será meu herói; e minha mãe, bem, era minha mãe. O que eles têm em comum é o grau de influência que tiveram em minha vida e o fato de que os três já morreram. Eu havia perdido Joey na infância, e depois Dominique, quando era um Pequeno Irmão, mas fazia anos desde que a morte me visitou tão de perto. Havia esquecido como dói.



Há uma palavra grega pouco conhecida — *hetaira* — usada em referência a mulheres extraordinárias que faziam companhia aos homens, não como parceiras sexuais ou esposas, mas como alguém dotado de graça e de encanto tão valorizados pelos homens. Nosso idioma atual não tem uma palavra que traduza bem esse dom em uma mulher. São raros os exemplos modernos. Se insistissem para que eu escolhesse um termo, eu diria *Ma* [de “mamãe”]. Para mim, Ma era Frances Brennan, a perfeita *hetaira*. Seu filho, Ray, foi meu melhor amigo nos fuzileiros. Ele morreu depois de inalar fumaça em um incêndio de grandes proporções em uma residência de Chicago. Depois de sua morte trágica, adotei a mãe dele como se fosse minha e fiz dela minha segunda mãe. Não podia visitá-la tanto quanto queria, mas me esforçava para vê-la sempre que possível.

Ma era a típica mulher irlandesa mal-humorada. Numa das visitas que fiz a ela, pedi um favor a um amigo comum e apareci em sua casa em uma limusine alugada. Ela surgiu na varanda e balançou a cabeça para a frente e para trás. Desci do carro e disse: “Ma, vá se aprontar. Vamos almoçar no Ritz-Carlton”. Se eu dissesse que íamos para a lua daria na mesma, mesmo assim ela se aprontou e lá fomos nós.

— Ma, você tem de experimentar esse coquetel de camarão. É um negócio do outro mundo.

Se bem me lembro, esse item do cardápio custava em torno de 15 a 20 dólares na época, o suficiente para que ela protestasse:

— De jeito nenhum! É caro demais!

Insisti na minha oferta; na verdade, eu sentia prazer nisso, era algo que me dava uma imensa alegria. Com muito custo, Ma concordou. O garçom trouxe então os drinques e ela tomou o seu num gole só. Em seguida, chegando-se para perto de mim, perguntou:

— Será que a gente podia tomar mais um?

Acho que fiquei tão surpreso com a pergunta dela quanto ela diante da limusine.

— Lógico que sim, Ma! — disse eu sem consegui conter o riso.

“Lógico que sim!” virou uma expressão de cumplicidade entre nós, uma frase que significava muito mais do que as palavras conseguiam transmitir. Nós a dizíamos com frequência um para o outro. Era uma espécie de bênção, como diria, por exemplo, um padre: “O Senhor te abençoe e te guarde”.

Havia dois Brennans: meu bom amigo Ray e seu irmão Edward. Quando pequeno, Edward tivera um tipo de lesão cerebral que o deixara preso a um carrinho de bebê o tempo todo. Ele não fazia suas necessidades sozinho, não andava, e quando falava sua voz era um lamento incompreensível. Os pais de Edward cuidaram dele em casa durante anos, alimentando-o, dando-lhe banho, trocando-lhe as fraldas e tudo o mais que uma criança exige dos pais. Depois da morte do marido, Ma continuou a cuidar sozinha de Edward. Sei que minhas visitas representavam um descanso naqueles dias monótonos que ela preenchia com muito amor.

Lembro-me especialmente de Ma numa ocasião em que eu pregava na igreja

católica de St. Dennis, na zona oeste de Chicago. A série de conferências começava no domingo de manhã e terminava na quinta-feira à noite. Foi difícil encontrar uma pessoa para olhar o Edward, porém Ma compareceu a diversas preleções, o que significou muito para mim. Minha mensagem na terça-feira foi um desafio para que todos fôssemos mais misericordiosos e amorosos com o próximo.

No fim daquele dia, ao visitar Ma, ela me disse:

— Richie (ela sempre me chamava assim), preciso de um pouco mais dessa generosidade para com o próximo. Por favor, ore por mim.

Nesse momento, o telefone tocou. Ma atendeu e falou ao fone com a mão em concha. Quando ela desligou, perguntei-lhe:

— Quem era?

Jamais me esquecerei de sua resposta.

— Era minha sobrinha. Ela é insuportável! Você está vendo, Richie, por isso estou pedindo que ore por mim!

— Lógico que sim, Ma!





Uma noite, depois de pregar em Baton Rouge, Louisiana, cheguei exausto em casa, em Nova Orleans. Era por volta das 10 da noite. Quando entrei, vi que a luz vermelha da secretária eletrônica estava piscando. A voz era suave, porém tensa: “A sra. Brennan está morrendo. O único desejo dela é vê-lo”. Não consegui um voo naquela noite. Tomei então o primeiro avião para Chicago no dia seguinte. Um táxi me levou até San Pierre, Indiana, à casa de repouso das Pequenas Irmãs de Maria.

Certo dia Ma teve uma tontura, caiu e fraturou o quadril. Desde então, ela não pôde mais cuidar de Edward em casa. Foi preciso encontrar um lugar para ele enquanto ela se recuperava. Com a ajuda de alguns amigos, descobri uma casa de repouso dirigida pelas Pequenas Irmãs de Maria. Ficamos imensamente agradecidos por elas terem acolhido Edward também, já que ele precisava de cuidados praticamente o dia todo. No final do tratamento, Ma decidiu vender a casa em que morara durante anos e ficar com Edward para sempre na casa das Pequenas Irmãs. Se cuidar de Edward era algo além do seu alcance, pelo menos fisicamente ele estaria perto dela.

Cheguei finalmente à casa de repouso por volta das 9 da noite. Quando entrei no quarto, havia uma freira sentada ao lado da cama orando pela minha segunda mãe de 91 anos. Na ocasião, Ma pesava por volta de 27 quilos. “Ela perguntou de você várias vezes. Está esperando você chegar”. Ma não me amava apenas, ela gostava de mim, creio que o suficiente para esperar que eu chegasse para lhe dizer adeus. Aproximei-me da cama e ela fez um sinal apontando os lábios — queria um beijo. Inclinei-me e a beijei nos lábios. Ela sussurrou: “Mais”. Beijei-a pela segunda vez. E, de novo, ela sorriu e disse: “Mais”.

Beijei três vezes minha *hetaira* mal-humorada, numa atitude que talvez tenha deixado chocada a freira que a acompanhava. Não me importei. Não sei o que há num beijo, mas naquela noite minha esperança era que tivesse graça suficiente para o próximo passo da jornada de Ma. Durante uma hora e meia, sentado, observei sua respiração erguer seu peito e abaixá-lo, até que finalmente parou. Não creio que a morte tenha saído vitoriosa naquele

momento; creio que Ma estava finalmente em casa, de uma vez por todas. No entanto, do lado de cá da vida, senti o agulhão da morte. Eu acreditava que veria Ma de novo, mas até lá ficaria sem uma mãe e amiga.

Sempre pensei no significado daqueles três beijos nos últimos momentos de Ma. Costumo associá-los à pergunta que Jesus fez três vezes a Pedro: “Tu me amas?”. Se foi isso que Ma Brennan me perguntou, espero que ela tenha entendido a resposta dos meus lábios: “Lógico que sim, Ma!”

Edward não viveu muito depois que Ma morreu. A voz da mãe não ecoava mais pelo seu quarto; ecoava em outro lugar, em outra realidade. Creio que ele simplesmente seguiu a voz dela, e foi para casa.

Mencionei a troca do meu nome quando fui ordenado franciscano. Os irmãos achavam que eu tinha escolhido Brennan por causa de São Brennan, um santo irlandês relativamente obscuro. Em certo sentido foi mesmo. Mais do que isso, porém, o nome que escolhi era um sinal de quanto eu amava aquela irlandesa briguenta e seus dois filhos.

Tive um sonho em que Ma estava diante de São Pedro, em dúvida se poderia entrar pelos portões de pérolas do céu. São Pedro recua abrindo passagem e lhe diz: “Entre, Frances”. Ela fica ali parada, incrédula, como no dia em que apareci numa limusine. Então ela diz: “É sério? Posso entrar?”. Jesus aparece então ao lado de São Pedro, dá um abraço apertado em Ma e lhe diz: “Lógico que sim, Ma!”. Que sonho bom.



A morte de Frances Brennan foi um golpe duro para mim. Outro golpe parecido foi quando meu irmão Rob morreu. Ele se tornou policial, enquanto eu me tornei padre. Meu pai sempre dizia: “Tenho um filho para me tirar da cadeia e outro para me tirar do inferno”.

Rob trabalhava em uma delegacia de Nova York e era conhecido por sua fama de ser duro feito pedra, a mesma que tinha em nosso bairro. Foi condecorado inúmeras vezes por “bravura em ação”. Certa vez fui convidado para falar no café da manhã anual de confraternização da delegacia. Falei com eloquência sobre como aqueles homens serviam com abnegação e de todas as

maneiras possíveis as pessoas da nossa comunidade, enfatizando a forma como haviam resgatado o sentido da palavra *pig* [em inglês, porco] — orgulho, integridade e coragem [conforme o acrônimo em inglês *pride, integrity, guts*]. Achei que tinha feito uma preleção espetacular. Depois que terminei, Ralphie Coen, capitão da unidade, se levantou, olhou durante algum tempo para o meu irmão, depois olhou para mim, e por fim, balançando a cabeça, disse: “Meu Deus, esses dois só podem ser irmãos”. Ralphie obviamente sabia reconhecer um perfeito sonhador quando topava com um.

Contudo, meu irmão bateu de frente com uma coisa mais dura do que ele: câncer.

No início, minha mãe havia se recusado a visitá-lo no hospital. Não sei bem por quê. Ela simplesmente relutava em vê-lo. Eu estava em Nova Orleans quando me chamaram. Larguei tudo o que estava fazendo e fui até lá.

Parei na casa de minha mãe no caminho e lhe disse:

— Não estou pedindo. Amanhã vamos ver o Rob.

Ela se limitou a dizer:

— Está bem.

Fomos ao hospital e minha mãe, que caminhara com facilidade da casa para o carro e do carro até a porta do hospital, de repente precisou de uma cadeira de rodas. Eu a conduzi até o quarto de Rob, e ela começou a contar a ele todas as suas tristezas. Rob olhou para sua esposa, Celie, e depois para nossa mãe e para mim, e disse: “Levem-na daqui”. Eu havia aprendido a amar Celie tanto quanto a meu irmão. Ela me olhou nos olhos e eu compreendi seu desejo: “Por favor, Brennan, faça o que Rob pediu”. Levei então minha mãe para fora. Fomos para a casa dela, e meu irmão morreu dois dias depois, em 8 de agosto de 1990.

Meus pais haviam emprestado a Rob 4 mil dólares para que ele desse entrada em uma casa. A caminho do funeral, minha mãe se queixou:

— Pois é, Emmett, acho que agora podemos dar adeus àqueles 4 mil dólares.

Virei-me e gritei com ela:

— Já chega, mãe!

Seguimos em silêncio o restante do caminho. Um dos colegas de meu irmão se aproximou de mim no velório e disse:

— Seu irmão foi uma das pessoas mais corajosas que conheci. Se não fosse

por ele, minha esposa seria viúva e meus filhos, órfãos. Seu irmão foi um herói de verdade.

Eu disse:

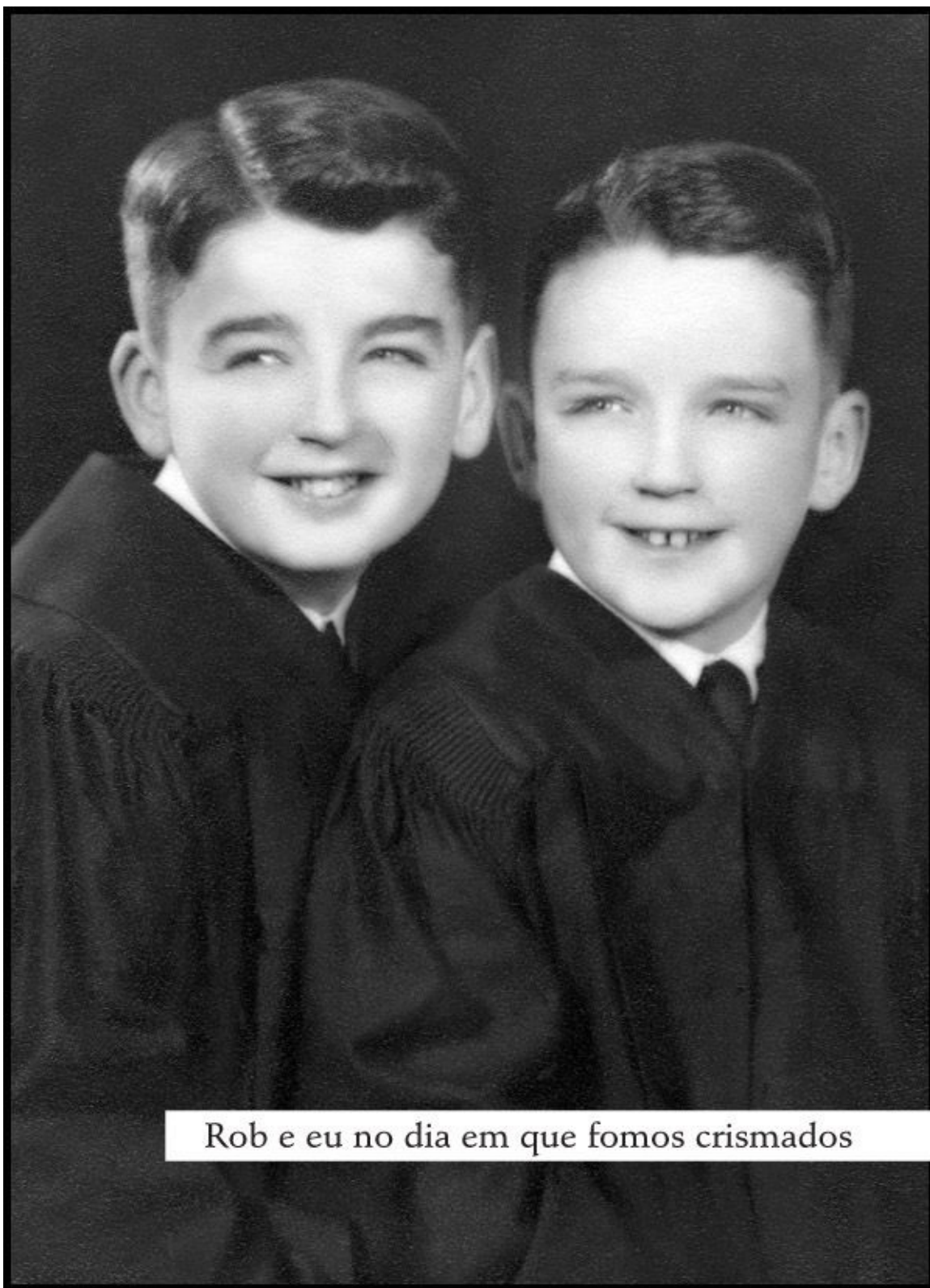
— Ele foi meu herói também.

Durante toda a minha infância, eu adorava Rob, porque ele era meu irmão mais velho. Rob fez tudo antes de mim: nasceu primeiro, saiu de casa primeiro, foi para a Coreia primeiro, casou-se primeiro, seguiu carreira primeiro. Nunca me ocorreu que ele pudesse morrer primeiro.



Estive no funeral de Frances Brennan e estive também no funeral de Rob, mas faltei a outro muito importante.

Antes de contar essa história, gostaria de compartilhar uma coisa. É uma lista tirada de um diário que mantive durante outro tratamento de recuperação de dependência alcoólica que fiz depois que me divorciei de Roslyn. Cada um dos itens da lista revela um pouco de mim. Fiz essa lista na tentativa, mais uma vez, de ser honesto a respeito da minha condição. Creio que ela revela o tipo de homem que perderia o funeral da própria mãe.



1. Sou convencido, superior e arrogante. Eu vivia mencionando gente

conhecida — Burl Ives, Amy Grant, Mike Ditka. Detestava essa característica nos outros, mas não via nada de errado nela em mim mesmo.

2. Culpa/acusação. Eu culpava Roslyn (depois do divórcio) por sua insensibilidade; ela colocava as duas filhas e a casa antes de mim — que absurdo!

3. Rebeldia. Quando Roslyn comentava que minhas recaídas estavam se tornando mais frequentes, eu dizia que não, de modo categórico e bem alto.

4. Evasivas/fugas. Quando meus amigos mais próximos levantavam a questão do meu alcoolismo, eu mudava de assunto.

5. Intelectualização. Eu sempre achava que seria possível viver de um modo diferente, em vez de amar e, por causa disso, pensar diferente (veja, já estou intelectualizando novamente a questão).

6. Críticas/ juízos morais. Eu sempre critiquei a rigidez e a estupidez do papa, dos bispos e da igreja por não permitirem o casamento dos padres. Sempre detestei também meus críticos.

7. Justificativas. “Olhe, qualquer um que tenha trabalhado tanto quanto eu, com uma agenda acima da capacidade humana, merece...”

8. Piadinhas. Eu recorria a um tipo de humor autodepreciativo para dar a impressão de que era humilde e não me levava a sério.

9. Mentiras. Possivelmente a palavra ideal para dar conta de que tudo o que listei acima.

10. Racionalização. Eu dizia que estava esgotado e me recusava a atender aos pedidos insistentes das pessoas necessitadas, inclusive de membros da minha família.

Nesse último item se enquadra um dos episódios mais vergonhosos da minha vida. Redigi o que passo a contar a seguir quase como se fosse uma história inventada. Gostaria que fosse ficção, mas não é. Nem sempre recebemos o que pedimos.



O telefone tocou. Podia tê-lo atendido ou não. Talvez não devesse ter atendido,

talvez eu devesse ter recuado, como se no caminho houvesse uma mina, mas atendi. Eram más notícias.

A voz do outro lado da linha era de alguém a quem eu amava. Minha irmã pronunciou duas palavras: “Mamãe morreu”. Era fevereiro de 1993.

Depois que desliguei, não senti mais nada, talvez uma única emoção. Eu poderia dizer que me senti triste, ou que senti medo, mas jurei que seria implacavelmente honesto comigo mesmo nestas páginas. Depois que Gerry ligou, meu primeiro pensamento foi: “Pelo amor de Deus, que coisa chata”. Arrumei a mala e comprei uma passagem de avião.

Eu morava em Nova Orleans na época. Minha irmã morava em Belmar, Nova Jersey. Fazia dois anos que minha mãe estava internada em uma instituição que cuidava de doentes com Alzheimer perto de onde Gerry morava. Ela havia perdido totalmente a memória, mas eu não. O passado que tivemos juntos foi tão negativo que fiquei marcado pelo resto da vida.

Fui para Newark e tomei um táxi até Belmar. Fiquei em um motel perto da igreja onde o funeral seria realizado.

Parei numa loja de bebidas antes de me hospedar e comprei uma garrafa de uísque mais barato que encontrei. Enquanto as pessoas providenciavam flores e se aprontavam para o funeral, fechei a porta do meu quarto, puxei as cortinas e bebi. Queria esquecer, mas infelizmente o uísque apenas retardou um pouco as lembranças que vieram à tona. Por fim, a lembrança que eu tinha da minha mãe ressurgiu — o tom da sua voz, as coisas que ela dizia e, principalmente, a vergonha. Como bom alcoólatra, continuei a beber sem parar. Achava que era minha única defesa. Por fim, tudo se esvaneceu à sombra do mais completo negrume.

“Das cinzas às cinzas, do pó ao pó”. Certamente o padre deve ter pronunciado essas palavras sobre o caixão de minha mãe, Amy Manning, mas não posso dizer com certeza porque perdi o enterro. No motel, eu começava a despertar de uma perda de consciência tentando lembrar onde estava.

Sim, eu estava em um quarto de motel em Belmar, Nova Jersey. Mas a verdade era que eu estava em algum lugar distante, desperdiçando a oportunidade de prestar meus últimos respeitos à minha mãe com um porre. Naquele momento, senti a mais profunda vergonha de toda a minha vida. “Meu

Deus, que tipo de homem sou eu? Como foi que isso pôde acontecer?”

Não visitei o túmulo de minha mãe no final daquele dia. A verdade é que nunca visitei.



Há uma pergunta que já me fizeram inúmeras vezes ao longo do meu ministério. Às vezes, com sinceridade; outras vezes, tenho certeza de que foi com uma alta voltagem de farisaísmo: “Brennan, como foi possível você cair de novo no alcoolismo depois dos encontros que teve com seu Aba?”.

Respondi a esse pergunta em *O evangelho maltrapilho*, em 1990.

[Foi] possível porque eu me senti deprimido e amargurado pela solidão e pelo fracasso, porque me senti desencorajado, incerto, esmagado pela culpa e tirei meus olhos de Jesus. Porque meu encontro com Cristo não me transfigurou num anjo. Porque a justificação pela graça significa que meu relacionamento com Deus foi consertado, não que me tornei o equivalente a um paciente sedado em cima de uma mesa.[\[32\]](#)

Passados 21 anos, mantenho o que escrevi. Essas palavras são tão verdadeiras para mim hoje quanto no dia do funeral de minha mãe. Esse parágrafo de *O evangelho maltrapilho* tocou muita gente. Inúmeras vezes as pessoas me disseram isso. Confesso, porém, que pela experiência que tenho hoje, considero esse parágrafo prolixo demais. Creio que posso agora resumi-lo em três palavras apenas, numa resposta que sintetiza toda a verdade de um maltrapilho verborrágico dos anos 1990 na preferência pela brevidade do maltrapilho de 2011.

Pergunta: Brennan, como foi possível você cair novamente no alcoolismo depois dos encontros que teve com seu Abba?

Resposta: Essas coisas acontecem.

Gostaria de conceder ao meu amigo Fil Anderson a palavra final deste

capítulo. São palavras do seu livro mais recente, *Breaking the rules* [Quebrando as regras]. Ele entende perfeitamente o que significa “Essas coisas acontecem”:

Minha maior esperança é que todos nós paremos de tentar enganar os outros dando a aparência de que temos tudo sob controle. Como pessoas que vivem em íntima comunhão com Deus, temos de nos tornar mais conhecidos pelo que e por quem somos de fato. Talvez uma boa maneira de começar consista em dizer ao mundo — antes que ele descubra por conta própria — que não somos tão ruins quanto ele imagina. Somos piores. Pelo menos eu tenho consciência de que sou pior.

Sejamos honestos, por mais que um pregador qualquer nos acuse de ser mesquinhos e de criticar asperamente o próximo, isso nem de longe se compara às coisas mais asquerosas, mais odiosas e degradantes que já passaram pela minha cabeça quando penso em um próximo em particular. Para cada pretensão de homofobia de um companheiro cristão fiz algo estúpido para mostrar como sou macho. Para cada irmão e irmã cujo fracasso moral foi exposto há um fracasso meu que não veio à tona. Não importa o quanto os seguidores de Jesus pareçam chatos para quem está do lado de fora, o fato é que eles não conhecem nem sequer metade da história. Acreditem em mim. [...] Se cremos realmente no evangelho que proclamamos, não há por que não sermos sinceros em relação ao que temos de belo e de frágil, e assim, Aquele que é belo e que foi quebrado se dará a conhecer ao nosso próximo pelas rachaduras da nossa armadura — e também pelas rachaduras que eles mesmos trazem em suas armaduras.[\[33\]](#)

Parte 3



EU



18

Comemorei 77 anos em abril de 2011. Se você me perguntasse se o que fiz na vida define quem sou, eu responderia que não. Não digo isso para diminuir meus pecados ou para dar um ar de humildade aos meus sucessos. Digo simplesmente com a intenção de ratificar uma graça que só se percebe no inverno da vida. O inverno é rigoroso, mas também consolador. Sou, sempre fui, mais do que a soma dos meus atos. Graças a Deus.

Se me perguntassem se estive à altura da minha vocação de evangelista, diria que não. Não se trata de uma resposta de quem sente o peso da culpa e da vergonha. Antes, é o testemunho de uma verdade maior que percebo novamente agora com mais clareza em meus últimos dias. Minha vocação é, e sempre foi, a de uma vida repleta de familiares e amigos, álcool, Jesus, Roslyn e notoriamente bons pecadores.

Se me perguntassem se estou envelhecendo docilmente, responderia que não. Estou sendo honesto. É verdade que quando envelhecemos, somos levados muitas vezes aonde preferiríamos não ir. Num gesto de sabedoria que às vezes me parece tolice, Deus ordenou os últimos dias das nossas vidas de tal modo que se parecessem surpreendentemente com os primeiros: tornamo-nos crianças dependentes.

E se me perguntassem se finalmente estou deixando Deus me amar do jeito que sou, responderia que não, mas estou tentando.



Belmar, em Nova Jersey, foi chamada de “Riviera irlandesa”. Nova-iorquinos endinheirados costumavam descer até o litoral a uma hora de distância para descansar na areia e praticar surfe em Belmar. O local era um refúgio, um lugar de verão. Mas tudo isso mudou. Agora os chalés e o calçadão da praia vivem cheios o ano todo. Belmar e imediações têm hoje muitos moradores. Sou um deles. Tenho um apartamento distante da rua, bem atrás de um simpática residência antiga com varanda e sicômoros. Minha casa fica praticamente escondida. E, num certo sentido, eu também.

Tentei durante algum tempo retomar meu ministério de pregação em 2008. Para isso contei com a ajuda do meu bom amigo Fil Anderson. Ele me apoiou demais e me incentivou muito numa época em que eu estava bastante necessitado. Nos finais de semana, dividíamos as responsabilidades na hora de pregar, sendo que eu contava mais com Fil do que ele comigo. Mas, como sempre fiz ao longo de quarenta anos, se não estou viajando ou pregando, não sei o que fazer comigo mesmo, por isso eu tinha de tentar. Levei dois tombos antes dessa breve “tentativa de retorno” — um figurativo e outro literal. Por causa disso, minhas atividades de pregação junto com Fil tomaram um rumo bem diferente, um rumo que só mesmo um amigo experiente e verdadeiro seria capaz de aceitar.

Em março de 2009, estava diante de um auditório lotado em uma igreja de Charlotte, na Carolina do Norte, pronto para saudar a plateia da maneira costumeira, seguida de um pouco de humor ídiche, a exemplo do que já fizera milhares de vezes:

Como disse Francisco de Assis quando encontrou o irmão Dominique a caminho da Úmbria: “Olá”...

Um dia, Alan, o alfaiate, vinha andando pela rua quando topou com Moisha, o banqueiro, e perguntou-lhe aonde ia.

— À sinagoga — disse Moisha muito agitado.

— Por quê?

— Preciso conversar com o rabino.

— Por que você precisa conversar com rabino? — indaga Alan.

— Ai! — diz Moisha. — Aconteceu uma coisa terrível! Meu filho virou

cristão.

— Ora, Moisha — diz Alan — deixe-me contar a você uma coisa muito esquisita. Sabe o meu filho? Pois é, ele é cristão!

Os dois chegam à sinagoga e batem à porta. O rabino aparece e diz:

— Moisha, Alan, o que há de novo?

Alan diz:

— Aconteceu uma catástrofe em nossas famílias. Nossos dois filhos viraram cristãos.

— Vamos para o meu escritório! — diz o rabino. — Fechem a porta.

Depois de uma longa pausa, ele ergue a cabeça e diz:

— Deixem-me contar a vocês uma coisa muito esquisita. Vocês conhecem o meu filho, não é? Pois é, ele virou cristão.

— Não! — diz Alan.

— Estamos perdidos! — diz Moisha. — Que vamos fazer, rabino? Viemos até você porque precisávamos de uma resposta!

— Sim, há uma coisa que podemos fazer — diz o rabino. — Venham comigo.

Eles atravessam a sinagoga e entram no santuário.

O rabino diz então:

— Ajoelhem-se. Não digam nada. Eu vou orar: “Javé, Deus de Abraão, Deus de Isaque, Deus de Jacó, Deus de Israel, Deus dos profetas, será que o Senhor pode me dizer o que está acontecendo? O judaísmo está acabado. Todo mundo está virando cristão! Javé, diga alguma coisa”.

Depois de uma longa pausa, Deus diz:

— Deixe-me contar a vocês uma coisa muito esquisita...

Era essa a historinha que eu *deveria* contar, mas pouco depois de dizer algumas palavras, me deu um branco. Para alguém que já pregou durante muitos anos, vale o lema da minha amiga Mary Michael O’Shaughnessy — “Hoje não vou ficar pensando no que deveria ter feito, mas não fiz” —, mas naquela noite eu gostaria de ter sido capaz de contar aquela historinha. Tentei desesperadamente, mas foi em vão. Simplesmente não conseguia me lembrar.

Isso nunca tinha me acontecido. Olhei para a multidão e pedi que orassem por mim.

Mas deixe-me contar a você uma coisa muito esquisita. Depois de uma longa pausa muito embaraçosa, as pessoas me surpreenderam: elas se levantaram e começaram a me aplaudir. Eu estava sendo aprovado por meu silêncio. Isso também jamais tinha me acontecido. Não sei quando foi que senti tamanha compaixão genuína vinda de tantas pessoas. Fui para o meu quarto e descansei um pouco. No dia seguinte, estava pronto para o que fora combinado, tendo conduzido as sessões programadas como se nada tivesse acontecido. Algo, porém, acontecera. Não tenho a menor ideia do que as pessoas reunidas lá em Charlotte acharam daquela noite terrível de sexta-feira. Nem eu mesmo sei o que pensar disso, a não ser que fiquei assustado.

Depois daquele final de semana, a volta para casa foi simplesmente traumática. Por causa de problemas sérios na vista, caí da escada rolante do aeroporto de Nova Orleans e fraturei a clavícula e algumas costelas. Aquela dor excruciante logo depois da minha sexta-feira negra me dizia que Brennan Manning, assim como Belmar, não era mais um lugar de verão.



Já disse inúmeras vezes que é difícil abrir mão das ilusões, porque delas a vida é feita. Nós nos julgamos indestrutíveis até que o câncer vem bater na nossa porta; achamos que estamos de volta à ativa, mas aí levamos um tombo na escada. Deus remove de nós essas falsidades porque é melhor viver nu na verdade do que vestido na fantasia. Os últimos anos têm se caracterizado por “remoções” como jamais eu havia experimentado antes. Tudo o que me sobrou foram trapos, o que me parece justo para alguém que pregou um evangelho maltrapilho. Para os maltrapilhos, Deus é conhecido pelo nome de Misericórdia; ou, conforme a tradução sem retoques para a minha condição atual de vida, Deus é Ajuda.

Hoje, se quero vestir jeans e pôr uma camisa, alguém tem de me ajudar. Se quiser comer uma fatia de pizza de calabresa ou tomar um sorvete de casquinha, alguém tem de me ajudar. Se quero ir ao banheiro, preciso de ajuda.

Na hora de aumentar o volume do jogo de beisebol, alguém tem de me ajudar. Para tomar meu remédio ou abrir minha Coca Zero, preciso de ajuda. Para me deitar à noite, ajuda. Para me levantar de manhã, ajuda. Na hora do cochilo da tarde, ajuda. Para escrever este livro, ajuda. Carlo Carretto escreveu: “Somos aquilo que oramos”. Estes são dias de orar sem cessar — “Ajude-me! Tenha misericórdia de mim!”. E meu Pai, que é tão meu amigo, me ajuda.

Além de minha irmã Gerry, e seu marido, Art, há um homem que tem me ajudado. Ele é a pessoa que faz todas as coisas que eu mencionei, desde que voltei para Belmar em 2009. Será que era assim que eu queria que as coisas fossem? Não, claro que não. Se pudesse escolher, ainda estaria em Nova Orleans, junto ao grande Mississippi de águas barrentas, na companhia dos amigos do bairro de Algiers.

Richard é a pessoa que cuida de mim. Ouvimos a CNN todos os dias, bem como as partidas dos Yankees e dos Knicks, dependendo da temporada. Ele prepara um cachorro-quente medíocre e deixa a água ou a Coca Zero por perto. Ele tranca a casa à noite e a abre pela manhã. Tropeço e caio algumas vezes pela casa, e ele me levanta e me ajeita, como faria alguém da família. Graças a ele chego a tempo aos meus compromissos. Ele cuida de mim. Sinto como se estivesse de volta à infância, mas agora alguém cuida de mim como sempre desejei que cuidassem quando eu era criança. Muita gente poderia estar ao meu lado neste momento, mas calhou de ser um amigo que tem o mesmo nome que eu quando nasci.

Na companhia do meu amigo Richard, tenho muito tempo disponível atualmente: tempo para pensar, talvez como nunca antes. Portanto, vou pregar para você “o último sermão de que você talvez precise”. Se você encontrar aqui vestígios dos sermões que preguei anteriormente, não será mera coincidência.



19

A Escritura está cheia de maltrapilhos. Há um a quem não dei a devida atenção, sem dúvida pela razão óbvia de que, à primeira vista, ele não parece ser um maltrapilho. Seus feitos são heroicos, lendários mesmo. No entanto, ao olhá-lo com mais profundidade, vi seus trapos. Ele se chamava Sansão, o cabeludo que fez voto de nazireu, o último e o mais célebre dos juízes do Antigo Testamento, o guerreiro que matou um leão com as mãos e mil filisteus com a queixada de um burro. Contudo, terminou sua vida tão decantada na prisão, com o cabelo raspado, olhos furados, fraco, cego, dependente, pouco mais que uma criança. Num ato final de zombaria, Sansão foi amarrado às colunas gêmeas do templo durante a festa do rei Dagom para que o povo se divertisse à sua custa. Nem tudo, porém, era o que parecia ser. Se os filisteus reunidos ali naquele dia tivessem observado mais atentamente, teriam notado uma sombra que se alongava sobre a cabeça do maltrapilho: seu cabelo começara a crescer novamente, restituindo-lhe a força. Num testemunho final ao Deus de Israel, Sansão agarrou-se as correntes que o amarravam e puxou-as. Com isso, o local onde estava veio literalmente abaixo.

Com as forças que me restam, desejo me agarrar às correntes e puxá-las uma última vez. Minha esperança, como sempre, é apontar para o Deus bom demais para ser verdade, meu Aba. Não tenho a ilusão de trazer heroicamente abaixo a casa do medo que aprisiona tanta gente. Meu desejo é testemunhar, nada mais. Minha mensagem, inalterada ao longo de mais de cinquenta anos, é a seguinte: *Deus o ama incondicionalmente, do jeito que você é, e não como deveria ser, porque ninguém é como deveria ser.* É a mensagem da graça, o presente que abalou

minha vida e que meu coração experimentou em fevereiro de 1956. É o presente que sustenta minha vida, pelo qual permaneço subjugado ainda hoje, em fevereiro de 2011.

Alguns rotulam minha mensagem como “graça barata”. Na minha juventude, via essas acusações como um desafio. Mas agora sou um velho e simplesmente não me importo. Meu amigo Mike Yaconelli usava a expressão “graça injusta”, que me parece boa, mas descobri outra que gostaria de compartilhar aqui. Acho que Mike teria aprovado. Sei que eu aprovo. Encontrei-a nos escritos de Robert Farrar Capon, um sacerdote episcopal: “graça vulgar”.

Em Jesus, Deus pendurou um aviso com os dizeres “Fui pescar” na loja da religião. Ele fez tudo o que tinha de fazer em Jesus de uma vez por todas e em favor de todos e simplesmente nos convidou a crer nisso — a confiar na bizarra e improvável proposição de que nele, todo ser humano sobre a face da terra é um ser livre, sem que para isso tenha de fazer algum tipo de esforço religioso: não é preciso jejuar até sentir fraqueza nos joelhos, nem orar do jeito certo ou qualquer outra coisa que seja do jeito certo, ninguém precisa também plantar bananeira, enfiar o polegar direito no ouvido esquerdo enquanto recita o credo correto — não, nada. [...] O espetáculo já foi devidamente estruturado no Mistério de Cristo, embora ninguém perceba melhora nenhuma. Sim, é uma coisa maluca. E, sim, é bárbaro, ultrajante e *vulgar*. Um Deus que age dessa maneira é um Deus de péssimo gosto. O pior de tudo, não vale nada. Mas é boa nova — a única boa nova que dura de fato — e por isso eu a considero extremamente cativante.^[34] (Grifo do autor.)

Minha vida é um testemunho dessa graça vulgar — uma graça que espanta e que ofende. Uma graça que recompensa o trabalhador aplicado que se dedica o dia todo às suas tarefas com o mesmo salário pago ao bêbado sorridente que aparece para trabalhar às 10 e vai embora às 5. Uma graça que levanta a barra das vestes e corre precipitado em direção ao pródigo pecador malcheiroso e o envolve nela, decidido a dar uma festa de qualquer jeito. Uma graça que ergue

os olhos injetados de sangue e acolhe o pedido de um ladrão moribundo — “Por favor, lembre-se de mim” — e diz a ele: “É lógico que sim!”. Uma graça que é o prazer do Pai encarnado no Messias carpinteiro, Jesus, o Cristo, que deixou a direita do Pai não por causa do céu, mas por causa de nós, de você e de mim. Essa graça vulgar é compaixão indiscriminada. Ela opera sem pedir nada de nós. Não é barata. É gratuita, e por isso mesmo será sempre uma casca de banana no caminho dos ortodoxos e um conto de fadas para a sensibilidade adulta. A graça é suficiente, embora nos debatamos e tentemos encontrar alguma coisa, ou alguém, que ela não seja capaz de cobrir. A graça é suficiente. Ele é suficiente. Jesus é suficiente.

João, o discípulo a quem Jesus amava, termina sua primeira carta com a seguinte expressão: “Filhinhos, guardem-se dos ídolos”. Em outras palavras, fiquem longe de qualquer deus que vocês consigam compreender. O amor do Aba não pode ser compreendido. Vou repetir. O amor do Aba não pode ser compreendido.



20

Há uma pergunta que sempre fiz a mim mesmo: o que leva um homem a se afogar na bebida a ponto de desmaiar e perder o enterro da própria mãe?

Para mim, essa era a grande questão, mas finalmente percebi: essa não é a questão. Há outra por trás dela, de caráter mais seminal e que forma e informa todas as demais. Não faz muito tempo, topei com um pedaço de papel amarelado na minha pilha de escritos. Era um papel timbrado — Willie Juan Ministries — com uma pergunta, uma única linha, escrita à mão por mim:

Qual é o sinal indicador de um coração que confia?

Não me lembro de quando escrevi isso ou do que me levou a fazer essa pergunta. Contudo lá está ela, uma evidência do questionamento de toda a vida de um maltrapilho. Eis minha resposta, a resposta que, conforme disse Thomas Merton, é “o ‘Sim’ que traz Cristo ao mundo”:

Um coração que confia é perdoado e, em seguida, perdoa.

Sei que isso é verdade devido a uma experiência que tive num dia de novembro de 2003. Minha mãe havia morrido fazia cerca de dez anos. Eu estava orando sobre outras coisas, quando vi num *flash* mental o rosto dela. Não era o rosto desgastado de uma mãe idosa ou de uma avó. Era a face de uma criança. Vi minha mãe como se fosse uma garotinha de 6 anos, ajoelhada no peitoril da janela de um orfanato de Montreal. Com o nariz colado na vidraça, ela

implorava a Deus que lhe enviasse uma mãe ou um pai que a levasse embora e a amasse incondicionalmente. Enquanto eu observava a cena, creio que finalmente vi minha mãe. Ela também era uma maltrapilha. Todo meu ressentimento e toda minha raiva desapareceram.

A garotinha se virou e veio em minha direção. Conforme ela se aproximava, os anos se passavam e ela parou diante de mim como uma mulher envelhecida e me disse: “Sabe, fiz muita coisa errada quando você era criança, mas você se saiu bem”. Em seguida, minha mãe já idosa fez uma coisa que jamais fizera em toda a sua vida, nem uma vez sequer. Ela me beijou nos lábios e nas duas faces. Naquele momento, eu soube que a ferida que havia entre mim e minha mãe era real e importante, mas soube também que estava tudo bem. O coração que confia dá uma segunda chance; é perdoado e, em troca, perdoa também. Olhei para minha mãe e lhe disse:

— Perdoo você.

Ela sorriu e disse:

— Acho que às vezes recebemos, sim, aquilo que pedimos.





Uma palavra final

Entrei no caminho de Brennan Manning quando ele já não era mais tão jovem. As pessoas com quem conversei, e que o conheceram em sua juventude, sempre me dizem: “Você deveria tê-lo conhecido naquela época”. Concordo, mas não foi o que aconteceu. Quem sabe se eu o tivesse conhecido em outros tempos, a assistência que lhe dei durante a elaboração destas memórias talvez resultasse numa obra parcial e distorcida. É difícil saber. Gostaria muito de tê-lo conhecido antes.

O cunhado dele, Art Rubino, me disse: “Se eu ganhasse um dólar por todas as vidas que foram tocadas por ele, a esta hora estaria tomando sol em Acapulco”. Art tem razão. O testemunho mais impressionante de seu ministério pode ser resumido naquela noite quando ele, diante de uma multidão, não conseguiu se lembrar do que deveria dizer. As pessoas se levantaram e aplaudiram o homem, cujas calças remendadas e a vida maltrapilha haviam se tornado símbolos exteriores de um dom interior, de uma graça maior do que a soma dos seus pecados, e dos pecados de todos ali. Contudo, aquela noite representa também a experiência do “espelho, [em que enxergamos] obscuramente”, porque embora Brennan pregasse e ensinasse o quanto Deus ansiava por nós e a alegria oriunda da experiência do Aba, tal mensagem parecia escapar do seu alcance. Não tenho dúvida de que houve manhãs radiantes e tardes luminosas para Brennan, mas houve igualmente incontáveis noites sombrias. Imagino que o pregador sempre pregue a mensagem que lhe é mais necessária. Creio que foi esse o caso do meu amigo Brennan. E o fato de sua mensagem ter sido aquela de que mais precisávamos também é um extra.

Ou, para usar umas das palavras *cajun*^[35] favoritas de Brennan, *lagniappe* — “com os cumprimentos da casa”. Graça.

Quanto mais velho ficamos, tanto mais percebemos que boa parte do que há na vida tem a ver com o momento. Mencionei essa palavra para muita gente que foi influenciada pela vida do Brennan, e disse a elas que a mensagem dele veio no tempo certo, no *kairós*. Todos concordaram imediatamente, como se fosse algo que tivessem percebido, mas não verbalizado. Nesse sentido, o papel de Brennan foi semelhante ao de uma parteira, ajudando Cristo a nascer em nós hoje ou quando você leu pela primeira vez *O impostor que vive em mim*, ou então durante um dos retiros transformadores de vida da YoungLife. A insistência com que ele bateu na tecla do amor incondicional de Deus ecoou numa época em que muitos de nós estávamos “por aqui” com a religião e com a igreja e, talvez principalmente, com nós mesmos. Éramos as massas desorientadas, exaustas, pobres e sem amor próprio, ávidas por liberdade, e aí então apareceu um pregador cheio de remendos que sorriu e disse: “Vocês já foram libertos. Aba ama vocês. Venham, vamos tomar um sorvete”.

Brennan adorava ler, por isso encheu seus livros e as conversas que teve com as histórias que foi achando pelo caminho, histórias que sempre davam trama à invasão da graça em nosso mundo. Nesse espírito, gostaria de compartilhar com você uma cena do romance de Kent Meyer, *Twisted tree* [Árvore torta], e, embora ele nunca tenha lido esse romance, creio que o livro faz justiça à essência de Brennan Manning.

Na cena em questão, Caleb depara com um acidente: um carro de pontacabeça no arame farpado. Três policiais estão perto do carro, há alguém no chão debaixo de uma lona próximo deles. Caleb se sente tentado a não parar, mas para. Ele fora padre anteriormente, mas se apaixonou por uma mulher e deixou a batina. Agora é simplesmente um fazendeiro.

Uma indígena americana, que não estava usando cinto de segurança, havia sido lançada para fora do veículo. Um dos guardas diz que uma ambulância está a caminho. Caleb, então, decide ir embora porque não há mais nada que possa fazer. Quando ele se vira para deixar o local, ouve um dos policiais cochichar: “Ele era padre”. A cena na mesma hora muda de figura, a atmosfera ganha vida, quando se ouve uma voz — a da mulher — que diz: “Um padre?”. A ferida quer

se confessar. Caleb tenta demovê-la da ideia, mas ela insiste. O autor narra assim essa sequência:

“Uma vez padre, sempre padre. [...] Isso não muda nunca”, disse ela.

Acho que entendi o que ela quis dizer. A alma fica marcada pelos sacramentos, nada pode apagar essa marca, nem por omissão nem por comissão, nem por pensamento, palavra ou ação, porque o poder que me fora dado permanecia a despeito da fé. [...]

Fazia mais de vinte anos que não me sentia em estado de santidade, e eu me lembrava muito bem das antigas lições aprendidas: objetos sagrados exigiam, ao serem tocados, mãos consagradas. [...] Disse então a mim mesmo — tinha de dizer — que a graça não pode ser fragilizada por nada que um ser humano faça ou em que deixe de crer. Ela persiste pura, apesar de nós e por causa de nós.

Caleb inclina a fronte e começam ambos a proferir aquelas palavras tão conhecidas e tão antigas. A mulher ferida diz aquilo que precisa dizer e, em seguida, o padre alquebrado prescreve a penitência para o seu sofrimento. Caleb a perdoa e a abençoa.

“*Pilamaya*”, disse ela quando terminei.[\[36\]](#)

O termo grifado está em língua lakota. *Pilamaya* significa “obrigado”.

Brennan nunca deixou de nos lembrar insistentemente de nosso anseio mais profundo — que a graça, o amor incondicional de Deus por nós, flui perene, pura, apesar de nós e por causa de nós. Ele tem sido um padre entre nós, atendendo de forma indelével ao nosso sofrimento. Uma vez padre, sempre padre. Mas ele também caminhou alquebrado em nosso meio, dia após dia, perdoado e abençoado, como todos nós.

Obrigado, Brennan.

John Blase

Agora não há mais multidões,
não há mais luzes,
Ainda assim, tudo é graça.
Agora meus olhos estão envoltos
em uma noite sem fim,
Ainda assim, tudo é graça.
Agora vago pela noite e durmo durante o dia
Eu ainda assim ouço meu Pai dizer
“Tudo é graça”.

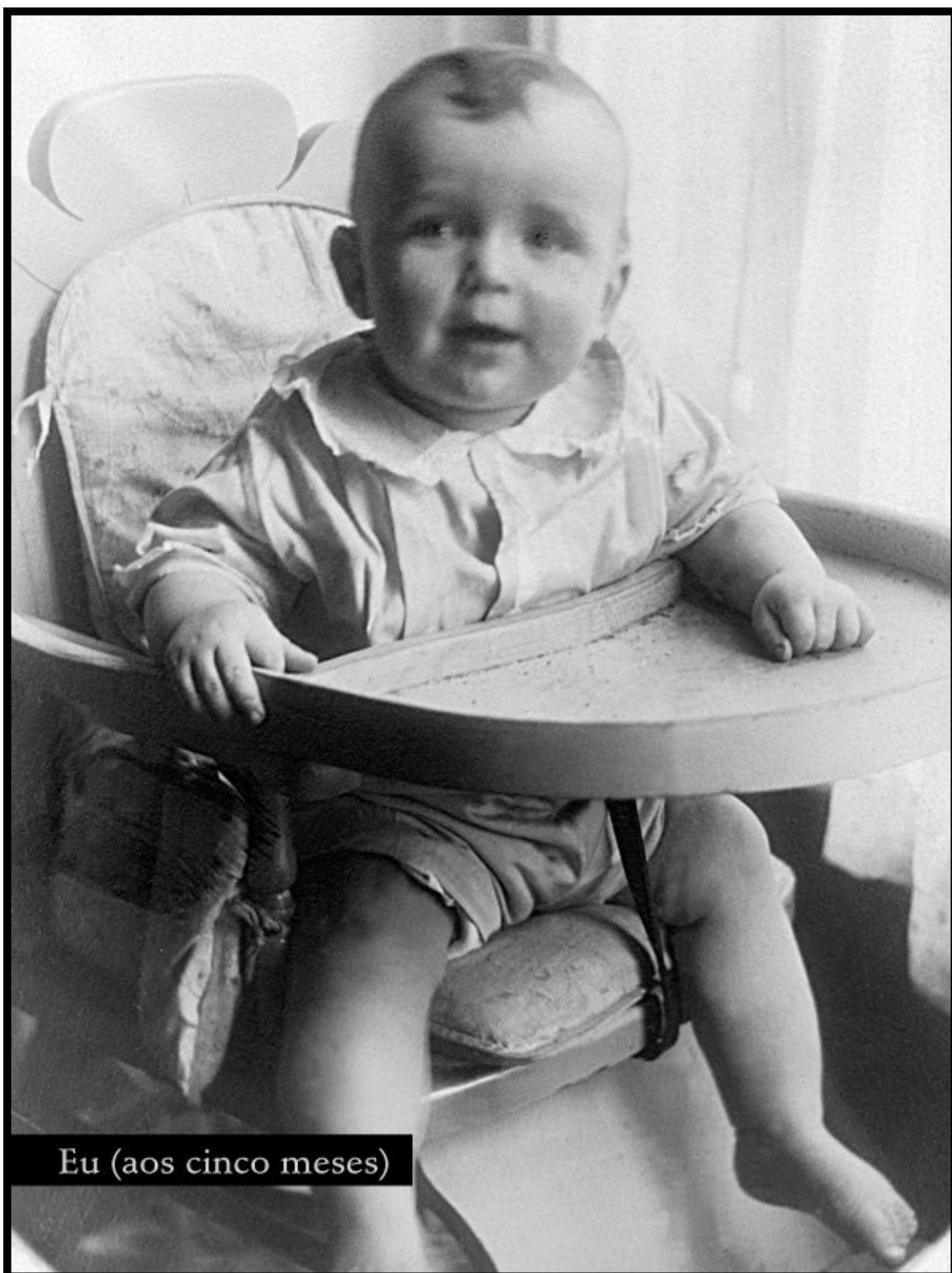
Era fácil quando jovem
Dissipar tudo em terra distante
Onde pecado era pecado, assim
como preto é preto.
Mas o pecado, velho irmão, é branco,
É a dúvida que me assalta à noite
“Será que Jesus ainda me ama?”

Agora tomo meus remédios e ouço o jogo,
Ainda assim, tudo é graça.
Agora, velhos amigos passam por
aqui e me abençoam,
Ainda assim, tudo é graça.
Agora um pródigo sempre serei,
Meu Pai ainda assim corre em minha direção.
Tudo é graça.

Galeria de



FOTOS



Eu (aos cinco meses)



Mamãe, eu (3) e Rob (4)



Eu (4)



Rob (atrás, à esquerda) e eu (na frente, no meio) em um lago do Canadá onde passamos muitos verões com a família e os amigos

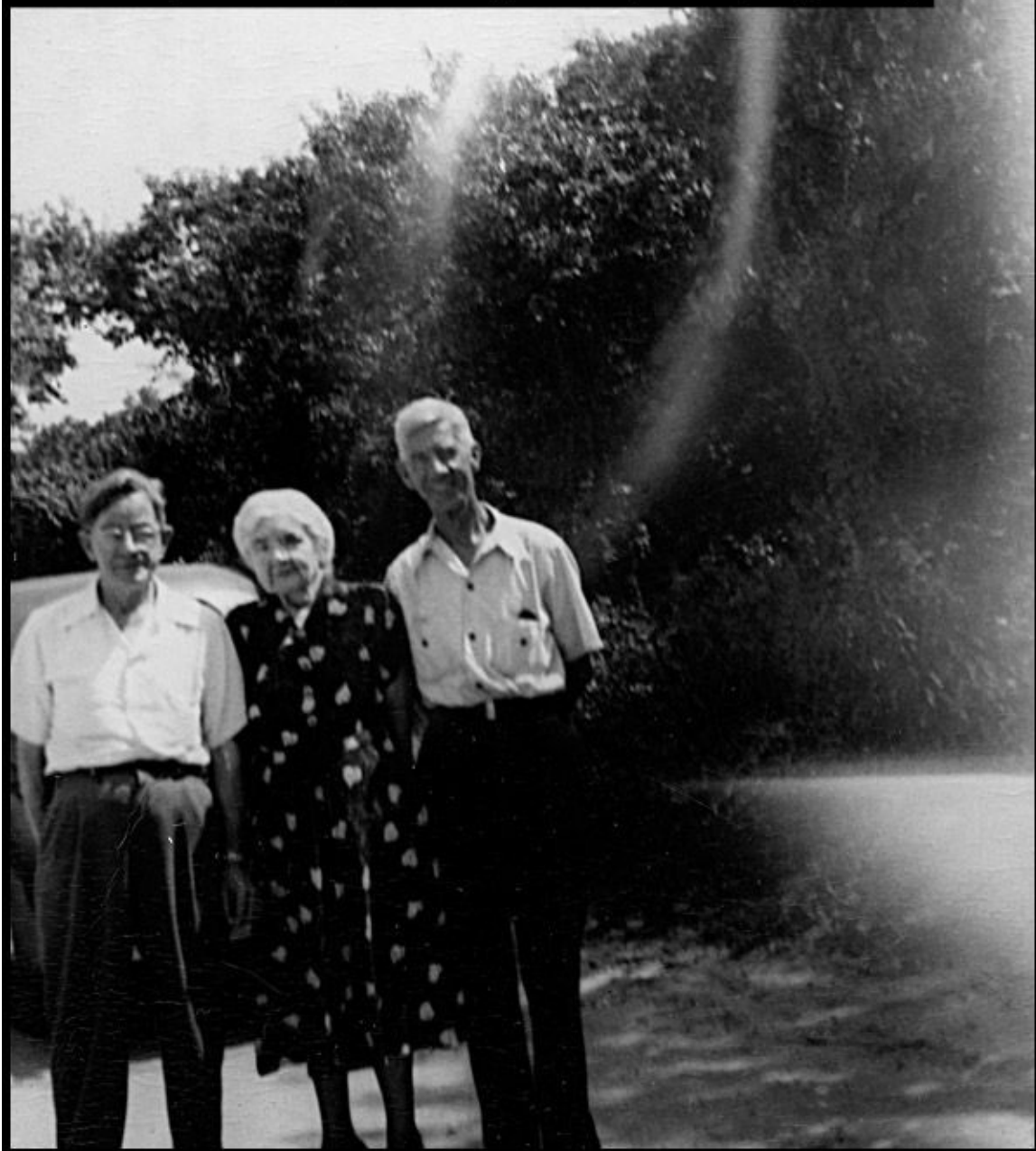
Rob (15), Gerry (5) e eu (14)





Mamãe e papai

Minha avó Anna Manning (no meio) com o marido, William (à direita), e um primo (esquerda)



Papai, eu e mamãe perto do seminário
em Loretto, na Pensilvânia



Eu e Gerry



Mamãe, eu e papai



Eu e minhas sobrinhas
Katie e Mary no Natal



Eu celebrei o casamento
de Gerry e Art



Papai, mamãe e eu no Natal

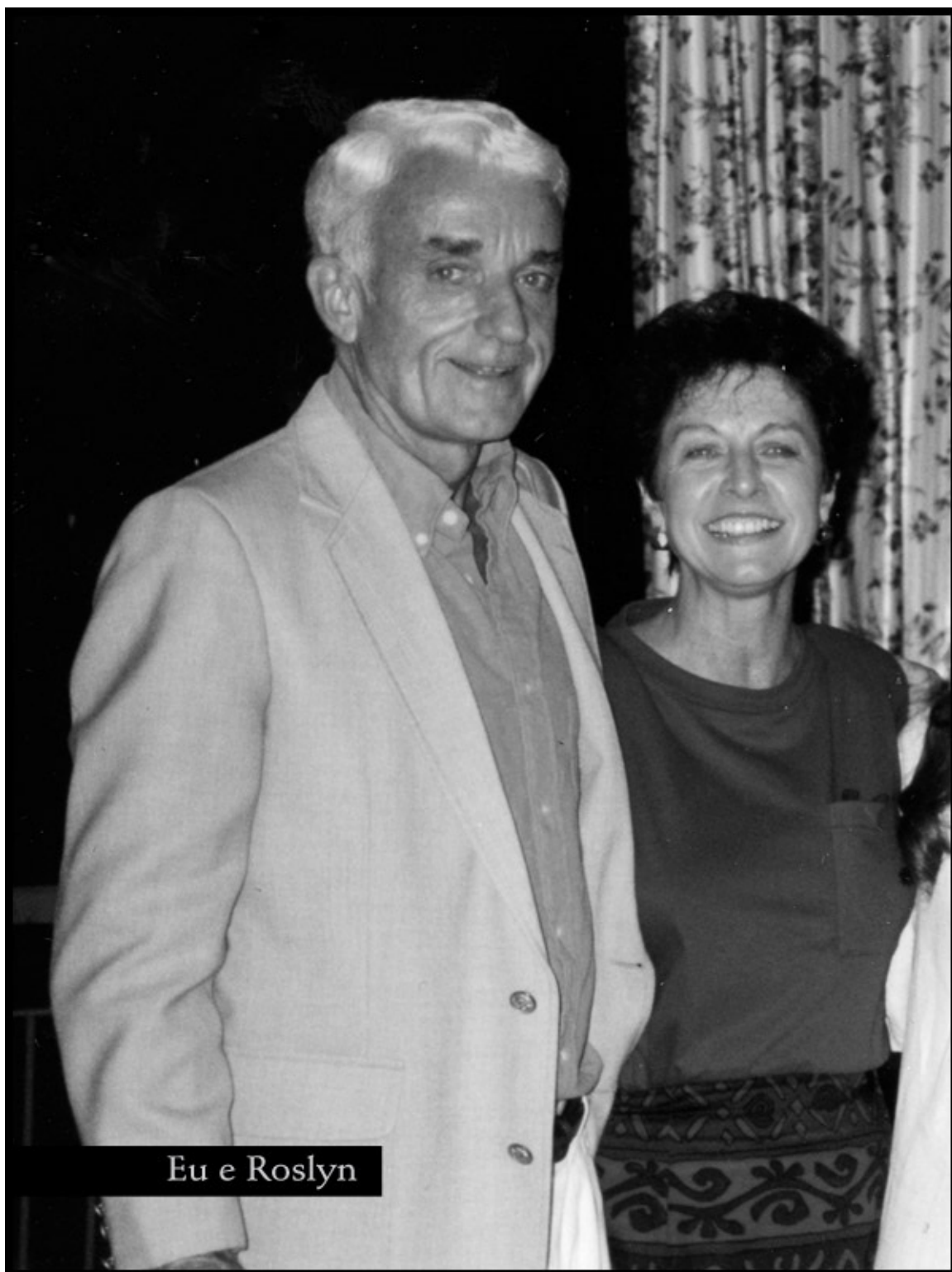




Eu e Roslyn com o dr. Francis MacNutt



Roslyn e eu no dia do nosso casamento



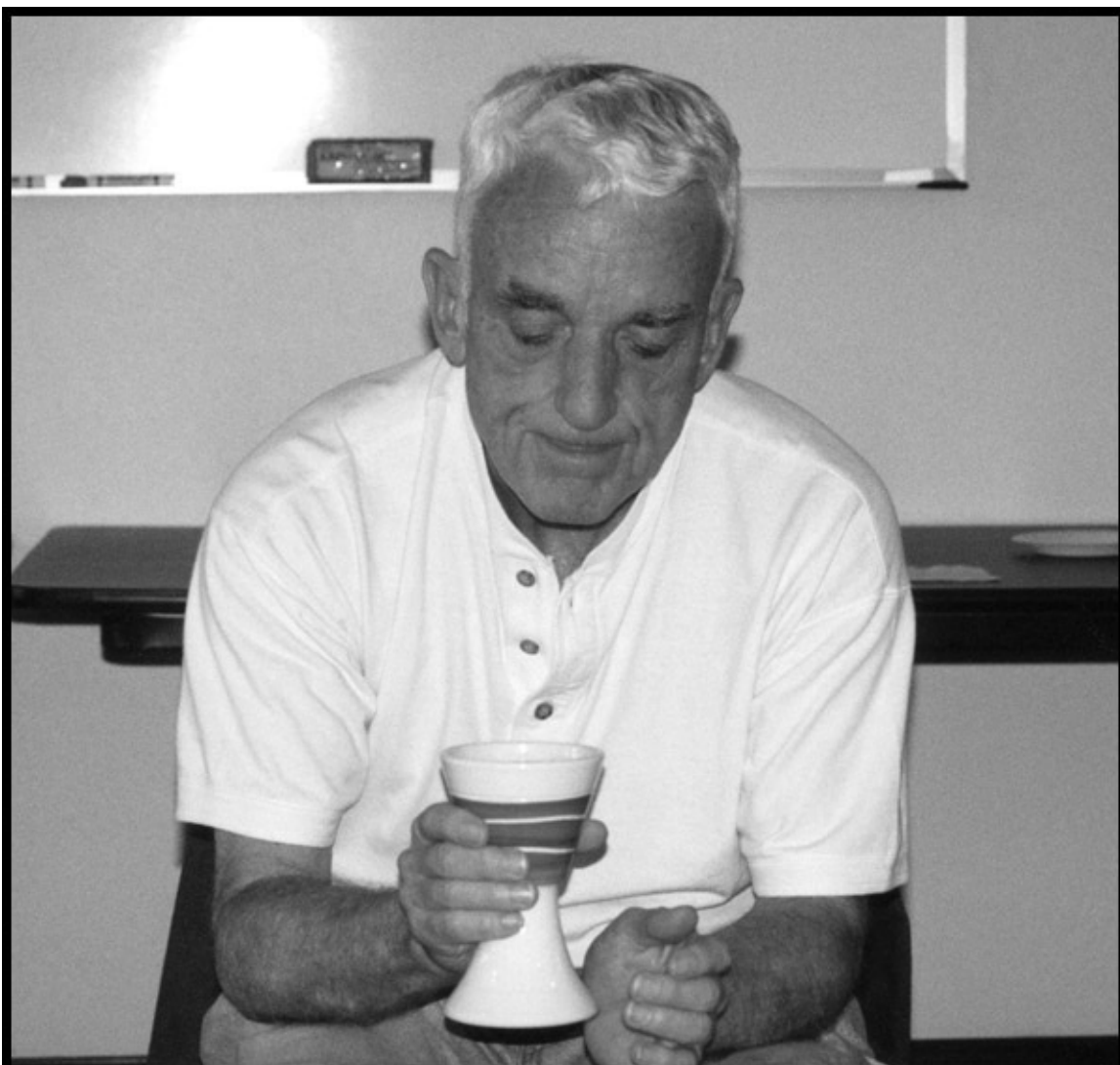




Notórios Pecadores: Gene Barnes, Alan Hubbard, John Peter Smith, Devlin Donaldson e eu



Notórios Pecadores: Lou, Bauer, Paul Sheldon, John Eames, Alan Hubbard, Mickey Elfers, Paul Johnston, Butch Farabow, eu, Bob Stewart e Ed Moise



Preparação para a comunhão em um
encontro dos Notórios Pecadores

Art (meu cunhado), Gerry e eu





Tomando sorvete com meu
agente, Rick Christian



Cartas

Eu (John) tive o privilégio de me reunir com os Notórios Pecadores em agosto de 2010, em Vail, no Colorado. Brennan não esteve presente fisicamente ao encontro, mas seu espírito, sem dúvida, estava conosco. Simpatizei imediatamente com esses homens de idades e experiências diferentes. Eles irradiavam uma coisa que haviam aprendido bem ao longo dos anos — graça. Convidei-os para que escrevessem uma carta de saudação a Brennan para este livro. Quando me perguntaram que tipo de carta exatamente eu queria, disse-lhes: “Não há regras”. Isso parece tê-los deixado muito satisfeitos.

*E lembre-se, meu amigo sentimental,
seu coração não é julgado pelo quanto você ama,
mas pelo quanto você é amado pelos outros*

L. Frank Baum

Caro Brennan,

Nós nos conhecemos no Quênia por ocasião do congresso do Programa de Educação Médica Contínua da Sociedade Odontológica Médica Cristã (CMDS-CME), do qual eu era diretor e você diretor espiritual do evento. Era, e ainda é, um programa que recicla e atualiza médicos e dentistas no campo missionário. Eu havia ouvido algumas fitas suas e fiquei fascinado por conhecê-lo. Como eu era diretor do programa e tinha controle sobre certas coisas, decidi então instalá-lo num quarto próximo ao meu no Centro de Congressos Batista de Brackenhurst, a uma hora de distância de Nairóbi. Lembro-me de que fiquei perplexo quando você me disse que estava um pouco receoso de ir à África, e de como se sentiu à vontade para me dizer isso um dia depois de nos conhecermos.

Havia missionários de todas as denominações, bem como conselhos diretores de mantenedores diversos mas, como era de esperar, o maior grupo presente era o IMB [Conselho Diretor de Missões Internacionais da igreja batista]. Alguns dos membros do conselho diretor do CMDS protestaram contra a presença de um franciscano renegado e casado, incumbido de dirigir um grupo que tinha apenas alguns missionários católicos. Contudo, os missionários se apegaram à sua mensagem de maltrapilho como refugiados diante de um caminhão-pipa. Com sua mistura de verdade profunda e licença poética, você alimentou pastores famintos e curou quem curava. Foi realmente impressionante. Quando você não pregava à noite, era sempre perseguido por uma torrente de missionários que lhe pediam um tempo em particular. Você convidou três ou quatro católicos, e a mim, para celebrarmos juntos a eucaristia de manhãzinha, antes do café. Lembro-me do meu espanto diante do fato de você ter trazido uma vela enorme que tomou boa parte do espaço da pequena e única mala que levou para a África. À luz daquela vela, na mistura de nossas vozes em antigas orações ritualísticas, entrei em um nível novo de intimidade com nosso Senhor e cheguei à conclusão de que os reformadores teriam agido bem se tivessem preservado essa forma de celebrar esse sacramento.

Pouco depois de voltarmos da África, fui de Louisville a Cincinnati para jantarmos juntos no encerramento de um retiro de fim de semana. Durante o jantar, você quis saber o que eu, um psiquiatra interessado em dinâmica de grupo, achava da ideia de me reunir com um grupo de cristãos, entre dez e catorze homens, durante uma semana, em que passaríamos algum tempo compartilhando e orando uns pelos outros. Diferentemente de outros retiros que você havia dirigido, este seria constituído por pessoas que não se conheciam umas as outras, e só você conhecia a todos. Nós nos reuniríamos no fim de semana. Você escolheria os participantes entre as pessoas que conhecera em suas viagens. Achei a ideia tão maluca que valia a pena tentar. Concordei em ajudar como pudesse. Daquela noite em diante, você passou a convidar os homens que se reuniriam pela primeira vez em Gulf Shores. Como você bem sabe, aquela seria a primeira e única reunião do grupo. No final, porém, queríamos todos nos reunir novamente no ano seguinte. E nunca mais paramos.

Cordialmente,

Bob

Brennan,

Amamos você e sentimos sua falta. Você sabe como Deus o usa em nossa vida através de seus livros e do nosso relacionamento pessoal. Queremos que saiba que estamos ao seu lado na atual etapa da sua vida e que continuamos a orar por você. Sua orientação mudou completamente a percepção que tínhamos de Deus e de como ele age em relação a nós. Seria impossível entender que Deus é nosso Aba se você não tivesse feito parte da nossa vida e não tivesse cristalizado na prática esse conceito para nós. Aprendemos também a ouvir aquela “vozinha suave” por meio da disciplina que recebemos de você, e é por isso que estamos hoje em lugar seguro.

Obrigado e que Deus o abençoe,

Butch e Suzie

Caro Brennan,

Oro todos os dias para que Deus cuide bem de você. Agradeço a ele por você estar num lugar seguro, na companhia de gente que olha com amor pelo seu bem-estar. Quando penso no socorro quase miraculoso que você dispensou a mim e à minha Lolly, me sinto imensamente grato. Não há dúvida de que se você não tivesse sido expulso daquela instituição católica em Providence e ido em seguida nos visitar, minha querida Lolly jamais teria se recuperado do alcoolismo! Você se lembra de ter celebrado uma missa em nossa casa depois que ela voltou a se tratar, e de ter consagrado trinta pequenas fatias de rosca para que ela pudesse comungar no quarto? E o milagre que Deus realizou quando a rosca que ficou na minha caixa de pães pegou um fungo verde, mas *nenhum dos trinta pedaços da Lolly foi afetado*! Imagine só! Como você sabe, a Lolly bebia exageradamente há mais de 25 anos, tinha passado por inúmeros centros de reabilitação até então e parecia destinada a morrer daquela doença. No entanto, a sua visita e a disposição dela de tentar novamente resultaram em 25 anos seguidos de sobriedade, tempo em que nós e nossos filhos vivemos no paraíso!

Você nunca escondeu de ninguém sua luta com a “criatura”! Eu lhe disse, e creio que é verdade, que o diabo fez de você um alvo especial e usou a bebida como arma! O diabo tem medo de você, irmão Brennan! Já lhe passou pela cabeça o que poderia ter feito, ou quem poderia ter sido, se não fosse pela bebida? A despeito disso, porém, você curou, embora ferido, e ajudou a levar centenas de milhares de pecadores a Cristo com um mantra muito simples: “Deus nos ama do jeito que somos — não como deveríamos ser”.

Minha esposa Lolly e eu estávamos a ponto de nos separar. Não achava que poderia continuar casado com alguém tão autodestrutivo. Mas eu queria consultá-lo primeiro antes de chamar um advogado. Quando telefonei, Roslyn disse que você estava a caminho de Providence, Rhode Island, onde passaria a semana num evento de renovação em uma igreja católica local. Roslyn disse também que você faria uma escala em Newark para trocar de avião. Fui então imediatamente para o aeroporto de Newark e, acredite se quiser, encontrei-o

no meio daquele aeroporto enorme! Conte-lhe o que estava acontecendo. Você me disse então que, em tais circunstâncias, a separação fazia sentido — depois de 25 anos de bebedeira. Voltei em seguida para casa, em Manhasset, Nova York. Cheguei cerca de três horas depois. Encontrei Lolly totalmente recomposta e sóbria como não a via fazia muito tempo. Ela me disse que você viria para o jantar! Aconteceu que alguns católicos mais conservadores da igreja que você fora visitar em Providence descobriram que você era casado e o denunciaram ao bispo, que proibiu sua palestra na paróquia. O que foi que você fez então? Ligou para Lolly e disse que gostaria de jantar conosco! Portanto, tive então de fazer meia-volta e pegá-lo no aeroporto de LaGuardia. Lolly foi uma anfitriã extremamente simpática e gentil. Ela o amava, Brennan. Depois do jantar, fui descansar, mas você e Lolly conversaram praticamente a noite toda. Ela havia jurado que não voltaria de jeito nenhum a se tratar, por isso dá para imaginar minha surpresa quando, na manhã seguinte (domingo), você me disse que Lolly tinha concordado em retomar o tratamento no hospital de Brunswick! Você também me perguntou se eu tinha Valium em casa, porque ela poderia ter convulsões se não tomasse um tranquilizante. Eu disse que não, e que seria impossível encontrar um médico no domingo que me prescrevesse o remédio. Mesmo assim, fui à farmácia perto de casa, que pertencia a um amigo (ele sabia da história de Lolly — os alcoólicos ativos são muito conhecidos) e ele me deu três comprimidos de Valium sem receita. (Ele podia ter perdido a licença!) Lolly tomou as pílulas e fomos para o hospital de Brunswick a cerca de 32 quilômetros de casa, em Long Island, onde ela já havia sido internada duas vezes.

Você decidiu passar alguns dias comigo em Manhasset. Todo dia de manhã, você celebrava a missa na minha sala de estar. Havia apenas rosquinhas em casa para fazer as vezes de “hóstia”. Eu cortava uma fatia fina do pão e você a consagrava juntamente com um pouco de suco de uva: eles eram o corpo e o sangue de Cristo! Eu lhe disse: “Brennan, seria sacrilégio se eu lhe pedisse para consagrar trinta pedacinhos de pão? Eu queria pô-los na minha píxide [recipiente onde se guarda a hóstia consagrada] e levá-los para Lolly. Sei que ela gostaria. Desse modo, Lolly poderia comungar durante os trinta dias de tratamento no hospital”.

Você disse: “Ótima ideia! Era isso que os cristãos primitivos faziam. Eles levavam a eucaristia às casas uns dos outros!”. Nem é preciso dizer como Lolly ficou alegre com esse presente sagrado. Ela guardou a píxide na gaveta da penteadeira e comungava diariamente com um pedacinho de rosca consagrado. Depois de alguns dias, você foi embora. Um dia de manhã, fui pegar a rosca que havia sobrado e fiquei surpreso ao ver que estava coberta de mofo! Eu havia me esquecido de que aquele pão não tinha conservantes e que eu deveria tê-la guardado na geladeira! Fui visitar Lolly naquele dia e disse a ela com pesar o que havia acontecido à “matriz” da rosca. Ela falou: “Não há sinal de fungo na píxide, e os pedacinhos de pão estão mais úmidos!”. Fiquei perplexo. Os pãezinhos não se deterioraram o tempo todo em que Lolly permaneceu em Brunswick. Brennan, não sei como você explicaria esse fenômeno, mas para mim foi um milagre. O resto da história é ainda mais miraculoso. Como você sabe, depois disso Lolly frequentou os Alcoólicos Anônimos e ficou sóbria pelo resto da vida — mais de 25 anos! Ela faleceu em 27 de setembro de 2009. Essa abstinência prolongada foi um presente para mim e para meus filhos. Foi o que tivemos de mais próximo do céu em vida.

Que Deus continue a abençoá-lo e a usá-lo!

Com amor,

John Peter

Brennan,

Ouvi duas caixas de fitas com mensagens suas antes de poder ter a bênção de vê-lo pregar em um retiro em Long Island, no início dos anos 1980. Ouvi-lo falar pessoalmente naquela sexta-feira, em Manhasset, virou meu mundo de cabeça para baixo com todas aquelas palavras regeneradoras sobre o amor de Jesus se derramando sobre mim, trazendo de volta aqueles momentos de cura que tive ao ouvir as fitas. Celebramos a missa nas primeiras horas da manhã do dia seguinte da forma que Jesus deve ter celebrado no cenáculo junto com os apóstolos. Depois, você pregou num retiro da minha paróquia e se hospedou na minha casa. Não pudemos divulgar o retiro porque temíamos que o bispo não permitisse sua presença, já que você havia se casado. Você me tranquilizou dizendo que se aparecesse uma pessoa apenas, então era porque o Senhor queria que aquela pessoa estivesse ali e ele se encarregaria do resto. A cada noite, graças ao boca a boca, o número de pessoas presentes triplicava!

Os momentos que passei na sua companhia ao longo dos anos que se seguiram foram preciosos: as vezes em que saímos juntos para tomar sorvete, as conversas que tivemos sobre nossos respectivos casamentos em seus momentos mais difíceis. O presente maravilhoso de ter sido convidado para participar das reuniões dos Pecadores foi uma dádiva sem igual, porque graças a ele pude cultivar amizades duradouras e profundas com os amigos que você tinha espalhados pelo país. O amor, o compartilhamento sincero e as tremendas gargalhadas que demos juntos no decorrer de dezessete encontros foram uma bênção e tanto para mim. Em sua sabedoria, você me fez compartilhar um quarto com um irmão que atravessava também tempos difíceis no casamento. Anos mais tarde, conheci minha esposa Júlia através do relacionamento que tinha com ele e sua nova esposa. Você sempre brincava dizendo que minha união com a Júlia foi uma das maiores bênçãos para o nosso grupo. Toda vez que compartilho com ela e com os dois filhos lindos que temos, penso nos muitos relacionamentos abençoados que se constituíram através da minha amizade com você.

Eu o amo,

John

Brennan,

Com o passar dos anos (já são vinte desde que nos conhecemos), me pego cada vez mais refletindo sobre os momentos mais intensos da vida, aquelas experiências que se insinuam sorrateiramente e, de repente, mudam tudo. Como você bem deve se lembrar, nossa amizade foi um desses momentos, resultante de dois telefonemas incomuns. Um amigo e eu tínhamos passado o dia juntos e, quando ele foi embora, me deu uma fita dizendo: “Ouça essa fita. Sua vida vai mudar”. Alguns dias depois, comecei a ouvir uma palestra que você havia dado intitulada “Pioneiros e colonizadores”, baseada em um livro de Wes Seeliger. Eu não tinha a menor ideia de quem era Brennan Manning, mas o conceito de Deus como desbravador que andava armado e bebia uísque sem gelo foi algo que me chamou a atenção. Tanto que quando você disse que morava em Nova Orleans, liguei para o serviço de informações, consegui seu número e telefonei imediatamente dizendo quem eu era. Precisava saber mais sobre esse Deus de quem você falava e sobre o homem por trás da voz grave, com discreto sotaque irlandês. Você disse: “Vou a Oregon no mês que vem e preciso de uma carona do aeroporto até o local onde vou dar uma palestra. Conversamos no caminho”.

Passados quatro anos e várias viagens de ida e volta ao aeroporto de Portland, quem recebe um telefonema inesperado sou eu. Depois de alguns gracejos, você diz: “Mick, vou reunir meus melhores amigos num final de semana de agosto e gostaria que você fosse também”.

Foi um convite simples que levou a um compromisso para o resto da vida com os Notórios Pecadores.

Desde então, eu e você já enterramos amigos, ouvimos confissões, rimos e choramos nos ombros um do outro e passamos por vales e montanhas juntos. Não foi nada fácil, foi tudo quase sempre muito complicado, mas nunca tedioso. Agora, no momento em que os Pecadores se preparam para se reunir novamente este ano, lembro-me de como dois simples telefonemas, diálogos breves, senso de humor e uma honestidade brutal podem unir duas pessoas pelo resto da vida.

Amo você, meu amigo. Fique sempre atento ao telefone. Espero que ele nunca pare de tocar.

Mick

Caro Brennan,

Já se passaram quase três décadas desde que nossos caminhos se cruzaram. Naquele tempo, nós dois parecíamos levar uma vida muito boa. Eu era diretor regional do YoungLife nas Carolinas, vivendo freneticamente para Deus e não com Deus. Minha vida pessoal confusa e meu ministério florescente não me deixavam tempo para a disciplina espiritual, para o cuidado da alma, o descanso necessário e o lazer. Contudo, o desejo de ter um ritmo mais sadio e com mais sentido na vida havia se tornado tão intenso que eu estava disposto a tentar qualquer coisa. Conforme ouvi você dizer várias vezes, “o recheio do biscoito estava escorregando pelas beiradas”.

Enquanto isso, sua estrela brilhava cada vez mais e com velocidade sempre maior nessa sua “atividade maltrapilha”, voando de um lugar para o outro, pregando, escrevendo livros e dando palestras em retiros. Quando liguei para você “do nada” pedindo sua ajuda, ficou claro que eu estava num estado desesperador. Você atendeu à minha ligação, me acolheu como hóspede de honra e mostrou o quanto é semelhante a Cristo. Se você imaginou que ao ser hospitaleiro comigo talvez estivesse “sem o saber [acolhendo] anjos”, não demorou muito para perceber: “Não, esse sujeito não é anjo de jeito nenhum”.

Humildemente você me abraçou com bondade e atenção sem medida, abrindo assim o caminho para que eu expusesse a condição real, porém encoberta, da minha alma deformada. Incansável, você ouviu minha confissão e, sem que eu soubesse, a cura da minha imagem de Deus começara. A maneira incondicional como você me aceitou me encheu de uma coragem fora do comum e me fez crer que Deus me aceitava também. Pouco a pouco, comecei a experimentar o carinho e o cuidado constantes de Jesus. Brennan, sua ênfase insistente no amor escandaloso do Aba deflagrou minha lenta recuperação de uma situação de desespero.

Hoje sei que se tivermos bastante sorte, chegará um tempo em que encontraremos alguém que deixará uma marca indelével em nossa vida. Alguém cujo caráter manifesta os frutos de uma caminhada espiritual profunda e cuja intimidade com Jesus é de tal forma contagiante que desperta em nós o

desejo de imitá-la. Você foi essa pessoa na minha vida.

Sua amizade tem sido como a sombra refrescante de uma árvore frondosa no calor do meio-dia. Você deu à minha alma um porto seguro, um santuário de proteção. Você tem sido um grande semeador de esperança, uma barreira contra a depressão, a causa de incontáveis gargalhadas. Acima de tudo, porém, você nunca quis nada de mim, exceto que eu fosse quem sou.

Sou, para sempre, um amigo grato a você.

Fil

Caro Brennan,

É impossível para mim imaginar os últimos quarenta anos da minha vida sem nossa amizade. Suas palestras e seus escritos me marcaram, mas foi sua amizade pessoal que fez toda a diferença. Foi muito importante para mim identificar a mensagem da verdade e do amor com um estilo de vida alegre e bons momentos. Nós dois conhecíamos e nos identificávamos com a teologia redentora da nossa fé e o chamado dela à fé e ao sacrifício. Nossa personalidade, porém, foi feita para mais do que o sacrifício apenas. Creio que no nosso caso — no meu caso, pelo menos, tenho certeza — nosso temperamento requer alegria e celebração!

Quando olho para trás, vejo o quanto ansiei para encontrar essas qualidades em um “homem de Deus”, um padre. Você foi um achado. Pude finalmente pôr juntos “a Palavra” e um estilo de vida que era considerado inferior na maior parte dos ambientes religiosos. Tive muito o que aprender. Quando nos conhecemos, eu não podia imaginar momentos de alegria e de celebração sem álcool. Foi uma aventura e tanto deixar o álcool para trás e acreditar que pudesse haver felicidade sem ele. Hoje, do outro lado, vejo como nossa amizade me fez uma pessoa mais forte. Sei agora que a alegria é o que acontece justamente quando “deixamos para trás”. A alegria é, de fato, nossa condição verdadeira e natural. E como tudo o mais, a alegria é um dom.

Já que, para mim, é impossível colocar em palavras o quanto nosso companheirismo é importante, vou dizer simplesmente obrigado!

Seu amigo,

Paul



Agradecimentos

A primeira linha de *A Prayer for Owen Meany* [Uma oração para Owen Meany], romance brilhante de John Irving, diz assim: “Sou cristão por causa de Owen Meany”. Se há algum brilho nas páginas que se seguem, devo também dar o devido crédito. Sou escritor graças às seguintes pessoas:

Rick Christian, meu agente na Alive Communications, que pacientemente me cutucou para que eu “terminasse a história”. Dan Rich, Don Pape e toda a criativa equipe da David C. Cook me surpreenderam por conquistar, por acreditar e por levar a cabo o aguardado término destas páginas. As sessões de entrevistas iniciais de Ken Gire foram essenciais para a conclusão destas memórias.

Paul Sheldon, Ed e Hillery Moise, Fil Anderson e Roslyn, com muito boa vontade, trouxeram novamente à tona lembranças de tempos bons, porém cheios de imperfeições terríveis, e o fizeram com um amor que eu não merecia. Os homens Notórios, que sabem quem são, fizeram de mim um pecador melhor.

E o meu amigo John.

Eu e meu amigo John Blase





Bibliografia

- Anderson, Fil. *Breaking the Rules*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2010.
- Antier, Jean-Jacques. *Charles de Foucauld*. San Francisco: Ignatius, 1999.
- Bernanos, Georges. *Diário de um pároco de aldeia*. São Paulo: É Realizações, 2011
- Buechner, Frederick. *Telling Secrets: A Memoir*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1991.
- Bunyan, John. *Grace Abounding to the Chief of Sinners*. London: Penguin Classics, 1997.
- . *O peregrino*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- Capon, Robert Farrar. *The Romance of the Word*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995.
- Carreto, Carlo. *Letters from the Desert*. New York: Orbis, 2002.
- Chouinard, Yvon. *Let My People Go Surfing*. New York: Penguin, 2005.
- Conrad, Joseph. *Lord Jim*. New York: Oxford University Press, 2008. [Publicado no Brasil com o mesmo título. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.]
- Eliot, T. S. *Collected Poems, 1909-1962*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1991.
- Glück, Louise. *The Wild Iris*. New York: HarperCollins, 1992.
- Harding, Paul. *Tinkers*. New York: Bellevue Library, 2009. [Publicado no Brasil com o título *A restauração das horas*. São Paulo: Nova Fronteira, 2011.]
- Irving, John. *A Prayer for Owen Meany*. New York: Ballantine Books, 1989.
- Johnson, Robert A. e Ruhl, Jerry M. *Balancing Heaven and Earth*. New York:

- HarperCollins, 1998.
- Kavanaugh, Padre James. *A Modern Priest Looks at His Outdated Church*. Highland Park, IL: Stephen J. Nash, 1967.
- Manning, Brennan. *A assinatura de Jesus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- _____. *Colcha de retalhos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
- _____. *Confiança cega*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.
- _____. *Convite à loucura*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- _____. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- _____. *O impostor que vive em mim*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- _____. *Journey of the Prodigal*. New York: The Crossroad Publishing Company, 2002.
- _____. *The Boy Who Cried Abba*. Berkeley: PageMill Press, 2001.
- Meyers, Kent. *Twisted Tree*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2009.
- Miller, Alice. *Prisoners of Childhood*. New York: BasicBooks, 1981.
- O'Connor, Flannery. "The Turkey", *Collected Works*. New York: Penguin, 1988.
- Oliver, Mary. "In Blackwater Woods", *New and Selected Poems*. Boston: Beacon, 1993.
- Rotterdam, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2003.
- Smith, Beth. *A Tree Grows in Brooklyn*. New York: Harper Perennial, 2005.
- The New English Bible*. New York: Oxford University Press, 1972.
- White, E.B. *Essays of E. B. White*. New York: HarperCollins, 1992.
- Yaconelli, Michael. *Messy Spirituality*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2002.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:

opinio-do-leitor@mundocristao.com.br

Acesse nosso *site*: www.mundocristao.com.br

- [1] “Anthem”. Álbum *The Future*. Sony, 1992. (N. do T.)
- [2] O livro de Georges Bernanos, publicado em 1936, ganhou versão para o cinema, em produção francesa de 1951, com direção de Robert Bresson. (N. do T.)
- [3] *Teeling Secrets: A Memoir*, p. 32-33.
- [4] *Essays of E. B. White*, p. 8.
- [5] *The Wild Iris*, p. 26.
- [6] A obra mencionada foi posteriormente reunida a outro título do autor, *Journey of the Prodigal*, resultando numa terceira obra intitulada *Colcha de Retalhos* (ver bibliografia). (N. do T.)
- [7] *Prisoners of Childhood*, p. 7.
- [8] P. 421
- [9] Idem, p. 6.
- [10] Jogo de rua semelhante ao beisebol. (N. do T.)
- [11] A atriz foi indicada ao Oscar de melhor atriz por sua atuação em *A noviça rebelde*, de 1965, dirigido por Robert Wise. Julie Andrews interpreta uma freira, que por não se adaptar às rígidas regras do convento, vai trabalhar como governanta na casa de um viúvo, pai de sete filhos, e acaba mudando a rotina da família. (N. do T.)
- [12] *Collected Works*, p. 752.
- [13] Direção de Marc Foster, Miramax, 2004.
- [14] Fabricante de bebidas destiladas. (N. do T.)
- [15] Estrela de Bronze, Estrela de Prata e Coração Púrpura são condecorações militares concedidas pelas Forças Armadas dos Estados Unidos. (N. do T.)
- [16] *Lord Jim*, p. 130.
- [17] No catolicismo romano, o Ângelus é uma prece litúrgica à virgem Maria recitada três vezes por dia, ao amanhecer, ao meio-dia e ao entardecer. (N. do T.)
- [18] Antier, Jean-Jacques. *Charles de Foucauld*, p. 104.
- [19] “Quarta-feira de cinzas”, *Poesia*. Editora Nova Fronteira, 1981. (N. do T.)
- [20] P. 11.
- [21] Em agosto de 1969, o furacão Camille atingiu o sul dos Estados Unidos com ventos de mais de 300 km/h, deixando 256 mortos, mais de 8 mil desabrigados

e um prejuízo de 7,5 bilhões de dólares. (N. do T.)

[22] P. 134.

[23] Richard Rogers e Oscar Hammerstein consagraram-se como compositores de musicais da Broadway nas décadas de 1940 e 1950, além de trilhas para o cinema e a televisão. (N. do T.)

[24] Epílogo.

[25] Idem, p. 11.

[26] No Brasil, a entidade é conhecida como Alvo da Mocidade. (N. do T.)

[27] *New and Selected Poems*.

[28] P. 61.

[29] P. 16.

[30] “Frye’s Lies”, *Entertainment Weekly*, <www.ew.com/ew/article/0,1155752,00.html>, par. 4. Acessado em 3 de jun. de 2011.

[31] P. 173-174.

[32] P. 30-31.

[33] P. 81-81.

[34] *The Romance of the Word*, p. 20.

[35] Os cajuns são descendentes de colonizadores franceses expulsos do Canadá e que se fixaram no sul do estado da Louisiana a partir do século 18. (N. do T.)

[36] P. 234, 237-239.



O evangelho maltrapilho

Manning, Brennan

9788573258240

196 páginas

[Compre agora e leia](#)

O evangelho maltrapilho foi escrito para pessoas aniquiladas, derrotadas e exauridas. Pessoas que se acham indignas de receber o amor de Deus. Quem sabe, ignoradas pela comunidade de cristãos por não se encaixarem no perfil de super-homem ou de supermulher que lhes é constantemente exigido. Pessoas cansadas da espiritualidade superficial e consumista. Pessoas que travam inúmeras batalhas interiores por não se sentirem parte de uma comunidade afetiva e acolhedora. É um livro que escrevi para mim mesmo e para quem quer que tenha ficado cansado e desencorajado ao longo do Caminho, confessa o autor. Franco e provocador, o aclamado filósofo e teólogo cristão Brennan Manning estréia em língua portuguesa com sua principal obra, que nos convida a depositar nossa esperança na amplitude da graça, capaz de alcançar pecadores e pobres em espírito, e de resgatar nossa dignidade original. No mínimo, você não ficará indiferente a ela.

[Compre agora e leia](#)



Guia-me, Espírito Santo

Omartian, Stormie

9788573258646

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O maior presente que Deus pode dar aos seus filhos é o Espírito Santo. E o que Stormie Omartian ensina neste livro é como caminhar no poder e na presença dele em todas as áreas da vida. Conheça o Espírito Santo, aprenda a ouvir sua voz suave quando ele fala ao seu coração. Ele quer ajudar você a ter um relacionamento com Deus, a cumprir o plano perfeito que ele tem para você e a enxergar o cumprimento das promessas divinas em sua vida. Mais do que isso, o Espírito Santo quer guiar você.

Acredite em seu imenso amor e seja preenchido com sabedoria e orientação para trilhar o caminho que Deus tem para você.

[Compre agora e leia](#)

John Ortberg

O DEUS QUE ABRE PORTAS

Como identificar
e agarrar as melhores
oportunidades



O Deus que abre portas

Ortberg, John

9788543302256

190 páginas

[Compre agora e leia](#)

Permanecer estático e acomodado não é algo que o Deus da Bíblia costuma ordenar a seu povo. Pelo contrário, ele muitas vezes nos abre portas e nos convida a atravessá-las e caminhar rumo a algo novo e desconhecido. Saber reagir ao chamado é a diferença entre viver de acordo com a vontade de Deus ou recusá-la.

John Ortberg, autor consagrado mundialmente, nos ensina a reconhecer as portas que nos são abertas. Ele nos incentiva e nos encoraja a abraçar o desconhecido e a desfrutar as maravilhosas experiências que o Senhor deseja nos proporcionar, pois a porta que Deus abre ninguém é capaz de fechar.

Siga em frente, atravesse essa porta e experimente oportunidades que terão repercussões eternas.

A porta aberta é a grande aventura da vida, pois significa a possibilidade de ser um instrumento na mão de Deus. Mais que isso. Significa abandonar a mesmice, renovar o pensamento, dar significado à vida e responder positivamente ao chamado de Deus.

Descubra e surpreenda-se com os cuidados de Deus com você. Aproveite as oportunidades que ele lhe concede de fazer a vida valer a pena.

[Compre agora e leia](#)

kevin leman

é seu filho, não um *hamster*

Reduza o
estresse na
educação das
crianças



É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin

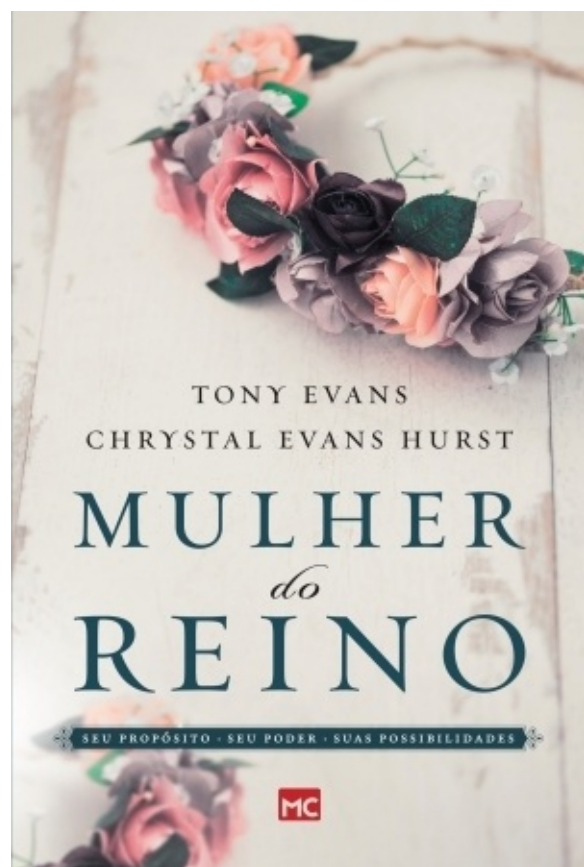
9788573258356

249 páginas

[Compre agora e leia](#)

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

[Compre agora e leia](#)



Mulher do reino

Evans, Tony

9788543301600

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mulher do reino é chamada e capacitada para ter uma vida vitoriosa por meio de Cristo!

Nesta obra singular, Tony Evans e sua filha Chrystal Evans Hurst definem a mulher do reino como aquela que se submete à autoridade de Deus e sob ela age em todas as áreas de sua vida.

A mulher do reino reflete a imagem de Deus de modo extraordinário e, por isso, influencia positivamente as pessoas com as quais se relaciona. Sua vida não se limita ao aqui e agora. Em vez disso, sua visão alcança dimensões eternas.

É importante lembrar, contudo, que não se trata de mais um livro que exige da leitora comportamentos inalcançáveis e com resultados frustrantes. É possível, sim, ser uma mulher do reino hoje, consciente de suas falhas e conectada com a

realidade, mas, e sobretudo, conectada com Deus.

Esta obra não visa a fornecer meras informações para, em seguida, abandoná-la em conjecturas que lhe tragam um sentimento de condenação e culpa. Cada capítulo não só reúne larga dose de encorajamento e incentivo, mas também mostra, de modo bíblico e prático, como desenvolver a fé que conduz ao milagre que você anseia ver realizado em sua família, igreja ou comunidade.

O objetivo dos autores é que esse conhecimento se transforme num instrumento capaz de fazê-la encarar as adversidades com coragem e segurança, em vez de recuar, acomodar-se ou desesperar-se diante delas.

Então, mergulhe de cabeça nesta leitura. Você sairá fortalecida para percorrer a jornada à sua frente.

[Compre agora e leia](#)